

UERJ

Dissertação de Mestrado em Engenharia Ambiental

PROPOSTA DE PROTOCOLO PARA PROJETO DE ENGENHARIA DE REATORES ANAERÓBIOS DE FLUXO ASCENDENTE COM MANTA DE LODO

Autor: Ernani de Souza Costa

Orientador: Professor Doutor Olavo Barbosa Filho

Co-orientador: Professor Doutor Gandhi Giordano

Curso de Mestrado Profissionalizante em Engenharia Ambiental

Março - 2009



Faculdade de Engenharia

PROPOSTA DE PROTOCOLO PARA PROJETO DE ENGENHARIA DE REATORES ANERÓBIOS DE FLUXO ASCENDENTE COM MANTA DE LODO

Autor: Ernani de Souza Costa

Dissertação submetida ao corpo docente da Faculdade de Engenharia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Engenharia Ambiental

Orientador: Professor Doutor Olavo Barbosa Filho

Co-orientador: Professor Doutor Gandhi Giordano

Curso de Mestrado Profissionalizante em Engenharia Ambiental

Rio de Janeiro
Março – 2009

Março – 2009

Ficha Catalográfica

COSTA, ERNANI DE SOUZA

Proposta de Protocolo para Projeto de Engenharia de Reatores Anaeróbios de Fluxo Ascendente com Manta de Lodo [Rio de Janeiro] 2009.

viii, 96 p. 29,7 cm (FEN/UERJ, M.Sc., **Curso de Mestrado Profissionalizante em Engenharia Ambiental** – Área de Concentração de Controle de Efluentes Líquidos e Emissões Atmosféricas, 2009)

Dissertação - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

1. Saneamento

I. FEN/UERJ II.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os amigos e companheiros que sempre incentivaram e apoiaram minhas ações em prol do Saneamento Básico no Brasil e em especial esta dissertação.

Agradeço em especial ao Eng. John Charles Henney, amigo e compadre, e meu maior indutor na execução deste Curso de Mestrado, e ao meu filho Thiago Peva Costa pela paciência em desenhar, detalhar e revisar inúmeras vezes as figuras por mim idealizadas.

O autor enaltece, a inspiração de seu tema a um dos mais importantes engenheiros sanitaristas de nossa atualidade, cuja busca do conhecimento é incansável. Exemplo de postura e técnica, aliadas a um conhecimento sempre atualizado do estado da arte nos processos de tratamento dos esgotos sanitários em todos os cantos do planeta. Engenheiro com louvor, apoiado em cursos de Mestrado e Doutorado, consegue ainda agregar a missão de Escritor, Pesquisador e Mestre. O Eng. Eduardo Pacheco Jordão é um verdadeiro ícone de nossa atualidade no saneamento e ter a possibilidade de suas indicações técnicas é uma honra.

Ao seu Orientador, Professor Doutor Olavo Barbosa Filho, e ao seu co-orientador, Professor Doutor Gandhi Giordano, pela forma profissional e amigável com que atuam na sua tarefa de ensinar, sua maior missão na terra.

RESUMO

Esta dissertação apresenta a metodologia para o Projeto de Engenharia de Reatores Anaeróbios de Fluxo Ascendente com Manta de Lodo para tratamento de esgoto sanitário. A metodologia desenvolvida apresenta os parâmetros de cálculo e os condicionamentos técnicos físicos envolvidos no projeto e construção da unidade de tratamento.

O trabalho contém uma proposta de protocolo para o projeto, construção e operação do Reator UASB.

ABSTRACT

This disquisition presents a methodology for the Project of Anaerobic Reactors Engineering of Sludge Blanket for sanitary sewage treatment. The methodology developed presents the calculus parameters and physic technical involved in the project and construction in the treatment unit.

The work contains a protocol propose for the project, construction and operation of UASB Reactor.

ÍNDICE GERAL

Página	
	INTRODUÇÃO.....1
	1. OBJETIVOS.....4
	1.1. Objetivo Principal.....4
	1.2. Objetivos Específicos5
	2. PRINCÍPIOS DA DIGESTÃO ANAERÓBIA6
	2.1 Introdução.....6
	2.2 Características do Esgoto Sanitário.....6
	2.3 Microbiologia.....10
	2.4 Metabolismo Bacteriano11
	2.5 Rotas Básicas do Processo Biológico12
	2.6 Parâmetros Biocinéticos17
	2.7 Parâmetros de Controle25
	3. REATORES ANAERÓBIOS DE FLUXO ASCENDENTE E MANTA DE LODO.....29
	3.1 Arquitetura Básica dos Sistemas de Tratamento Anaeróbios.....29
	3.1.1 Sistemas Anaeróbios Convencionais.....30
	3.1.2 Sistemas de Alta Taxa31
	3.1.2.1 Sistemas de Alta Taxa com Crescimento Aderido32
	3.1.2.2 Sistemas de Alta Taxa com Crescimento Disperso35
	3.2 Princípios do Processo dos Reatores UASB.....42
	3.3. Configurações Típicas dos Reatores UASB.....44
	3.4. Critérios e Parâmetros de Projeto de Reatores UASB.....46
	3.4.1. Carga orgânica volumétrica.....47
	3.4.2. Carga hidráulica volumétrica e tempo de detenção hidráulica.....48
	3.4.3. Carga Biológica (Relação Alimento/Micro-organismo).....49
	3.4.4. Velocidade superficial do fluxo.....51

3.4.5. Velocidades Ascencionais.....	52
3.4.6. Avaliação da produção de biogás.....	52
4. ENGENHARIA DE MATERIAS NOS REATORES ANAERÓBIOS DE FLUXO ASCENDENTE E MANTA DE LODO (UASB).....	56
4.1. Corrosão, Segurança e Operação – Abordagem.....	56
4.2 Principais Materiais empregados na Construção do UASB.....	57
4.2.1. Concreto	57
4.2.2. Aço.....	58
4.2.3. Materiais Plásticos.....	59
4.3 Aspectos Operacionais.....	60
5. PROPOSTA DA INVESTIGAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	63
5.1 Abordagem.....	63
5.2 Geometrias e Cinéticas Hidráulicas.....	65
5.2.1. Tratamento Preliminar.....	66
5.2.2. Tempo de Detenção Hidráulica.....	68
5.2.3. Profundidade.....	71
5.2.4. Sistema de Distribuição.....	71
5.2.5. Velocidades	72
5.2.6. Defletores.....	74
5.2.7. Decantação.....	74
5.2.8. Escuma.....	75
5.2.9. Gás.....	76
5.2.10. Lodo.....	78
5.3 Materiais de Construção	79
5.4 Aspectos Operacionais	81
6. PROPOSTA DE PROTOCOLO.....	83
6.1 Tratamento Preliminar.....	83
6.2 Tempo de Detenção Hidráulica.....	83

6.3 Profundidade Útil.....	84
6.4 O Sistema de Distribuição.....	84
6.5 Velocidades	84
6.6 Defletores.....	84
6.7 Decantação.....	85
6.8 Escuma.....	85
6.9. Gás.....	85
6.10. Lodo.....	86
6.11 Materiais de Construção.....	86
6.11.1 Concreto.....	86
6.11.2 Aço.....	87
6.11.3 Materiais Plásticos.....	87
6.12 Procedimentos Operacionais.....	87
7.CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES.....	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93

NOMENCLATURA ADOTADA

AME – Atividade Metanogênica Específica

AGV – Ácidos graxos voláteis

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DBO – Demanda Bioquímica de Oxigênio (mg/L)

DBO_f – Demanda Bioquímica de Oxigênio filtrada (mg/L)

DQO – Demanda Química de Oxigênio (mg/L)

DQO_f – Demanda Química de Oxigênio filtrada (mg/L)

ETE – Estação de Tratamento de Esgotos

FINEP – Financiadora de Estudos e Projetos

pH – Potencial Hidrogeniônico

PNSB – Pesquisa Nacional de Saneamento Básico - IBGE

PROSAB – Programa de Pesquisa em Saneamento Básico

Q – Vazão (m³/d)

SST – Sólidos Suspensos Totais (mg/L)

SSV – Sólidos Suspensos Voláteis (mg/L)

ST – Sólidos Totais (mg/L)

SVT – Sólidos Voláteis Totais (mg/L)

T – Temperatura média no meio líquido (°C)

TDH – Tempo de Detenção Hidráulica (h)

UASB – “Upflow Anaerobic Sludge Blanket Reactor” - Reator Anaeróbio de Fluxo Ascendente e Manta de Lodo

LISTA DE TABELAS

TABELA	TÍTULO	PÁGINA
1	Vantagens e Desvantagens dos Reatores UASB	02
2.1	Contaminantes Importantes de Interesse no Tratamento de Esgotos	06
2.2	Características e Fontes de Águas Residuais	07
2.3	Reações de Oxidação e Redução	10
2.4	Reações Acetogênicas	15
3.1	Velocidades Ascensionais em função da Vazão Afluente	52
3.2	Esquema de Conversão da DQO_{total} em um Reator UASB	52
4.1	Ensaio Visual, Não destrutivos com Líquido Penetrante e Ultra-som.	58

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	TÍTULO	PÁGINA
2.1	Diagrama Esquemático do Fluxo de Carbono no Processo de Digestão Anaeróbia adaptado de METCALF & EDDY, 1991	12
2.2	Fluxo de Energia no Processo de Digestão Anaeróbia adaptado de METCALF & EDDY, 1991	14
2.3	Influência da temperatura sobre a taxa de digestão anaeróbia na faixa mesofílica (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994)	18
2.4	Influência da temperatura sobre o grau e a taxa de digestão anaeróbia de lodo primário (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994)	19
2.5	Efeitos da Temperatura na Atividade Relativa de Produção de Metano em Bactérias Metanogênicas (BICALHO, 2007).	20
2.6	Índices de tamponação como função do pH para sistemas ácido/base provavelmente presentes em sistemas de tratamento anaeróbio de esgotos (VAN HAANDEL e LETTINGA, 1994).	21
2.7	Efeitos do pH na Atividade Relativa de Produção de Metano em Bactérias Metanogênicas (BICALHO, 2007)	22
2.8	Perfil de Crescimento Bacteriológico (METCALF & EDDY, 1991)	26
3.1	Tipos de Sistemas Anaeróbios de Alta Taxa	32
3.2	Reatores de Leito Fixo	33
3.3	Reatores de Leito Expandido e Fluidificado	34
3.4	Reatores de Leito Rotatório	35
3.5	Reatores de Dois Estágios	36
3.6	Reatores de Chicanas	37
3.7	Reatores de Leito Granular Expandido	38
3.8	Reatores com Recirculação Interna	39
3.9	Reatores com Manta de Lodo	41
3.10	Esquema do Processo de um reator UASB	43
3.11	Representação esquemática de um reator UASB retangular	45
3.12	Representação esquemática de um reator UASB circular	46
5.1	Planta Baixa do UASB	64

5.2	Vista Frontal do UASB	64
5.3	Vista Frontal do UASB	65
5.4	Perspectiva Geral do UASB	65
5.5	Sistema de Gradeamento	67
5.6	Desarenação	68
5.7	Arquitetura Volumétrica Interna do Reator UASB	70
5.8	Sistema de Distribuição de Esgoto Afluente ao UASB	72
5.9	Calhas de Efluente e Anteparo de Escuma	76
5.10	Sistema de Tubulações de Amostragem e Descarte de Lodo	79

INTRODUÇÃO

No Brasil persiste nas últimas décadas, um déficit acentuado em tratamento de esgotos gerados por seus habitantes que redundam em um meio ambiente hídrico cada vez mais deteriorado, seja para o uso recreacional, da população ou, o mais grave, para o abastecimento público e a irrigação das plantações que servem de alimento para esta mesma população. Este fato se mostra como o maior desafio de nossos administradores e também dos sanitaristas brasileiros na busca de técnicas de baixo custo de implantação e operação. O PNSB – 2000 (Pesquisa Nacional de Saneamento Básico do IBGE) mostra que no Brasil, somente 20% dos esgotos são coletados e tratados.

Perante este quadro nebuloso, desenvolveram-se no País diversas técnicas de tratamento dos esgotos sempre em busca das formas que pudessem realmente inferir em uma real redução substancial de custos.

No Nordeste do País vieram as boas notícias através do tratamento dos esgotos a partir de Lagoas de Estabilização, desenvolvendo-se exaustivas pesquisas de modulações, formas, seqüências de lagoas diferenciadas, modificando inclusive as conceituações matemáticas de cálculo adaptando-as as nossas favoráveis condições climáticas. Deve-se sempre rememorar o trabalho do Prof. Salomão Anselmo Silva e seus colaboradores, que inundaram os Congressos de Engenharia Sanitária de farto material didático sobre o tema. As Lagoas de Estabilização são francamente econômicas operacionalmente falando e de grande potencial de tratabilidade dos esgotos, contudo trazem contra si as dificuldades de obtenção de extensas áreas nos grandes centros urbanos, seja pela disponibilidade, seja por seu elevado custo.

Por outro lado ao Sul do País, mais propriamente do Paraná, vinham as boas novas das propriedades econômicas dos sistemas anaeróbios de alta taxa, os quais possuem a capacidade de reter grandes quantidades de biomassa no sistema, com uma enorme capacidade de atividade biológica. Da mesma forma devem-se reverenciar os diversos trabalhos do incansável Prof. Celso Savelli Gomes, o qual desenvolveu pesquisas e as materializou em diversas unidades de tratamento na SANEPAR, onde atuava como engenheiro da Companhia.

Toda a base teórica do desenvolvimento do processo em reatores de manta de lodo foram concebidos na Holanda, em particular do Professor Gatze Lettinga Titular da Universidade de Wageningen – Holanda, inventor do reator UASB, ganhador em 1992 do prêmio Karl-Imhoff

da International Association for Water Quality, em 2000 do prêmio Royal Shell, e ainda os títulos de Doctor Honoris Causa pela Universidade de Valladolid e pela Universidade de Santiago de Compostela– Espanha.

Em 1999, o PROSAB (Programa de Pesquisa em Saneamento Básico) financiado pela FINEP, CNPq e CEF, teve em seu primeiro edital, o tema 2: “Tratamento de Esgotos Sanitários por Processos Anaeróbios e por Disposição Controlada no Solo”. Este fato, face aos resultados obtidos, foi preponderante para disseminar no Brasil, o processo de tratamento anaeróbio através dos reatores Anaeróbios de Fluxo Ascendente e Manta de Lodo, nominados na ocasião como UASB (Upflow Anaerobic Sludge Blanket Reactors).

Atualmente o Reator de Manta de Lodo para o tratamento de esgotos domésticos é uma realidade no Brasil. No caso de clima quente, como é comum na maioria das regiões brasileiras, o processo anaeróbio através de reatores de manta de lodo apresenta inúmeras vantagens em relação aos processos aeróbios convencionais, pesando negativamente somente o aspecto da emissão de odores quando alguns parâmetros biológicos não são controlados pela engenharia de projetos. A tabela 1 a seguir apresenta as principais vantagens e desvantagens dos processos anaeróbios.

Tabela 1 – Vantagens e Desvantagens dos Reatores UASB

Vantagens	Desvantagens
<ul style="list-style-type: none"> • Baixa produção de sólidos, cerca de 2 a 8 vezes inferior à que ocorre nos processos aeróbios; • Baixo consumo de energia, usualmente associado a uma elevatória de chegada. Isso faz com que os sistemas tenham custos operacionais muito baixos; • Baixa demanda de área; • Baixos custos de implantação, da ordem de 20 a 30 dólares per capta; • Produção de metano, um gás combustível de elevado teor calorífico; • Possibilidade de preservação da biomassa, sem alimentação do reator, por vários meses; • Tolerância a elevadas cargas orgânicas; • Aplicabilidade em pequena e grande escala; • Baixo consumo de nutrientes. 	<ul style="list-style-type: none"> • Remoção de nitrogênio, fósforo e patógenos insatisfatória; • Produção de efluente com aspecto desagradável e usualmente com qualidade insuficiente para atender os padrões ambientais. Em decorrência, alguma forma de pós-tratamento é normalmente necessária; • Possibilidade de distúrbios devido a choques de carga orgânica e hidráulica, presença de compostos tóxicos ou ausência de nutrientes; • A bioquímica e a microbiologia da digestão anaeróbia são complexas e ainda precisam ser mais estudadas; • A partida do processo pode ser lenta, na ausência de lodo de semente adaptado; • Possibilidade de geração de maus odores e de problemas de corrosão, porém controláveis.

Fonte: CHERNICHARO, C. A. de L., 2008, pág. 25

É fato que a reduzida taxa de crescimento da biomassa anaeróbia, em especial as bactérias metanogênicas, traz a necessidade da observação de detalhes dimensionais durante a fase de projeto, já que a recuperação do sistema é lenta quando a biomassa anaeróbia sofre condições imprevistas.

A potencialidade da experiência do projetista em associar as condições teóricas de funcionamento ao comportamento efetivo de uma unidade de tratamento de esgotos deve ser traduzida em condicionamentos específicos das ordens ou especialidades envolvidas na elaboração dos projetos.

1. OBJETIVOS

1.1 Objetivo Principal

O objetivo principal que instaurou a investigação desenvolvida neste trabalho é a de obter um protocolo de projeto de engenharia de reatores anaeróbios de fluxo ascendente com manta de lodo com base em uma análise detalhada dos trabalhos científicos brasileiros apresentados nos últimos congressos de engenharia sanitária realizados no país e as observações expostas nas metodologias de diversos autores sobre o tema.

Tal protocolo visa apresentar todas as condicionantes necessárias ao projeto para o pleno funcionamento de um Reator UASB e com este objetivo, expõe os conteúdos correspondentes e, por fim, informa as conclusões auferidas. A pesquisa buscou promover a definição dos tópicos principais investigados por inúmeros outros pesquisadores, de maneira que os seus resultados possam, responsavelmente, contribuir a uma melhor compreensão do objeto investigado.

O presente trabalho é decorrente da pesquisa, de seus resultados e tem como objetivo geral expor condicionantes de projeto que venham a contribuir para a otimização das técnicas empregadas no tratamento de esgotos orgânicos pelo processo de reatores anaeróbios dotados de manta de lodo.

Além da ampla bibliografia nacional e internacional, a pesquisa bibliográfica foi focalizada em trinta e cinco trabalhos brasileiros apresentados nos Congressos da ABES – Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental, nas edições números 21^a realizada em 2001 no Rio de Janeiro à 24^a realizada em 2007 em Belo Horizonte, por serem estes os mais profícuos com relação a resultados da pesquisa brasileira dos reatores UASB aplicados a esgoto doméstico.

Estes trabalhos técnicos forneceram subsídios importantíssimos aos projetos de UASBs, os quais aliados as informações contidas na vasta bibliografia existente e a experiência do autor em mais de uma centena de projetos de Estações de Tratamento de Esgotos Sanitários dos mais variados processos do pequeno ao grande porte, permitiram deduções claras quanto as premissas de projeto buscadas neste trabalho científico.

Os aspectos geométricos a serem observados nos projetos, construção e operação dos Reatores UASB, foram divididos segundo os seguintes tópicos principais: Gradeamento, Tempo de Detenção Hidráulica, Profundidade Útil, Distribuição, Velocidades, Decantação, Escuma, Controle de Gases e Descarte de Lodo.

1.2 Objetivos Específicos

Os objetivos específicos deste estudo para a obtenção de uma Proposta de Protocolo de referência numeral para os projetos de construção de Reatores UASB, abordam os seguintes principais temas:

- A indicação dos parâmetros de projeto com base na experiência nacional e internacional ao longo das duas últimas décadas, somadas a sintetização analítica feita neste trabalho, a partir dos principais projetos e também das pesquisas brasileiras sobre os Reatores Anaeróbios com Manta de Lodo;
- A Engenharia de Detalhamento de Projetos com o estabelecimento de valores dimensionais das diversas ordens envolvidas com o processo de fluxo dentro da Unidade de Tratamento;
- A Engenharia de Materiais;
- A determinação de procedimentos operacionais do processo de tratamento biológico;

2. PRINCIPIOS DA DIGESTÃO ANAERÓBIA

2.1 Introdução

A digestão anaeróbia é um processo biológico de decomposição de material orgânico que, através do metabolismo dos micro-organismos no processamento destes compostos orgânicos conseguem converter a matéria orgânica em lodo, líquido e gases.

É importante o conhecimento do esgoto sanitário afluente à ETE de forma a garantir através de um controle operacional, a máxima eficiência no processo biológico anaeróbio.

É necessário também o conhecimento da microbiologia do processo, as reações envolvidas e as condições ambientais requeridas.

Nas regiões tropicais predominam temperaturas mesofílicas, e nestas condições o tratamento anaeróbio se destaca. Assim, determinando-se algumas condicionantes complementares ao processo, como por exemplo, o tempo de detenção hidráulico, ter-se-á um tratamento eficiente e a baixo custo de construção e de operação.

A digestão anaeróbia em princípio, não corrige outras características indesejáveis do esgoto como a presença de organismos patogênicos e nutrientes, portanto caso seja esta a necessidade do tratamento para o lançamento no corpo receptor final, o sistema deverá ser complementado por algum outro processo para atingir este objetivo.

2.2 Características do Esgoto Sanitário

A situação que traz a necessidade do conhecimento das características do Esgoto Sanitário afluente à uma Estação de Tratamento, se deve as características físicas, químicas e biológicas indesejáveis. Por outro lado, para executar-se a tratabilidade dos esgotos sanitários é justamente o conhecimento destas características e em seguida as ações biológicas decorrentes do processo que permitirão seu controle.

Na tabela 2.1 - Contaminantes Importantes de interesse no Tratamento de Esgotos, apresentada a seguir podemos observar os diversos contaminantes no esgoto sanitário e sua importância no processo.

Na tabela 2.1 - Contaminantes Importantes de Interesse no Tratamento de Esgotos.

Contaminantes	Importância
Sólidos em Suspensão	Sólidos suspensos podem levar ao desenvolvimento de depósitos de lodo e condições anaeróbias quando o efluente líquido não tratado é lançado no ambiente aquático.
Compostos Orgânicos Biodegradáveis	Compostos principalmente por proteínas, carboidratos e gorduras, os orgânicos biodegradáveis são quantificados basicamente em termos de DBO (demanda bioquímica de oxigênio) e DQO (demanda química de oxigênio). Se lançado sem tratamento ao ambiente, sua estabilização biológica pode levar à queda da reserva de oxigênio natural e ao desenvolvimento de condições sépticas.
Organismos Patogênicos	Algumas doenças podem ser transmitidas por organismos patogênicos em águas residuárias.
Nutrientes	Tanto nitrogênio quanto fósforo, juntos ao carbono, são nutrientes essenciais para o crescimento. Quando lançados no ambiente aquático, estes nutrientes podem levar ao crescimento de uma vida aquática não desejável. Quando lançados em excessivas quantidades sobre a terra, também podem poluir águas subterrâneas.
Poluentes Perigosos	Compostos orgânicos e inorgânicos selecionados com base no conhecimento de apresentarem carcinogenicidade, mutagenicidade, teratogenicidade ou toxicidade. Muitos destes compostos são encontrados em águas residuais.
Orgânicos Refratários	Estes orgânicos tendem a resistir a métodos convencionais de tratamento de efluentes líquidos. Exemplos típicos incluem surfactantes, fenóis e pesticidas agrícolas.
Metais Pesados	Metais pesados são geralmente adicionados às águas residuais de atividades comerciais e industriais e devem ser removidos se o efluente for reutilizado.
Inorgânicos Dissolvidos	Constituintes inorgânicos como cálcio, sódio e sulfato são adicionados à água de abastecimento doméstico e devem ser removidos se o efluente for reutilizado.

Fonte: METCALF & EDDY, 2003, pág. 32

Na tabela 2.2 – Características e Fontes de Águas Residuárias, se pode observar as propriedades físicas, químicas e biológicas indicativas de águas residuais e suas origens.

Tabela 2.2 – Características e Fontes de Águas Residuais

Características	Fonte
Propriedades Físicas	
Cor	Resíduos domésticos e industriais, degradação natural de materiais orgânicos.
Odor	Águas residuais em decomposição e resíduos industriais.
Sólidos	Abastecimento de água potável, resíduos domésticos e industriais, erosão de solos, infiltração.
Temperatura	Resíduos domésticos e industriais.
Constituintes Químicos Orgânicos	
Carboidratos	Resíduos domésticos, comerciais e industriais.
Gord., óleos e Graxas	Resíduos domésticos, comerciais e industriais.
Pesticidas	Resíduos agrícolas.
Fenóis	Resíduos industriais.
Proteínas	Resíduos domésticos, comerciais e industriais.
Poluentes Perigosos	Resíduos domésticos, comerciais e industriais.
Surfactantes	Resíduos domésticos, comerciais e industriais.
Comp. Org. Voláteis	Resíduos domésticos, comerciais e industriais.
Outros	Degradação natural de matéria orgânica.
Constituintes Químicos Inorgânicos	
Alcalinidade	Resíduos domésticos, abastecimento de água potável, infiltração de água subterrânea.
Cloretos	Resíduos domésticos, abastecimento de água potável, infiltração de água subterrânea.
Metais Pesados	Resíduos Industriais.
Nitrogênio	Resíduos domésticos e agrícolas.
pH	Resíduos domésticos, comerciais e industriais.
Fósforo	Resíduos domésticos, comerciais e industriais, drenagem natural de água.

Continuação da Tabela 2.2 – Características e Fontes de Águas Residuais

Poluentes Perigosos	Resíduos domésticos, comerciais e industriais.
Enxofre	Abastecimento de água potável, resíduos domésticos, comerciais e industriais.
Gases	
Gás Sulfídrico	Decomposição de resíduos domésticos.
Metano	Decomposição de resíduos domésticos.
Oxigênio	Abastecimento de água potável, infiltração com a superfície da água.
Constituintes Biológicos	
Animais	Cursos d'água abertos e plantas de tratamento de efluentes.
Plantas	Cursos d'água abertos e plantas de tratamento de efluentes.
Protistas	
Eubactéria	Resíduos domésticos, infiltração com a superfície da água e plantas de tratamento de efluentes.
Arquebactérias	Resíduos domésticos, infiltração com a superfície da água e plantas de tratamento de efluentes.
Vírus	Resíduos domésticos.

Fonte: METCALF & EDDY, 1991, pág. 48

Quase sempre os objetivos do tratamento do esgoto incluem a remoção de sólidos em suspensão e do material orgânico. Para o primeiro parâmetro, de acordo com o tamanho físico de partículas na água, se pode distinguir três tipos de sólidos: dissolvido, coloidal e particulado, sendo as duas últimas formadoras dos sólidos em suspensão.

A matéria orgânica pode ser avaliada nos esgotos sanitários por meio de ensaios de: DBO – Demanda Bioquímica de Oxigênio, que é uma medida indireta de matéria orgânica, que avalia em condições normais a matéria orgânica biodegradável nas formas solúveis e coloidais; DQO – Demanda Química de Oxigênio, que é uma medida indireta de matéria orgânica, que avalia praticamente as formas biodegradáveis ou não-biodegradáveis, solúveis e em suspensão (coloidais e sedimentáveis); normalmente nos esgotos sanitários os valores de DQO para uma mesma amostra são sempre maiores que a DBO.

O COT – Carbono Orgânico Total indica toda a concentração de Carbono na amostra, das substâncias solúveis e insolúveis, biodegradáveis e não biodegradáveis; é uma medida direta da matéria orgânica, mesmo que só indique o Carbono; é um parâmetro importante para efluentes a serem utilizadas em reuso de água.

2.3 Os Processos Metabólicos no Ambiente Anaeróbio

A forma pela qual o projetista de uma estação de tratamento de esgoto sanitário intervêm em um processo cuja conceituação de tratabilidade é biológico consiste no conhecimento das ações dos microrganismos em processarem os compostos orgânicos biodegradáveis, transformando-os em:

- lodo biológico;
- líquido que seria o próprio esgoto tratado; e
- gases, na forma de metano (CH_4), dióxido de carbono (CO_2) e outros.

Ao contrário das águas naturais onde o agente oxidante mais importante é o oxigênio molecular dissolvido, em ambientes anaeróbios ocorrem processos metabólicos de fermentação e respiração que vão importar na degradação da matéria orgânica pelos microrganismos. Para que estes processos biológicos sejam produtivos é imperativo que o meio biótico ofereça as condições requeridas por esses micro-organismos para que ocorram as reações que permitam converter o máximo possível da matéria orgânica em suspensão.

Foram identificadas mais de 130 espécies diferentes de micro-organismos em um biodigestor anaeróbio (SOUBES M, 1994) com a presença de bactérias, protozoários e fungos.

O material orgânico requerido pelas bactérias heterotróficas é variável. Algumas se satisfazem com uma dieta constituída apenas de glicose e substâncias nitrogenadas muito simples, enquanto outras exigem vários aminoácidos, além de gorduras, açúcares, etc. A digestão do material orgânico complexo, isto é, particulado ou com moléculas com cadeias longas (por exemplo: proteínas, carboidratos e lipídeos) é realizada inicialmente de forma extracelular (BRANCO, S. M., 1986).

Durante o processo anaeróbico, ocorrem reações de hidrólise, de oxidação e de redução. As reações de oxidação liberam energia, que é utilizada, inclusive, para as demais reações envolvidas. A tabela 2.3 apresenta exemplos de reação importantes do processo anaeróbico.

Tabela 2.3 - Reações de Oxidação e Redução

OXIDAÇÕES (REAÇÕES QUE DOAM ELÉTRONS)	
Propionato=>Acetato	$\text{CH}_3\text{CH}_2\text{COO}^- + 3\text{H}_2\text{O} \Rightarrow \text{CH}_3\text{COO}^- + \text{HCO}_3^- + \text{H}^+ + 3\text{H}_2$
Butirato =>Acetato	$\text{CH}_3\text{CH}_2\text{CH}_2\text{COO}^- + 2\text{H}_2\text{O} \Rightarrow 2\text{CH}_3\text{COO}^- + \text{H}^+ + 2\text{H}_2$
Etanol =>Acetato	$\text{CH}_3\text{CH}_2\text{OH} + \text{H}_2\text{O} \Rightarrow \text{CH}_3\text{COO}^- + \text{H}^+ + 2\text{H}_2$
Lactato =>Acetato	$\text{CH}_3\text{CHOHCOO}^- + 2\text{H}_2\text{O} \Rightarrow \text{CH}_3\text{COO}^- + \text{HCO}_3^- + \text{H}^+ + 2\text{H}_2$
Reduções (Reações que recebem elétrons)	
Bicarbonato =>Acetato	$2\text{HCO}_3^- + 4\text{H}_2 + \text{H}^+ \Rightarrow \text{CH}_3\text{COO}^- + 4\text{H}_2\text{O}$
Bicarbonato=>Metano	$\text{HCO}_3^- + 4\text{H}_2 + \text{H}^+ \Rightarrow \text{CH}_4 + 3\text{H}_2\text{O}$
Sulfato => Sulfeto	$\text{SO}_4^{2-} + 4\text{H}_2 + \text{H}^+ \Rightarrow \text{HS}^- + 4\text{H}_2\text{O}$

FONTE: CHERNICHARO, C. A. de L., 2008 pág. 43

2.4 Metabolismo Bacteriano

A digestão anaeróbia de compostos orgânicos complexos é, normalmente, considerada um processo de dois estágios: no primeiro estágio, um grupo de bactérias facultativas e anaeróbias, denominadas formadoras de ácidos ou fermentativas, convertem compostos orgânicos complexos, como carboidratos, proteínas e lipídios em substâncias orgânicas mais simples, principalmente, ácidos voláteis; no segundo estágio, ocorre a conversão dos ácidos orgânicos, gás carbônico e hidrogênio em produtos finais gasosos, o metano e o gás carbônico, por um grupo especial de bactérias, denominadas metanogênicas, as quais são estritamente anaeróbias. As bactérias metanogênicas dependem do substrato fornecido pelas acidogênicas, configurando, portanto, uma simbiose. Uma vez que as bactérias metanogênicas são responsáveis pela maior parte da degradação do resíduo, a sua baixa taxa de crescimento,

normalmente, representa o fator limitante no processo de digestão como um todo (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

Os processos metabólicos ocorrem em etapas seqüências: a hidrólise, a acidogênese, a acetogênese, a metanogênese, e ainda, podendo ocorrer a sulfetogênese.

São processados pela ação de micro-organismos que se dividem em três grupos principais definidos como: bactérias fermentativas, bactérias sintróficas e arqueas metanogênicas.

Estes três grupos principais serão responsáveis pelas diversas etapas do processo biológico.

2.5 Rotas Básicas do Processo Biológico

O Diagrama Esquemático do Fluxo de Carbono no Processo de Digestão Anaeróbia adaptado de METCALF & EDDY (2003), apresentado na figura 2.1, a seguir, indica as etapas básicas do processo biológico podem ser observadas segundo duas fases, acidogênica e metanogênica, contudo diversas rotas metabólicas podem ocorrer com diversos grupos microbianos agindo (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

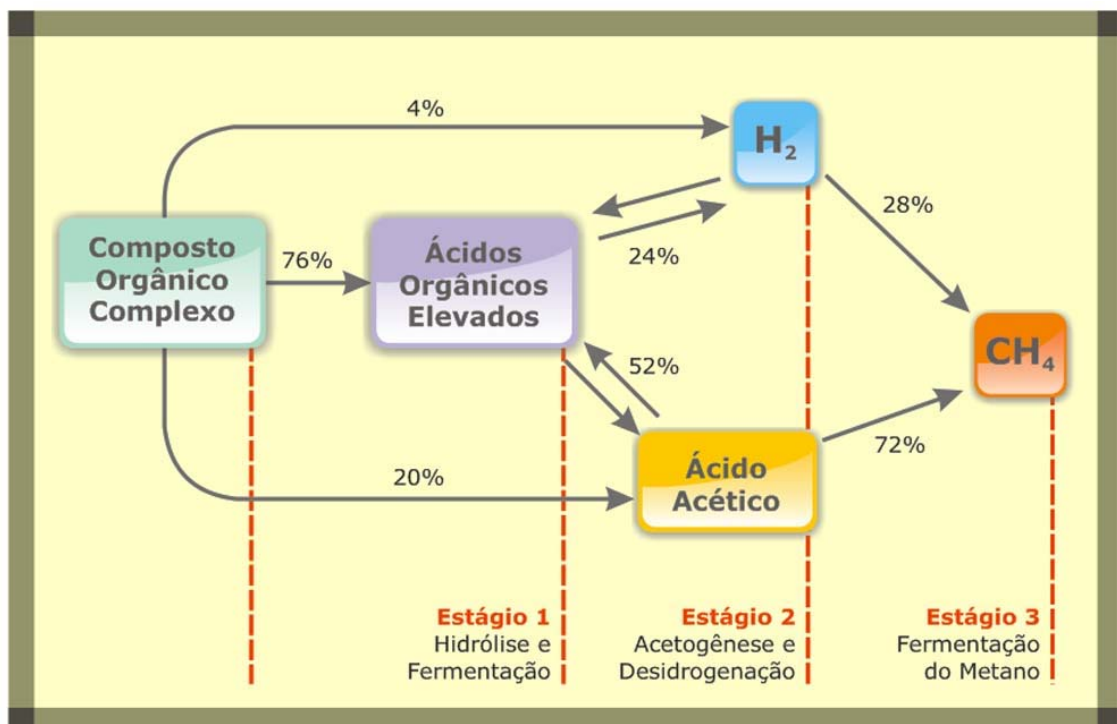


Figura 2.1 Diagrama Esquemático do Fluxo de Carbono no Processo de Digestão Anaeróbia adaptado de METCALF & EDDY, 2003, pág. 631

• Hidrólise e Acidogênese

As bactérias fermentativas acidogênicas convertem, por hidrólise e fermentação, os compostos orgânicos complexos, como carboidratos, proteínas e lipídios, em outros compostos mais simples, principalmente ácidos orgânicos voláteis com três ou mais átomos de carbono na molécula, como: açúcares, aminoácidos, peptídeos e outros; por enzimas extracelulares (exo-enzimas) produzidas por bactérias fermentativas hidrolíticas (WEBER, M. I., 2006).

As bactérias são responsáveis tanto pela etapa da hidrólise quanto da acidogênese. Estas bactérias podem ser anaeróbias obrigatórias ou anaeróbias facultativas e são comumente denominadas de bactérias acidogênicas. Os gêneros desses tipos de bactérias encontrados são o *Clostridium*, o *Peptococcus*, o *Bifidobacterium*, o *Desulphovibrio*, o *Corynebacterium*, o *Lactobacillus*, o *Actinomyces*, o *Staphylococcus* e a *Escherichia* (METCALF e EDDY, 2003).

Vários fatores podem afetar o grau e a taxa em que o substrato é hidrolisado (CHERNICHARO, 2008 citando Lettinga et al, 1996):

- Temperatura operacional do reator;
- Tempo de residência do substrato no reator;
- Composição do substrato (ex.: teores de lignina, carboidrato, proteína e gorduras);
- Tamanho das partículas;
- pH do meio;
- Concentração de $\text{NH}_4^+\text{-N}$;
- Concentração de produtos de hidrólise (ex.: ácidos graxos voláteis).

Os produtos solúveis oriundos da fase de hidrólise são metabolizados no interior das células das bactérias fermentativas, sendo convertidos em diversos compostos mais simples, os quais são, então, excretados pelas células. Os compostos produzidos incluem ácidos graxos voláteis, álcoois, ácido láctico, gás carbônico, hidrogênio, amônia e sulfeto de hidrogênio, além de novas células bacterianas. Como os ácidos graxos voláteis são os principais produtos dos organismos fermentativos, estes são usualmente designados de bactérias fermentativas acidogênicas (CHERNICHARO, 2008).

- **Alcalinidade e Ácidos Voláteis**

Pelo menos três diferentes grupos metabólicos de microrganismos estão envolvidos na digestão anaeróbia: o das bactérias fermentativas, o das acetogênicas e o das metanogênicas. Sendo este último grupo considerado o mais sensível das populações bacterianas atuantes, podendo ser um grupo limitante do processo (PENNA, 1994).

A alcalinidade e os ácidos voláteis são derivativos da decomposição da matéria orgânica durante o processo de digestão, conforme apresentado na Figura 2.2 - Fluxo de Energia no Processo de Digestão Anaeróbia adaptado de METCALF & EDDY (2003).

A necessidade mínima aceitável de alcalinidade depende da concentração do esgoto, fator determinante do potencial de geração de ácidos no sistema (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

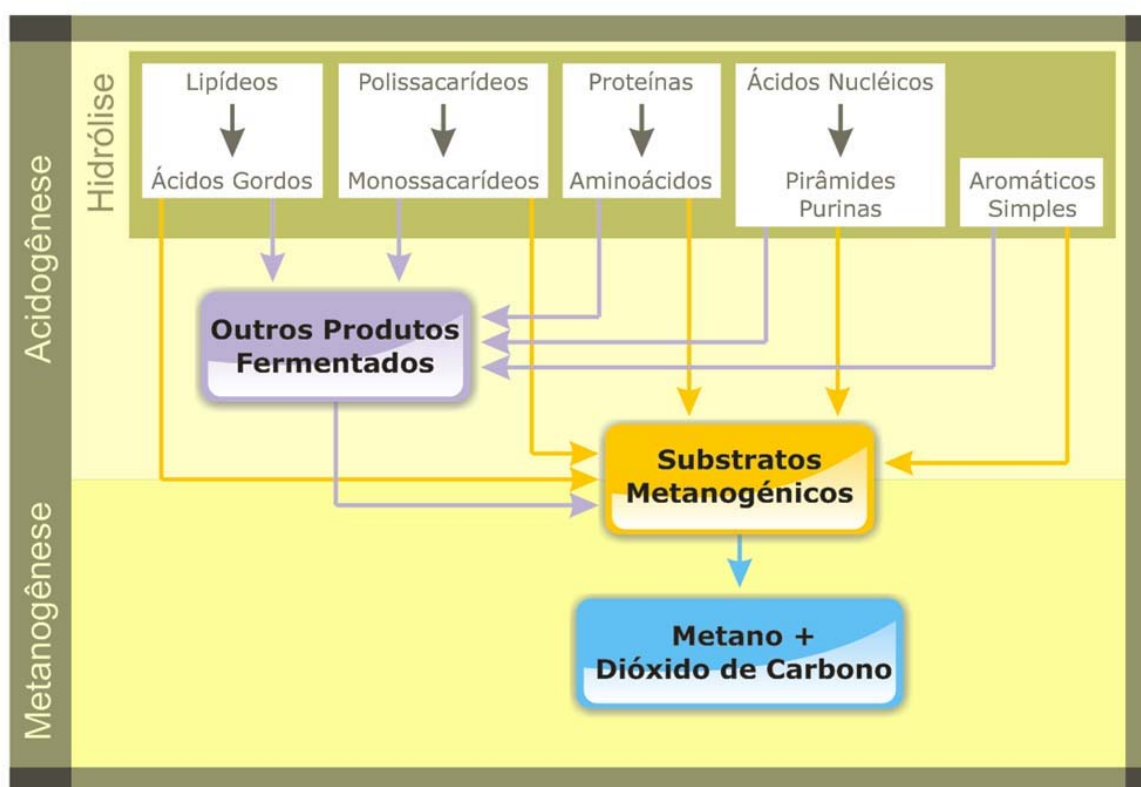


Figura 2.2 Fluxo de Energia no Processo de Digestão Anaeróbia adaptado de METCALF & EDDY, 2003, pág. 631

• Acetogênese

As bactérias acetogênicas são responsáveis pela oxidação dos produtos gerados na fase acidogênica em substrato apropriado para as bactérias metanogênicas. Dessa forma, as bactérias acetogênicas fazem parte de um grupo metabólico intermediário, que produz substrato para as metanogênicas. Os produtos gerados pelas bactérias acetogênicas são o hidrogênio, o dióxido de carbono e o acetato (CHERNICHARO, 2008).

A ação de oxidação de compostos orgânicos das bactérias sintróficas acetogênicas, produtoras de hidrogênio, pode converter ácidos orgânicos superiores ao ácido acético como, por exemplo: o butirato, o propionato, e ainda compostos neutros superiores ao metanol (propanol, metanol, e outros), nos produtos de hidrogênio, acetato e dióxido de carbono (SOUBES M, 1994). A tabela 2.4 – Reações Acetogênicas, indica na coluna referência, que as reações (a), (b), (c), e (d), representam as reações que produzem gás hidrogênio, enquanto na reação (e) ocorre o seu consumo..

Tabela 2.4 – Reações Acetogênicas

Reação	Ref.
$\text{Etanol} + \text{H}_2\text{O} = \text{Acetato}^- + 2\text{H}_2 + \text{H}^+$	(a)
$\text{Butirato}^- + 2\text{H}_2\text{O} = 2\text{Acetato}^- + 2\text{H}_2 + \text{H}^+$	(b)
$\text{Propionato} + 3\text{H}_2\text{O} = \text{Acetato}^- + \text{HCO}_3 + 3\text{H}_2 + \text{H}^+$	(c)
$\text{Etanol} + 2\text{HCO}_3 + \text{H}_2\text{O} = \text{Acetato}^- + \text{Formiato}^- + 2\text{H}_2 + \text{H}^+$	(d)
$\text{H}_2 + 2\text{CO}_2 = \text{Acetato}^- + \text{H}_2\text{O} + \text{H}^+$	(e)

Fonte: SOUBES M, 1994

Durante a formação dos ácidos acético a propiônico, uma grande quantidade de hidrogênio é formada, fazendo com que o valor do pH no meio aquoso decresça. Há, porém duas maneiras pelas quais o hidrogênio é consumido no meio (CHERNICHARO, 2008):

- i) Através das bactérias metanogênicas, que utilizam hidrogênio e dióxido de carbono para produzir metano;
- ii) Por meio da formação de ácidos orgânicos, tais como propiônico e butírico, ácidos estes formados pela reação do hidrogênio com dióxido de carbono, com formação do ácido acético.

• Metanogênese

A conversão do acetato e do hidrogênio produzidos nas etapas de Acidogênese e Acetogênese, em metano e dióxido de carbono, é efetuada por um grupo de microrganismos diferenciado dos grupos bacterianos, chamados de Arqueas metanogênicas. Estas Arqueas podem executar suas funções primordiais no processo anaeróbio por duas vias (VON SPERLING, M., 1996), sendo:

A primeira, a produção de metano (CH₄) e do gás carbônico (CO₂) a partir de ácido acético, esta primeira via é conhecida como metanogênese hidrogenotrófica, respondem por 30% da produção de metano. Gêneros predominantes: Methanobacterium, Methanospirillum e Methanobrevibacter.

Metanogênese hidrogenotrófica (Redução de CO₂):



A segunda corresponde a produção do metano a partir da utilização do gás carbônico como fonte de carbono e o hidrogênio como fonte de energia, sendo o grupo microbiano envolvido as metanogênicas acetoclásticas ou acetotróficas, respondem por 60 a 70% da produção de CH₄. Gêneros predominantes: Methanosarcina, e Methanosaeta.

Metanogênese acetotrófica (Fermentação do ácido acético)



ABREU, ÉRIKA FERREIRA DE ET AL (2007), encontraram arqueas acetoclásticas compreendendo 63 a 82% da comunidade metanogênica em um reator UASB e um segundo grupo mais detectado foi o de arqueas hidrogenotróficas.

• Sulfetogênese

A existência de sulfato, sulfito e outros sulfurados, em uma água residuária, irá permitir que bactérias sulforedutoras possam utilizar os substratos disponíveis, trazendo como produto final o sulfeto de hidrogênio. Este tipo de bactéria utiliza uma grande parte do substrato com uma diversificação tão grande capaz de competir com as bactérias fermentativas.



A eficiência na redução da DQO da fase líquida é melhor na Sulfetogênese do que na Metanogênese, contudo tem o conteúdo negativo da produção de gás sulfídrico, podendo resultar em problemas de emissão de maus odores, corrosão e toxicidade do meio, além de não produzir o metano (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

2.6 Parâmetros Biocinéticos

A digestão anaeróbia é fruto de um controle adequado das envoltórias ambientais, face a ocorrência de interatividade entre os microrganismos fermentativos e metanogênicos, sendo estes últimos os mais vulneráveis ao descontrole do processo. A temperatura é o principal fator ambiental na digestão anaeróbia. Outros fatores importantes no tratamento são o pH e a presença de macro-nutrientes (N e P) e micronutrientes no esgoto.

Os principais parâmetros biocinéticos do controle ambiental de um reator são a seguir descritos.

• Temperatura

Três são as faixas de temperatura normalmente associadas ao processo anaeróbio, a faixa psicrófila com valores variando de 4° a 15° C, a faixa mesófila de 20° a 40° e a faixa termófila entre 45° e 75°.

O Brasil possui imensas regiões com temperaturas tropicais, na faixa mesofílica e por isto o desenvolvimento dos processos de tratamento anaeróbio é tão intenso no país. A operação de reatores anaeróbios próximos à temperatura ótima (30 a 35° C) leva as dimensões do reator consideravelmente reduzidas.

A operação de reatores anaeróbios próximos à temperatura ótima (30 a 35° C) pode levar a uma considerável redução nas dimensões do reator (CHERNICHARO, 2008).

A cinética do processo anaeróbio depende fundamentalmente da temperatura, pois é um regulador na seleção das espécies. A temperatura irá variar a fração de sólidos orgânicos presentes no processo de digestão anaeróbia durante a fase de metabolização.

Grandes variações da temperatura podem ocasionar um desequilíbrio entre as bactérias acidogênicas e as bactérias metanogênicas, afetando conseqüentemente todo o processo de desenvolvimento anaeróbio (CHERNICHARO, 2008).

A digestão Anaeróbia é dependente da temperatura, para temperaturas inferiores a 30° C, a taxa máxima de digestão decresce 11% para cada °C de redução da temperatura VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G. (1994), de modo que se pode mostrar a taxa relativa de digestão com a equação/gráfico de Arrhenius, como na figura 2.3 – Influência da temperatura sobre a taxa de digestão anaeróbia na faixa mesofílica.

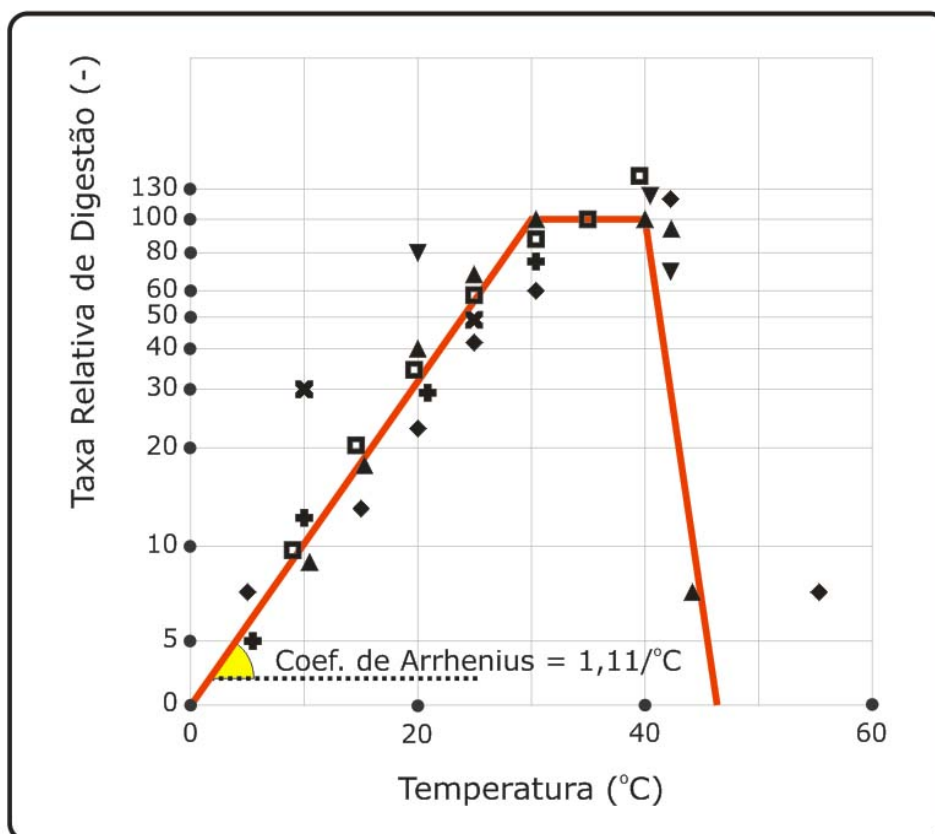


Figura 2.3 – Influência da temperatura sobre a taxa de digestão anaeróbia na faixa mesofílica (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994)

A influência da temperatura também se dá na fração dos sólidos orgânicos que pode ser metabolizada no processo. A figura 2.4 - Influência da temperatura sobre o grau e a taxa de

digestão anaeróbia de lodo primário, mostra claramente a Eficiência da Remoção da Matéria Orgânica diminui diretamente com as temperaturas mais baixas.

A fração digerida diminui consideravelmente com a temperatura, o que pode ser atribuída a uma baixa taxa de hidrólise, fazendo com que as grandes partículas sólidas não sejam quebradas. Apesar disso, é possível que o material orgânico particulado seja incorporado à manta de lodo através da adsorção, decantação ou floculação (VAN HAANDEL e LETTINGA, 1994).

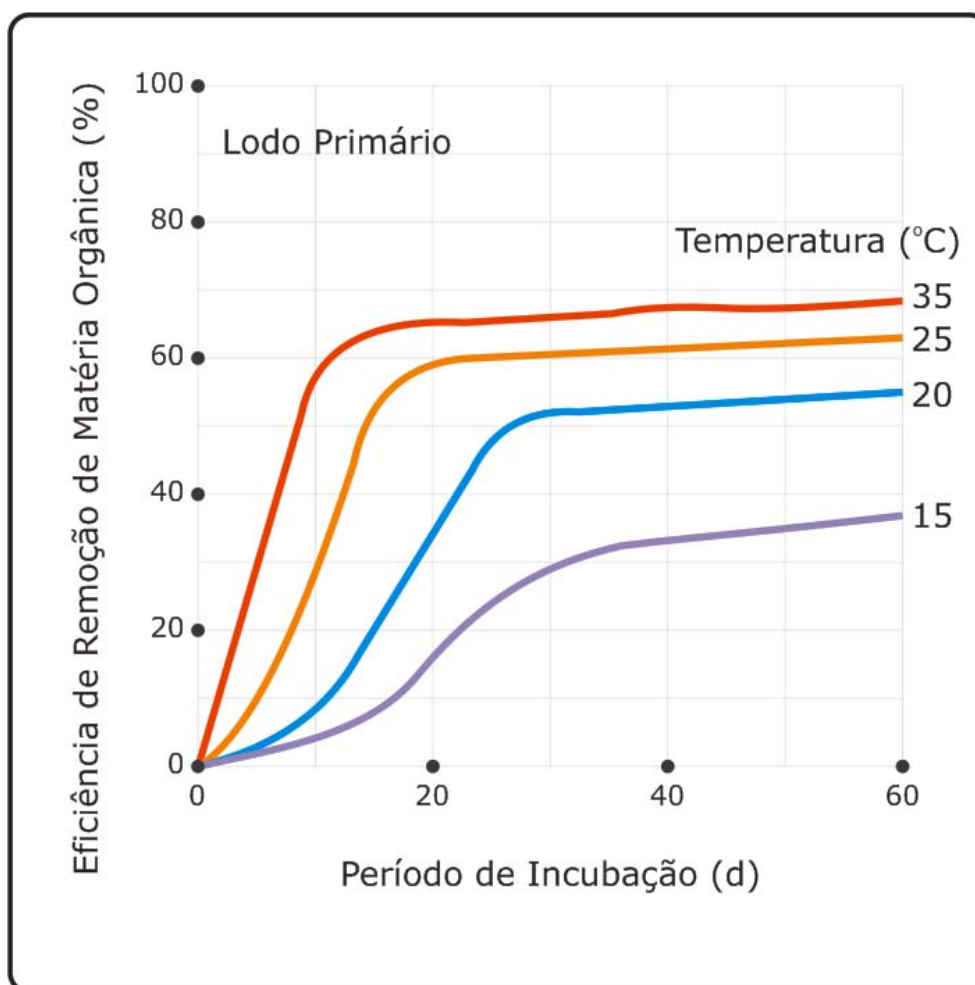


Figura 2.4 - Influência da temperatura sobre o grau e a taxa de digestão anaeróbia de lodo primário (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994)

A tolerância a temperatura varia entre as espécies de bactérias anaeróbias, e Zehner (1982) citado por BICALHO, J. R. SANTOS (2007), agrupou dados sobre bactérias metanogênicas adaptado a cada temperatura, quantificando relativamente os valores de produção de metano

encontrado para cada cultura. A Figura 2.5 – Efeitos da temperatura na atividade relativa de produção de metano em bactérias metanogênicas, apresenta os dados agrupados citados para as bactérias metanogênicas: *Methanobacterium thermoautotrophicum*, *Methanobrevibacter arboriphilus*, *Methanotrix soehngeni*, *Methanosarcina* sp, *Methanococcus mazei*.

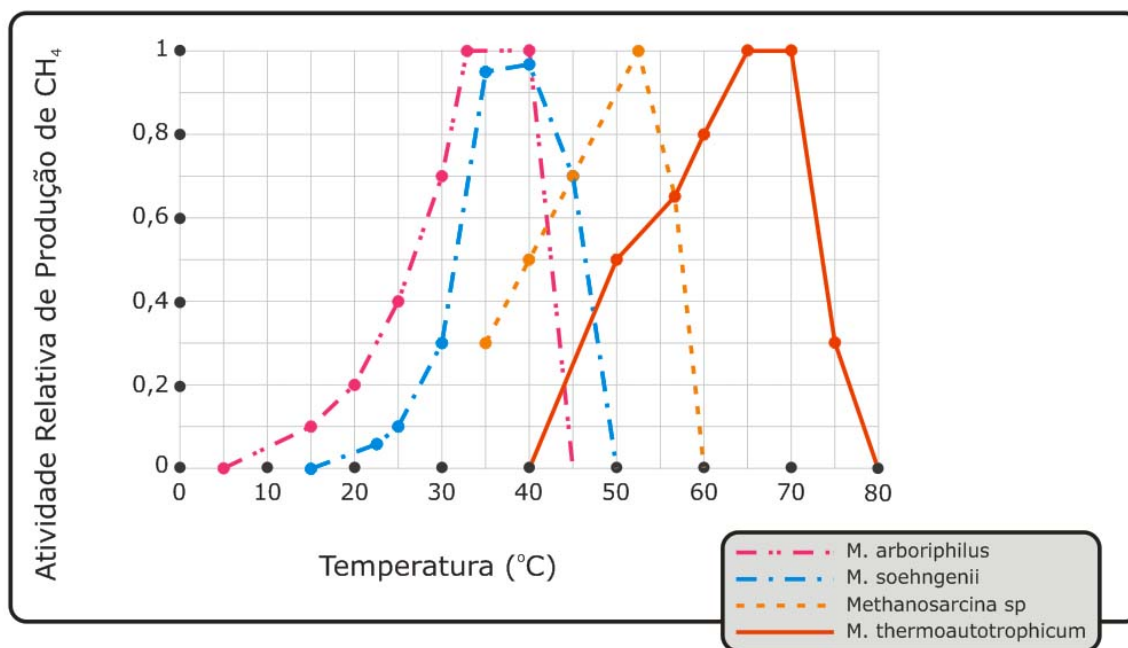


Figura 2.5 – Efeitos da Temperatura na Atividade Relativa de Produção de Metano em Bactérias Metanogênicas (BICALHO, 2007).

• pH

O pH é o parâmetro utilizado para avaliar as condições de acidez e basicidade.

A alcalinidade e os ácidos voláteis tem uma intensa interação, estabelecida na capacidade da alcalinidade do sistema em neutralizar os ácidos gerados na digestão anaeróbia e em tamponar o pH quando houver acúmulo de ácidos voláteis. Os diagramas do índice de tamponação para a concentração máxima que se pode esperar em sistemas anaeróbio de tratamento de esgotos estão apresentados na figura 2.6 - Índices de tamponação como função do pH para sistemas ácido/base provavelmente presentes em sistemas de tratamento anaeróbio de esgotos. O sistema carbônico (CO_2 , HCO_3^- , CO_3^{2-}) exerce grande importância na estabilidade do pH, sendo que para valores entre 6,5 e 7,5, a alcalinidade presente se deve aos bicarbonatos

(HCO_3^-). As principais fontes de alcalinidade são as proteínas que liberam amônia e o acetato que gera bicarbonato (VAN HAANDEL e LETTINGA, 1994).

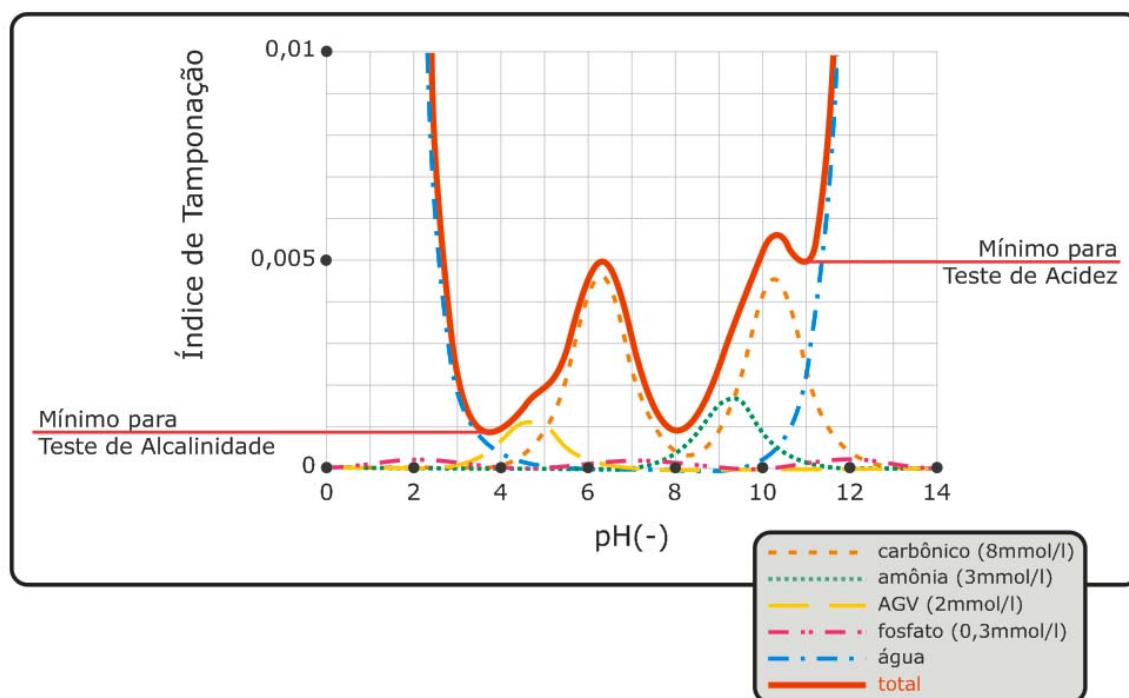


Figura 2.6 – Índices de tamponação como função do pH para sistemas ácido/base provavelmente presentes em sistemas de tratamento anaeróbio de esgotos (VAN HAANDEL e LETTINGA, 1994).

O valor do pH no processo influencia sob duas formas principais (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008):

- Diretamente: Mudanças no pH ocasionam situações imediatas, através da atividade enzimática alterada em suas estruturas protéicas;
- Indiretamente: A alteração de valores do pH pode ocasionar o surgimento de toxicidade no meio biótico inibindo o processo anaeróbio. Compostos em equilíbrio, tendem a variar suas concentrações relativas em função da variação do pH.

A maioria das bactérias desenvolvem-se melhor sempre em torno da neutralidade, entre pH nos limites de 6,5 e 7,5 (VIEIRA, S.M.M.& SOUZA, M.E, 1981). Os valores de pH podem ser indicativos da atividade biológica. A figura 2.7 – Efeitos do pH na Atividade Relativa de Produção de Metano em Bactérias Metanogênicas, apresenta a faixa ótima de pH para as

bactérias metanogênicas: *Methanobacterium thermoautotrophicum*, *Methanobrevibacter arboriphilus*, *Methanotrix soehngeni*, *Methanosarcina* sp, *Methanococcus mazei*.

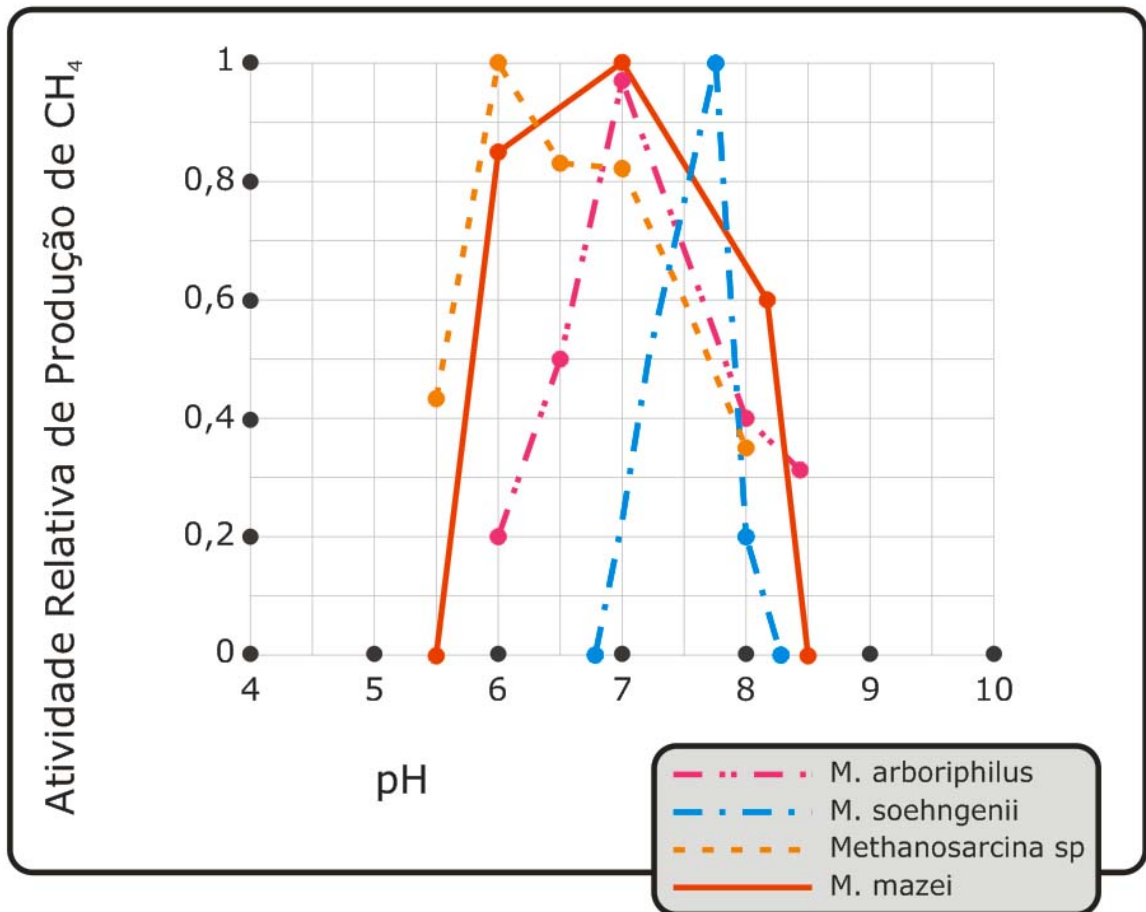


Figura 2.7 – Efeitos do pH na Atividade Relativa de Produção de Metano em Bactérias Metanogênicas (BICALHO, 2007)

• **A Alcalinidade e o pH - Dissolução e Precipitação de Carbonato de Cálcio**

A alcalinidade e o pH influenciam o potencial para dissolução ou precipitação de carbonato de cálcio em esgoto tratado (VAN HAANDEL e LETTINGA, 1994).

O CaCO₃ produzido na anaerobiose se solubiliza parcialmente na fase líquida formando o ácido carbônico. A dissociação do ácido carbônico gera íons HCO₃⁻ e CO₃⁼ e aumenta a alcalinidade.

Esse equilíbrio do ácido carbônico e os sais correspondentes é o responsável pelas características de corrosividade do meio, que ocasiona a solubilidade do CaCO₃.

O carbonato de cálcio é um mineral com baixa solubilidade como se conclui do valor da constante de solubilidade (VAN HAANDEL e LETTINGA, 1994):

$$K_{sp} = [Ca^{2+}][CO_3^{2-}]$$

Onde:

K_{sp} = produto de solubilidade

Se o produto iônico $[Ca][CO_3^{2-}]$ excede o valor da constante de solubilidade, então a solução é supersaturada e haverá uma tendência de precipitação de $CaCO_3$. Essa precipitação continuará até que o produto iônico atinja o valor da constante de solubilidade. A solução então é saturada e, portanto termodinamicamente estável. Se o produto iônico for menor que a constante de solubilidade, a solução é sub-saturada, e cálcio e/ou carbonato podem dissolver de sólidos em contato com o conteúdo do reator. Na prática um destes sólidos poderá ser o concreto do reator de tratamento. Neste caso, haverá uma tendência para o cálcio (sempre presente em concreto) se dissolver. Isto naturalmente terá um efeito agressivo sobre a estrutura, daí que provém a denominação de "agressivas" para águas sub-saturadas (VAN HAANDEL e LETTINGA, 1994).

Dependendo das características do esgoto bruto, o efluente de um digestor anaeróbico pode ser sub-saturado (agressivo), saturado ou supersaturado.

Vários pesquisadores observaram que a taxa de precipitação de $CaCO_3$ em águas supersaturadas torna-se menor na medida em que o grau de supersaturação diminui. Existe um grau mínimo de supersaturação caracterizado pelo fato que a taxa de precipitação se torna tão lenta que não é mais detectável. Desse modo uma constante aparente pode ser introduzida para soluções supersaturadas, de tal maneira que essa constante aparente indique o valor Máximo do produto iônico $[Ca][CO_3^{2-}]$ que não resulta numa taxa detectável de precipitação de $CaCO_3$. Semelhantemente, há também uma constante aparente que indica o menor produto iônico que não resulta em uma taxa detectável de dissolução de $CaCO_3$ em águas sub-saturadas (VAN HAANDEL e LETTINGA, 1994):

$$K_{pp} = \{[Ca^{2+}][CO_3^{2-}]\}_{max} \text{ para } r_p = 0$$

e

$$K_{pd} = \{[Ca^{2+}][CO_3^{2-}]\}_{min} \text{ para } r_d = 0$$

Onde:

K_{pp} = constante aparente para precipitação de $CaCO_3$;

K_{pd} = constante aparente para dissolução de CaCO_3 ;

R_p = taxa de precipitação;

R_d = taxa de dissolução;

Soluções muito super ou sub-saturadas podem ser mantidas em um reator anaeróbio, quando fosfato está presente em concentração suficiente ($>3 \text{ mmol.l}^{-1}$). Não há dados experimentais sobre o valor de K_{pd} , nem sobre os fatores que o influenciam, muito embora tal constante seja de grande importância na prática: ela permite avaliar se existe num determinado caso de projeto, possibilidade de corrosão das estruturas em um sistema de tratamento. O perigo de dano às estruturas de digestores devido à agressividade do seu conteúdo é real e tem sido observado na prática. No caso do DAFA em Cali – Colômbia a corrosão causou a dissolução de uma camada de 10 mm da parede do DAFA durante os primeiros 4 anos de operação (VAN HAANDEL e LETTINGA, 1994).

• Nutrientes

Os nutrientes estão presentes no esgoto sanitário em grande quantidade e desta forma permitem o crescimento da vida dos microrganismos necessários a cinética do processo biológico, desde que em proporções adequadas. De uma maneira geral, os esgotos sanitários possuem vários tipos de nutrientes em concentrações adequadas.

Os processos biológicos ativos no tratamento dos esgotos domésticos necessitam dos nutrientes inorgânicos, necessários ao desenvolvimento dos microrganismos, estejam presentes em quantidade suficiente. Estes nutrientes dividem-se em macronutrientes, como o Nitrogênio, o Fósforo e o Enxofre, e os micronutrientes principais requeridos pelas bactérias são: o Ferro, o Níquel, Cobalto e o Molibidênio, necessários em pequenas quantidades (CHERNICHARO, 2008).

O Nitrogênio, na forma de amônia e a parcela de nitrogênio orgânico, provenientes da degradação biológica, redundam nas principais fontes de Nitrogênio utilizadas pelos microrganismos, já que na forma de Nitrito e Nitrato, são reduzidos a Nitrogênio gás, não sendo portanto disponível para o desenvolvimento bacteriano (CHERNICHARO, 2008).

O Fósforo, na forma de ortofosfato inorgânico, pode ser utilizado pelas células em desenvolvimento.

Para esgotos domésticos, a relação DQO:N:P de 1000:5:1 é indicada para degradação de ácidos graxos voláteis (biomassa com baixa produção celular, $Y \sim 0,05$ gSSV/gDQO) e, 350:5:1 no caso de degradação de carboidratos (biomassa com alta produção celular, $Y \sim 0,15$ gSSV/gDQO) (CHERNICHARO, 2008).

2.7 Parâmetros de Controle

É conhecido que a massa de organismos requer condições favoráveis em relação a fatores ambientais e de alimento, bem como à própria geometria e características do reator. Estes fatores, aliados ao conceito de tempo de retenção de sólidos biológicos e do tempo de detenção hidráulico, são parâmetros fundamentais de controle do processo (JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005).

O crescimento de bactérias anaeróbias está relacionado às condições do meio. Existe inclusive uma fase de adaptação às variações destas condições, o que altera o processo de crescimento. Um excesso de matéria orgânica, substrato, pode causar competitividade entre os microorganismos presentes, refletindo em redução da reprodução ou até a morte. Uma concentração de bactérias submetidas a um meio de cultura, atravessa fases distintas (BICALHO, J. R. SANTOS, 2007). A figura 2.8 – Perfil de Crescimento Bacteriológico, mostra as fases de crescimento em função de uma massa bacteriana.

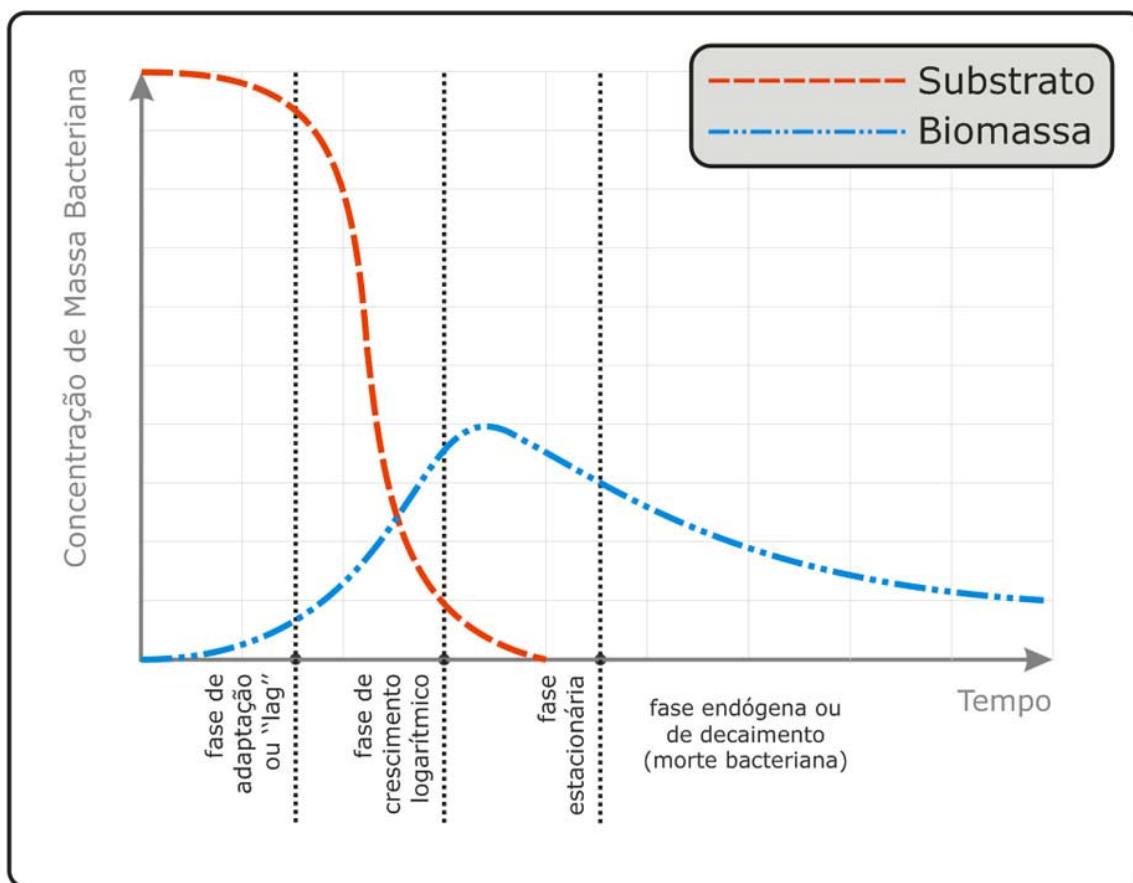


Figura 2.8 – Perfil de Crescimento Bacteriológico (METCALF & EDDY, 2003, pág. 566)

- **A Temperatura como parâmetro de controle**

A temperatura ideal de operação de reatores anaeróbios é na faixa de 30 a 35° C, quando o crescimento dos micro-organismos anaeróbios é considerado ótimo, contudo, nas condições ambientais brasileiras, esta faixa de temperatura não é comum para os esgotos afluentes, ocorrendo uma faixa um pouco abaixo da ótima, no entorno de 20 a 26° C, dependendo da localidade naturalmente. Nestas condições um pouco abaixo da considerada ótima, é necessário que a partida dos Reatores UASB se faça através da inoculação de lodo anaeróbio, de preferência aclimatizado ao tipo de esgoto (CHERNICHARO, 2008).

Mudanças bruscas de temperatura podem levar a um desbalanceamento entre as bactérias acidogênicas e bactérias metanogênicas (CHERNICHARO, 2008).

Na prática uma diminuição da temperatura provocará um aumento significativo do pH, porque a concentração de DQO digerida, provavelmente diminuirá para temperaturas mais baixas (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994).

A medição da temperatura deverá ser diária, tanto no Reator quanto no efluente.

A queda brusca da temperatura do esgoto, provocará, eventualmente, a retirada do Reator de operação até que ocorra a redução dos ácidos voláteis.

• O pH como parâmetro de controle

A taxa de Metanogênese ótima ocorre quando o pH se encontra no entorno do valor neutro. VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G. (1994), indicam que valores superiores a 7,8 e inferiores a 6,3 do pH reduz a taxa metanogênica, podendo até ocorrer a instabilidade do reator caso os ácidos produzidos na fase acidogênese não forem processados na fase metanogênica.

Gás carbônico dissolvido e ácidos graxos voláteis (AGV) contribuem para a redução do pH, enquanto íons como NH_4^+ e Na^- contribuem para o aumento do pH. Como micro-organismos diferentes atuam nas diferentes fases da digestão anaeróbia, suas necessidades em termos de pH também diferem. Por exemplo: o pH ideal na acidogênese é 5,8 a 6,0. Já na metanogênese, o pH ideal é de 6,8 a 7,2. Portanto, no Reator o pH deve ser mantido na faixa de 6,6 a 7,6. Recomenda-se que a alcalinidade ideal esteja na faixa de 1000 a 5000 mg CaCO_3/l e que a concentração de AGV não ultrapasse 250 mg/l. No entanto, existem relatos de Reatores operando com concentrações muito distintas e apresentando boas eficiências de remoção (CAMMAROTA, M. C., 2008).

• A Alcalinidade e os Ácidos Voláteis como parâmetro de controle

Operacionalmente, se a alcalinidade for gerada a partir do esgoto afluente, é desejável a manutenção de elevados níveis de alcalinidade no sistema porque elevadas concentrações de ácidos voláteis poderiam ser tamponadas sem ocasionar a queda substancial do pH (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

A capacidade da alcalinidade do sistema em neutralizar os ácidos formados no processo de digestão anaeróbia fundamenta a interação entre eles, e também em tamponar o pH na eventualidade de acumulação de ácidos voláteis (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

A capacidade máxima de produção de metano depende diretamente da concentração inicial de alimento (acetato de sódio) e de biomassa, concluindo que estes dois parâmetros estão inter-relacionados e exercem forte influência sobre a Atividade Metanogênica Específica (SILVA, A. L. B., 2003).

• Os Nutrientes como parâmetro de controle

Para o crescimento microbiano, o nitrogênio é o nutriente mais requerido. A concentração de fósforo é cerca de 1/5 a 1/7 do valor estabelecido para o nitrogênio.

Lettinga et al, citado por CHERNICHARO (2008), indicam para esgotos domésticos, assumindo-se que os nutrientes estejam numa forma disponível para as bactérias, pode-se utilizar as seguintes relações:

a) DQO:N:P de 1000:5:1 e C:N:P de 330:5:1, são indicadas para biomassa com baixo coeficiente de produção celular ($Y \sim 0,05$ gSSV/gDQO), como por exemplo, a degradação de ácidos graxos voláteis.

b) DQO:N:P de 350:5:1 e C:N:P de 130:5:1, no caso de biomassa com alta produção celular ($Y \sim 0,15$ gSSV/gDQO), como por exemplo a degradação de carboidratos.

As necessidades do macronutriente Enxofre é da mesma ordem do fósforo, ou seja de 1/5 a 1/7 daquela estabelecida pelo Nitrogênio.

Os micronutrientes principais requeridos pelas bactérias são o Ferro, o Níquel, Cobalto e o Molibidênio, para que possam gerar o metano a partir do acetato.

3. OS REATORES ANAERÓBIOS DE FLUXO ASCENDENTE E MANTA DE LODO

3.1 Arquitetura Básica dos Sistemas de Tratamento Anaeróbio

A forma do processo de tratamento adotado no sistema anaeróbio sempre dependerá da atividade microbiana das biomassas existentes e assim diversos tipos de sistemas de tratamento anaeróbio dos esgotos são possíveis.

Na década de 90 o uso de processos de tratamento avançado por meio anaeróbio era visto com certo ceticismo pela comunidade técnica reduzindo a aplicação do anaerobismo a unidades mais simples como fossas sépticas, lagoas anaeróbias e elementos específicos ao tratamento da fase sólida das Estações de Tratamento de Esgotos como, por exemplo, os digestores.

O papel desempenhado pelos micro-organismos, no tratamento de efluentes, depende do processo a ser utilizado. Nos sistemas anaeróbios de tratamento, as condições são favoráveis ou mesmo exclusivas ao desenvolvimento de micro-organismos adaptados funcionalmente à ausência de oxigênio. Destacam-se, neste caso, as bactérias denominadas acidogênicas e metanogênicas (VON SPERLING, M., 1996).

Há de que se concordar com o fato de a reduzida taxa de crescimento das bactérias metanogênicas realmente conduz a um difícil controle do processo, principalmente quando ocorrem sensíveis variações nas suas condições ambientais.

O desenvolvimento de pesquisas nas técnicas de controle em reter grande quantidade de biomassa no reator e com a aplicação de baixos tempos de detenção redundam em reatores com dimensões menores que os digestores tradicionais, atuando com o mesmo desempenho. Estes sistemas são conhecidos como de “Alta Taxa”. No Brasil, devido ao Programa do PROSAB, foram desenvolvidos com muito sucesso, os estudos relativos ao sistema de "Alta Taxa”.

A seguir, visando caracterizar os sistemas de tratamento na atualidade, são apresentados os Anaeróbios Convencionais e os de Alta Taxa.

3.1.1 Sistemas Anaeróbios Convencionais

Os Sistemas Anaeróbios Convencionais dividem-se em três tipos bastante conhecidos e utilizados nos processos de tratamento dos esgotos sanitários: os Digestores de Lodo, os Tanques Sépticos e as Lagoas Anaeróbias.

Os Digestores de Lodo são utilizados como unidades de estabilização dos materiais provenientes da fase sólida das Estações de Tratamento, sendo a hidrólise o fator limitante do processo.

A hidrólise é afetada, principalmente, pela temperatura e pelo tempo de residência. Como estas unidades não são providas de condições de reter a biomassa no sistema, os tempos de detenção são grandes, assim como as dimensões das unidades de digestão.

Os Digestores Anaeróbios de Lodo são aplicados em Estações de Tratamento de Esgoto e destinam-se, especialmente, a estabilizar o material proveniente da fase sólida do processo de tratamento.

Os Tanques Sépticos são utilizados em todo o mundo em locais onde a densidade demográfica é de pequeno valor, passando a ser nestes casos uma alternativa de tratamento bastante apropriada.

Seu funcionamento é simples e se compõe das seguintes fases: inicialmente os sólidos sedimentáveis vão ao fundo criando uma camada de lodo; os materiais flotantes, como óleos e graxas, vão formar uma camada de espuma na parte superior do tanque. Os tanques são providos de septos que bloqueiam a camada de espuma entre eles. O esgoto afluente sem sedimentos e material flotante percorre um caminho entre as duas camadas para a saída final do tanque. O material do fundo sofre um processo facultativo e anaeróbio, criando um lodo digerido ao fundo.

Por último, temos as Lagoas Anaeróbias que são caracterizadas como reatores de baixa carga orgânica volumétrica, com processo bastante semelhante aos Tanques Sépticos, contudo com intervalos de limpeza bastante extensos, ao redor de dez anos (VON SPERLING, M., 1996).

3.1.2 Sistemas de Alta Taxa

Os sistemas de alta taxa se caracterizam pela capacidade em reter grandes quantidades de biomassa, de elevada atividade, mesmo com a aplicação de baixos tempos de detenção hidráulica. Dessa forma, consegue-se manter um elevado tempo de detenção celular, mesmo com a aplicação de elevadas cargas hidráulicas no sistema. O resultado é a obtenção de reatores compactos, com volumes bastante inferiores aos digestores anaeróbios convencionais, mantendo-se, no entanto, o elevado grau de estabilização da matéria orgânica (METCALF & EDDY, 1991; CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

Para melhorar o contato entre o afluente e o lodo no sistema, aplica-se em geral, sistemas onde a alimentação passa em direção ascensional em vez do escoamento horizontal dos sistemas clássicos (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994).

Os sistemas de alta taxa podem ser com dois tipos de crescimento da biomassa: aderido ou crescimento disperso.

No crescimento aderido, é necessário a um meio de suporte e a biomassa cresce aderida, criando um biofilme. No caso do UASB o sistema de suporte para aderência é constituído pela própria biomassa aglomerada.

No crescimento disperso, existe um crescimento da biomassa de forma dispersa no meio líquido, sem que ocorra uma situação estruturada de suporte da biomassa.

A Figura 3.1 - Tipos de Sistemas Anaeróbios de Alta Taxa, apresenta um resumo dos tipos de sistemas utilizados para o crescimento aderido ou disperso da biomassa.

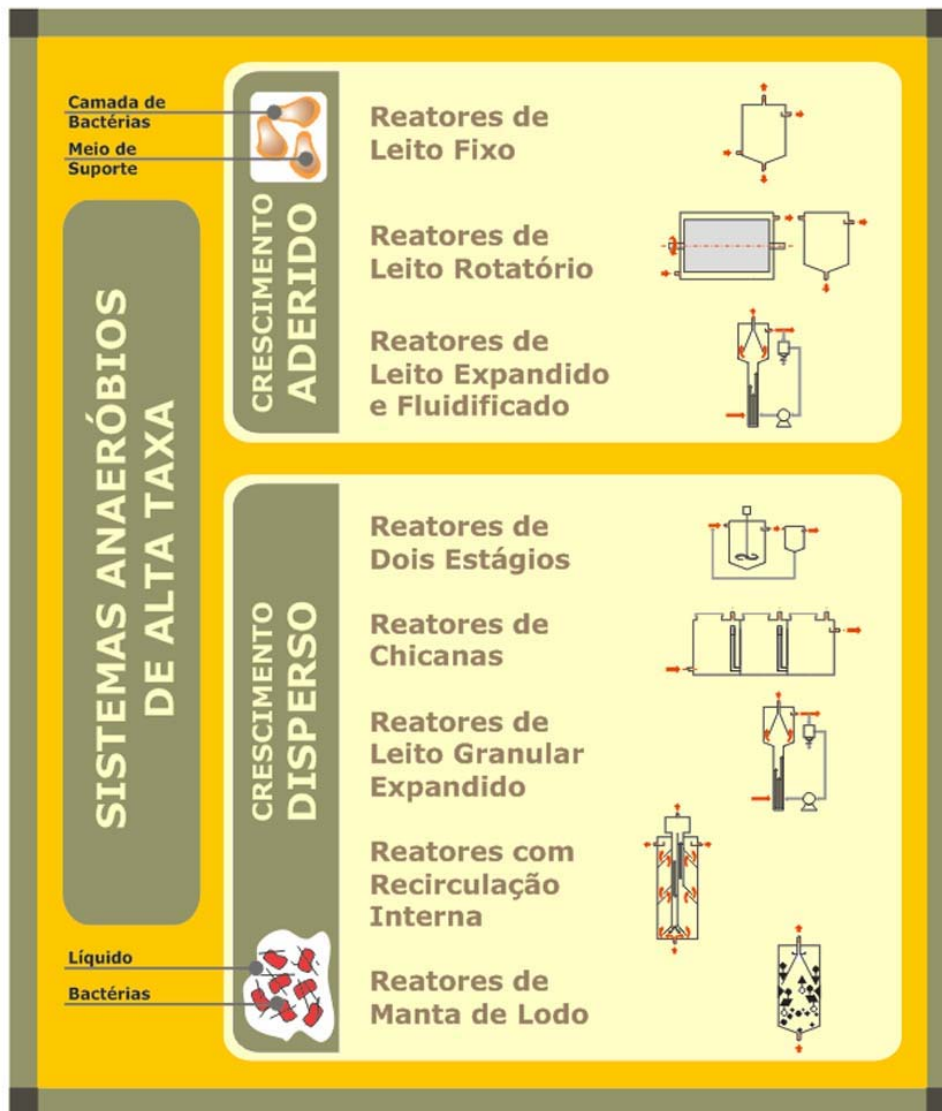


Figura 3.1 – Tipos de Sistemas Anaeróbios de Alta Taxa

3.1.2.1 Sistemas de Alta Taxa com Crescimento Aderido

De acordo com Sperling (VON SPERLING, M., 1998) a biomassa cresce aderida a um meio de suporte, formando um biofilme. O meio de suporte pode estar imerso no meio líquido ou receber descargas contínuas ou intermitentes de líquido. A matriz do meio de suporte pode ser um material sólido natural (pedras, areia, solo) ou artificial (plástico) ou constituído pela própria biomassa aglomerada (grânulo).

Exemplos de sistemas de alta taxa com crescimento aderido são: reatores de leito fixo, reatores de leito expandido e fluidificado, e reatores de leito rotatório.

a) Os Reatores de Leito Fixo:

Os Reatores Anaeróbios de Leito Fixo são apresentados esquematicamente na figura 3.2, sendo os mais conhecidos os Filtros Anaeróbios, os quais possuem um meio de suporte onde os sólidos se aderem criando uma massa de micro-organismos que degrada o material orgânico existente no esgoto sanitário afluente. Esta massa eventualmente se solta, contudo o tempo de residência no reator é superior a vinte dias (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

Na atualidade, com o melhor conhecimento do funcionamento microbiológico e bioquímico, pode-se afirmar que as características mais importantes de um tratamento biológico são o tempo de residência de sólidos e as concentrações de micro-organismos presentes (MORAIS, JULIANA CARDOSO DE ET AL. 2003).

Os elevados tempos de residência de sólidos nos reatores e, ainda, a ocorrência de baixos tempos de detenção hidráulica, indicam o filtro anaeróbio para a aplicabilidade em tratamentos de águas residuárias (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994).

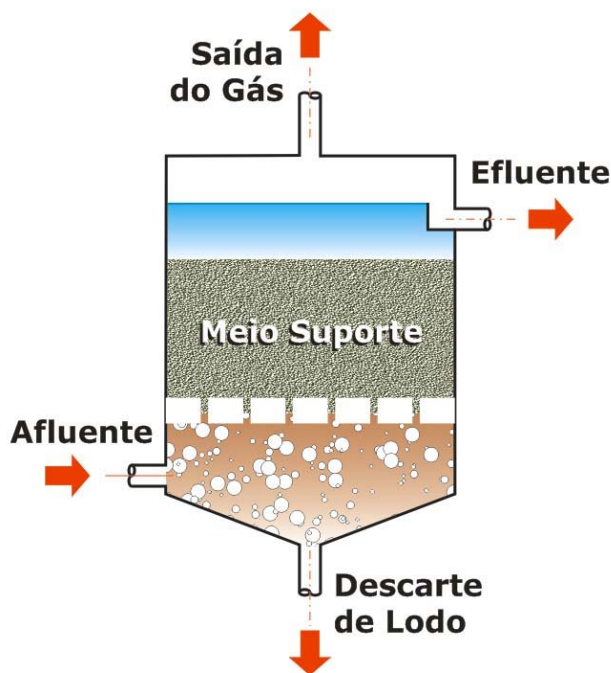


Figura 3.2 – Reatores de Leito Fixo (adaptado de CHERNICHARO, 2008)

b) Os Reatores de Leito Expandido e Fluidificado:

Os problemas traduzidos como limitação de difusão de substrato, verificados nos processos de leito estacionário foram quase que suprimidos com o desenvolvimento de processos

anaeróbios de leito expandido e fluidificado, cuja forma diagramada é apresentada na figura 3.3, a seguir.

Nesses processos, a biomassa se desenvolve em filmes de fina espessura que são juntados a partículas de tamanho bastante reduzido, ao contrário dos processos de leito estacionário, onde ocorre um biofilme e meio de suporte de dimensões superiores.

Os problemas de entupimento são drasticamente reduzidos ou mesmo eliminados com a expansão e fluidificação do meio, ocorrendo o aumento substancial da retenção da biomassa e o seu contato com o substrato, o que incorre nos reatores, a diminuição do tempo de detenção hidráulica.

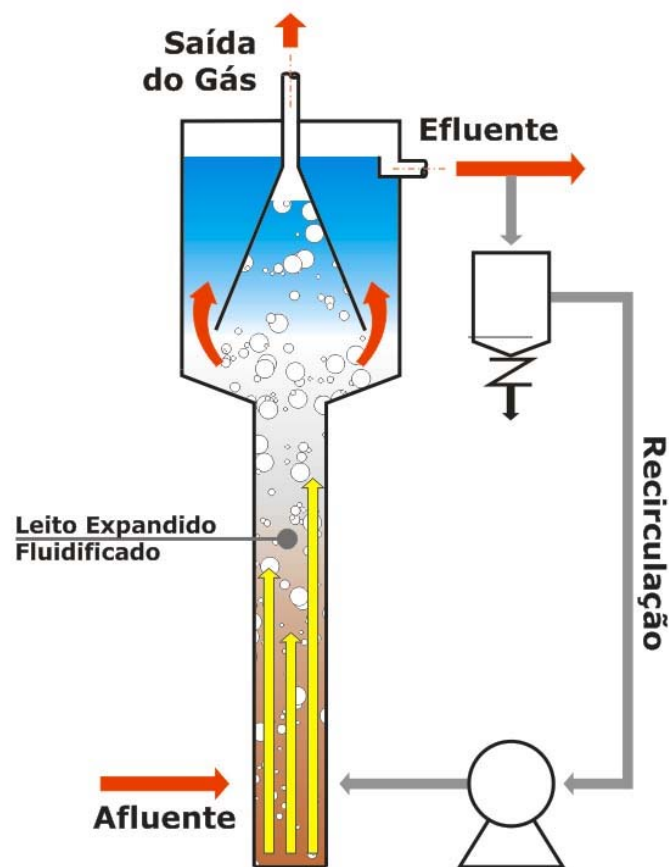


Figura 3.3 - Reatores de Leito Expandido e Fluidificado (adaptado de CHERNICHARO, 2008)

c) Os Reatores de Leito Rotatório:

Os reatores rotatórios, apresentados esquematicamente na figura 3.4, têm documentação datada de 1928 e são conhecidos, também, como reatores de biodisco aeróbio. No entanto, sua relevância e aplicabilidade em tratamento de esgotos receberam destaque depois do advento

dos materiais plásticos, em função dos fatores relacionados à rigidez, leveza e economia. Neles, um filme biológico é criado através da aderência dos micro-organismos. Uma forma seqüencial de discos forma o meio suporte que é parcial ou totalmente submerso, com rotação lenta em torno de um eixo horizontal em um tanque, onde fluem os efluentes sanitários.

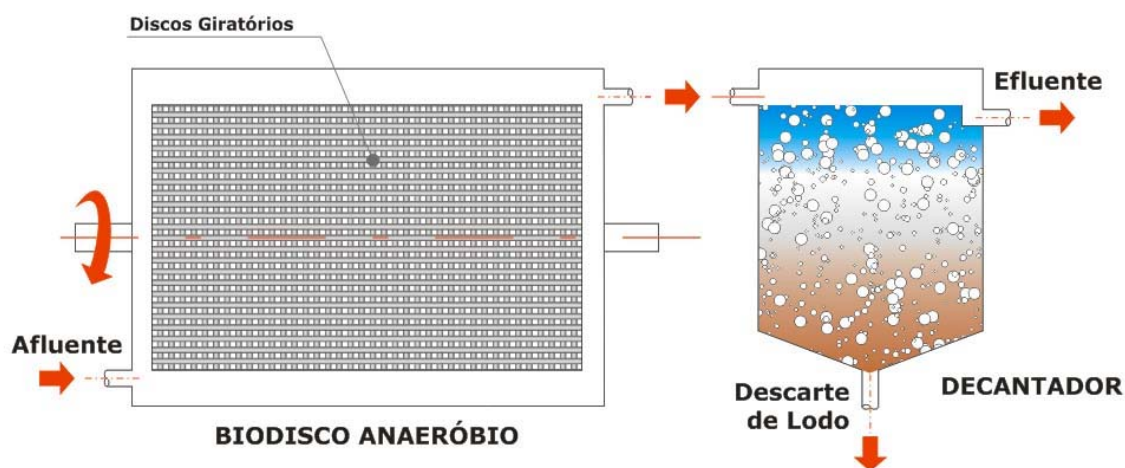


Figura 3.4 - Reatores de Leito Rotatório (adaptado de CHERNICHARO, 2008)

O biodisco anaeróbico é datado de 1980, tendo o seu conceito semelhança ao biodisco aeróbico, com exceção do tanque, que por ser coberto dificulta o contato com o ar. A sua submersão difere por ser mais profunda do que os sistemas aeróbios, considerando a não obrigatoriedade de transferência de oxigênio.

Em função de a relação qc/q (tempo de retenção de sólidos/tempo de detenção hidráulica) ser elevada, impossibilita que ocorram entupimentos no sistema, considerando que a velocidade rotacional deve promover uma força de cisalhamento entre os discos capaz de remover o excesso de biomassa retida.

3.1.2.2 Sistemas de Alta Taxa com Crescimento Disperso

Chernicharo (2008), afirma que a eficiência do sistema com crescimento bacteriano disperso depende em grande parte, da capacidade da biomassa em formar flocos e sedimentar. Destacam-se no processo de crescimento bacteriano disperso os reatores de chicanas, os reatores de leito granular expandido, os reatores com recirculação interna e os reatores de manta de lodo.

a) Reatores de Dois Estágios:

Estes reatores ("anaerobic contact process") tiveram o seu direcionamento, na década de 50, para o tratamento de efluentes industriais concentrados. O sistema se apresenta com um reator anaeróbio (tanque de mistura completa) somado a um dispositivo de segregação e retorno de sólidos (ver figura 3.5 – Reatores de Dois Estágios). Por conceito, existe similaridade do sistema ao aeróbio de lodos ativados. Em suma, o cerne deste processo é que a biomassa floculada no reator, agregada aos sólidos afluentes não digeridos, tenha retenção em um dispositivo de segregação de sólidos para ser reencaminhada ao reator de primeiro estágio, onde receberá o esgoto afluente para mistura.

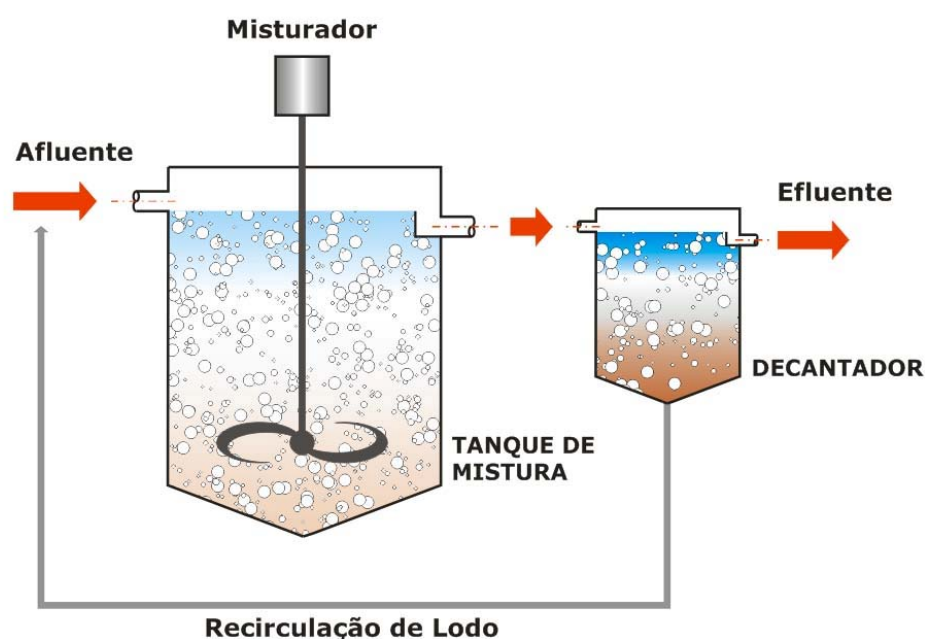


Figura 3.5 – Reatores de Dois Estágios (adaptado de CHERNICHARO, 2008)

Nesse processo, pela existência de partículas produtoras de gases, que têm fluxo ascendente, constata-se como problema operacional a separação, a concentração e a sedimentação dos sólidos dos efluentes sanitários.

b) Reatores de Chicanas:

Os reatores de chicanas são análogos aos tanques sépticos de múltiplas câmaras em série, apresentando vantagens no que tange à alimentação de suas câmaras. Para tanto, são dotados de chicanas verticais que promovem um movimento ascensional e descensional que garante um melhor contato do afluente com a biomassa existente no fundo dos tanques

(CHERNICHARO, C. A. de L., 2008), a figura 3.6 – Reatores de Chicanas, apresentada a seguir mostra o esquema de funcionamento do reator.

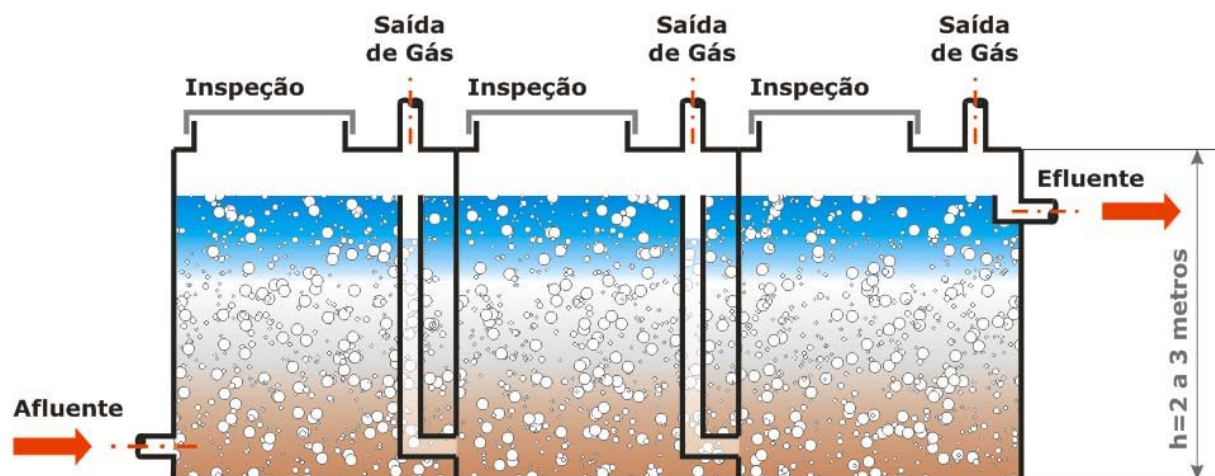


Figura 3.6 - Reatores de Chicanas (adaptado de CHERNICHARO, 2008)

A Escola de Engenharia de São Carlos - USP vem realizando há alguns anos, em sua unidade piloto, os principais estudos e pesquisas já desenvolvidos para este tipo de tratamento. Em escala real, através de um projeto da Secretaria Executiva do Consórcio das Bacias dos Rios Piracicaba e Capivari, foi construído o primeiro sistema.

c) Reatores de Leito Granular Expandido:

Neste reator, ocorre preferencialmente a retenção de lodo do tipo granular, que em função da aplicabilidade de altas taxas hidráulicas, tem-se a sua expansão conservada. Esta expansão, que garante a mistura hidráulica constante, é responsável pelo contato biomassa-esgoto, como pode ser observado na figura 3.7, a seguir apresentada. As elevadas taxas de recirculação dos efluentes associadas à relação altura/diâmetro correspondente normalmente a 20 (vinte) vezes ou mais, garantem as velocidades ascensionais do líquido na ordem de 5 m/h a 10 m/h, o que não ocorre nos reatores tipo UASB, que em função das velocidades ascensionais mais baixas, variando de 0,50 m/h a 1,50 m/h, ocasionando o leito de lodo praticamente estagnado (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

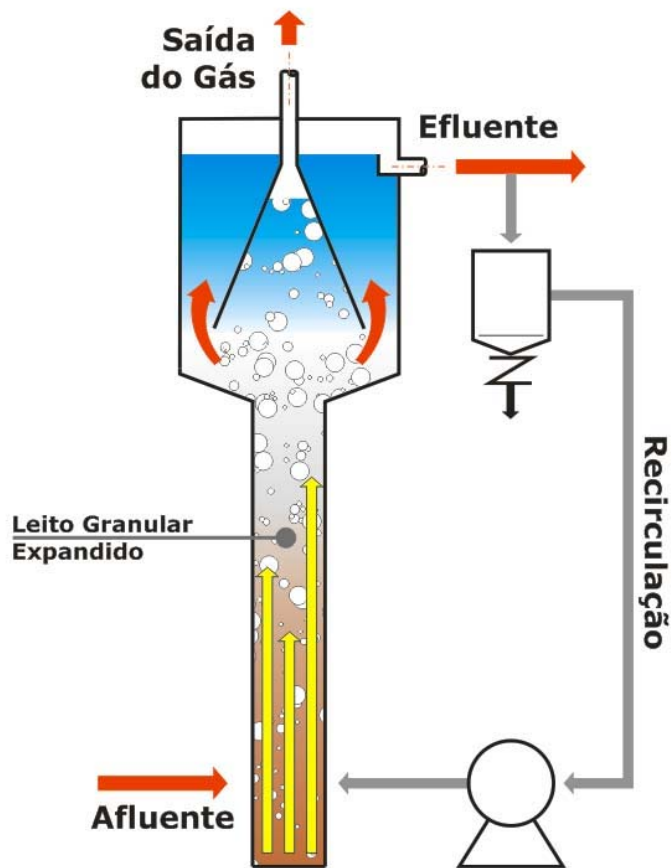


Figura 3.7 - reatores de Leito Granular Expandido (adaptado de CHERNICHARO, 2008)

Com as características apresentadas, esse reator tem indicação para o tratamento de efluentes solúveis, haja vista que as altas velocidades ascensionais não permitem a remoção de materiais orgânicos particulados de forma eficiente. Tem-se ainda que a manutenção das características do lodo granular pode ser prejudicada na ocorrência de grande quantidade de sólidos suspensos no afluente.

d) reatores com Recirculação Interna:

Esse reator, anaeróbico com recirculação interna (ver figura 3.8), foi concebido para trabalhar com eficiência recebendo altas cargas orgânicas. No entanto, em função da agitação causada pela presença de gases, que inibe a retenção de biomassa no sistema, ressalta-se que é fundamental uma boa segregação do gás, sólido e líquido.

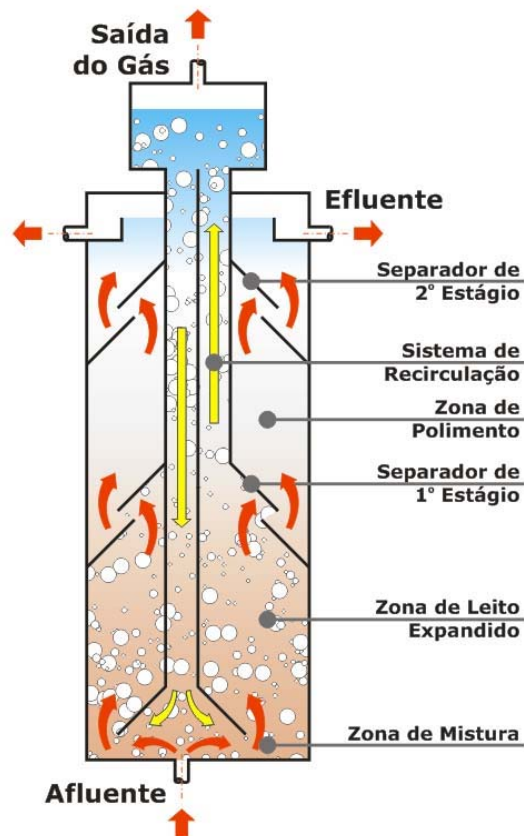


Figura 3.8 - reatores com Recirculação Interna (adaptado de CHERNICHARO, 2008)

Esse sistema disponibiliza, verticalmente, de dois compartimentos de reatores tipo UASB. O primeiro recebe elevadas cargas orgânicas. A segregação dos sólidos em duas etapas é realizada em um reator de altura variando entre 16,00 m e 20,00 m, onde os gases recolhidos na primeira etapa possibilitam o deslocamento da mistura do gás, sólido e líquido para a área superior do reator. Depois de os gases estarem segregados na parte superior da unidade, tem-se no primeiro compartimento a recirculação de sólidos e líquidos, promovendo uma intensa mistura na base do reator, responsável pelo contato do esgoto afluente com a biomassa recirculada.

Este tipo de reator possui bem definidas quatro zonas de processo para o reator de recirculação interna (YSPEERT P. VEREIJKEN T. VELLINGA S. & DE VEGT A., 1995), quais sejam:

- zona de mistura: encontra-se no fundo do reator e permite uma eficiente mistura da biomassa com o afluente lançado e o efluente da recirculação, tendo como resultado a diluição e o condicionamento afluente bruto lançado no sistema;

- zona de leito expandido: está localizada logo acima da base da unidade de tratamento e se traduz em seu primeiro estágio. Neste local encontra-se o lodo granular de concentração elevada, com a manutenção de sua expansão através das altas velocidades ascensionais do afluente lançado no sistema, do fluxo de recirculação e do biogás gerado.

- zona de polimento: se traduz na segunda etapa da unidade de tratamento e encontra-se logo acima do separador da zona de leito expandido. Pode-se afirmar que nesta zona acontece, em razão de três aspectos importantes, um pós-tratamento e a retenção complementar de biomassa, sendo as baixas cargas aplicadas, os altos tempos de detenção hidráulica e o regime de fluxo tipo pistão.

- sistema de recirculação: trata-se de um sistema que através da diferença na captura de biogás entre as zonas ascensional (gás, sólido e líquido) e descensional (sólido e líquido) permite a circulação interna por meio do princípio de gás “lift”, dispensando-se a utilização de equipamentos para o feito.

e) Reatores de Manta de Lodo:

O Reator de Manta de Lodo cujo diagrama é apresentado na figura 3.9, é um reator de fluxo ascendente de efluentes sanitários por meio de um leito de lodo concentrado e de alta atividade, idealizado e bastante utilizado na Holanda. Os sólidos se apresentam variando de muito denso, com partículas granulares de alto poder de sedimentação localizados em proximidade do fundo (leito de lodo) a um lodo menos concentrado, que se encontra na parte superior (manta de lodo).

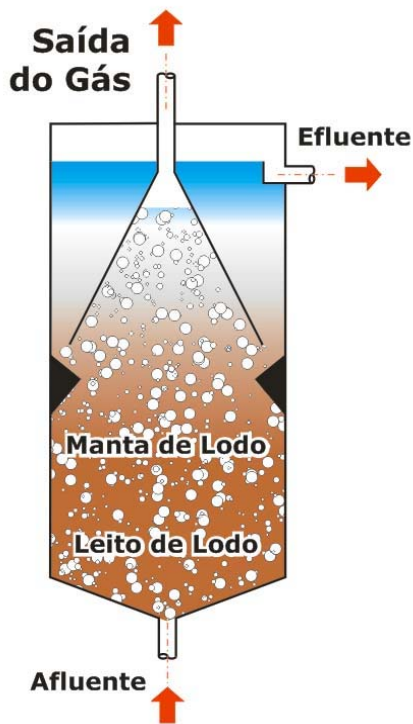


Figura 3.9 – reatores com Manta de Lodo (adaptado de CHERNICHARO, 2008)

A mistura do sistema é provocada pelo fluxo ascendente do esgoto e das bolhas de gás. No reator tem-se, então, em todas as zonas de reação descritas, a estabilização da matéria orgânica. A entrada do esgoto se dá pelo fundo e a saída por meio de um decantador interno, instalado em sua parte superior. A sedimentação das partículas ocorre por um sistema de segregação de gases e sólidos existente abaixo do decantador, que as separam da manta de lodo, encaminhando-as para a câmara de digestão ao invés de enviá-las para fora do sistema.

Uma das características principais para o sucesso do funcionamento do reator é a formação de uma biomassa que tenha uma intensa atividade, podendo ser desenvolvida na forma de flocos ou mesmo granular.

Outra característica importante no processo é a obrigatoriedade do quesito segregação de gases e sólidos, que ocorre na parte superior da unidade, através de dispositivo para este fim. A finalidade desta ação é a separação dos gases existentes na mistura líquida, criando-se no extremo superior do reator uma área favorável e destinada à sedimentação.

Apesar do reator de manta de lodo ter sido desenvolvido para o tratamento de esgotos concentrados, da mesma forma que os processos de leito expandido, eles têm sido utilizados com resultados satisfatórios para o tratamento de esgotos de menor concentração. Soma-se a

isto, a simplicidade do processo que sequer necessita de equipamentos aprimorados ou meios suporte para a retenção da biomassa.

3.2 Princípios do Processo dos Reatores UASB

O processo utilizado visa a segregação dos gases, sólidos e líquidos. Para tanto, a literatura inglesa especificou para os “Reatores de Manta de Lodo” a sigla UASB, que significa “Upflow Anaerobic Sludge Blanket”. No Brasil, são também conhecidos com as siglas DAFA ou RAFA, ou seja, Digestor Anaeróbico de Fluxo Ascendente e Reator Anaeróbico de Fluxo Ascendente, respectivamente.

Os reatores UASB têm como principais parâmetros o controle dos tempos de detenção de sólidos e hidráulico, as cargas volumétricas orgânicas e hidráulicas, bem como a velocidade ascensional (VERSIANI, BETINA MACIEL et al, 2005).

A ação dos micro-organismos anaeróbios é utilizada para a digestão da matéria orgânica existente nos efluentes sanitários. De forma assemelhada ao que se processa na fossa séptica, o sistema conjugado, utiliza-se de uma única unidade em seu interior onde se processam os fenômenos de decantação das águas e a digestão anaeróbia do substrato orgânico.

Um sistema de tratamento preliminar antecede o UASB, onde os efluentes sanitários são submetidos a um gradeamento e desarenação. Logo após, os efluentes sanitários são encaminhados à parte inferior do reator anaeróbico de fluxo ascendente, quando ocorre a distribuição homogênea no fundo da unidade.

O lodo formado é sedimentado e fica concentrado na parte inferior do reator, sendo mantido em suspensão pela ação ascendente dos efluentes sanitários. A movimentação suave do lodo no ambiente anaeróbico permite a sua floculação, com a formação de uma camada composta de grânulos de lodo ativado anaeróbico, por onde os efluentes sanitários atravessam quando entram no reator.

Tem-se, então, uma ação dos micro-organismos anaeróbios da “Manta de Lodo” sobre a matéria orgânica nos efluentes sanitários. Após esta passagem, o líquido se direciona para uma zona de decantação existente na parte superior do reator.

Enquanto o líquido é decantado em uma canaleta coletora, o lodo é sedimentado e incorporado à manta de lodo existente no fundo do reator. O efluente final tratado poderá, então, ser encaminhado para um tratamento complementar (polimento) ou mesmo ser direcionado ao corpo receptor, desde que tenha a anuência do órgão ambiental competente.

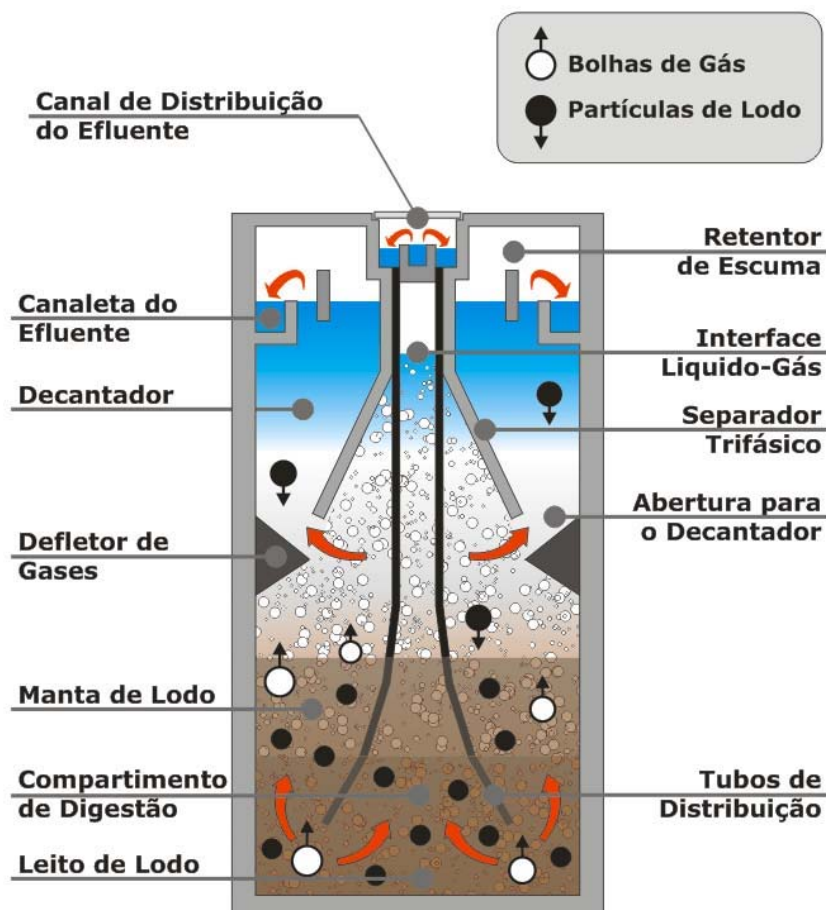


Figura 3.10 – Esquema do Processo de um reator UASB (adaptado de CHERNICHARO, 2008)

O processo se equilibra, após o seu início, em um período de quatro a seis meses, ocasião em que a sua operação dá-se apenas no controle do excesso de lodo gerado, que deverá ser retirado do processo e encaminhado para a destinação final. Em função de suas características e quantidade, conforme Chernicharo, 2008, se traduz bastante inferior aos demais processos abordados (da ordem de 0,10 a 0,20 kgSST/kgDQO_{apl.}), e o lodo poderá sofrer secagem e ser utilizado como condicionador de solos (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008) ou mesmo ser encaminhado a um aterro sanitário. A geração de gases, a exemplo de outros processos, poderá ser tratado e aproveitado como fonte energética (COSTA, D.F., 2006).

Inúmeras vantagens operacionais (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994) e dentre elas tem-se que o processo requer um tempo de retenção de apenas seis horas e gera um lodo bastante mineralizado (razão SSV/SST ao redor de 0,55), propiciando o seu encaminhamento a um processo de secagem sem tratamento adicional.

No Brasil, a SANEPAR, Companhia de Saneamento do Paraná, foi pioneira e desenvolveu as principais experiências, dispondo uma enorme quantidade de unidades de pequeno porte instaladas e em operação (GOMES, CELSO SAVELLI ET AL, 2007).

Não obstante às vantagens apresentadas, tem-se a inconveniência de a remoção de coliformes fecais não atingir níveis satisfatórios, ou seja, de aproximadamente 60%, o que requer tratamento complementar a nível secundário para alcançar um índice de 90%.

O uso deflagrado do reator UASB em diversos tipos de tratamento de águas residuárias é o fator primordial para demonstrar a importância deste modelo no cenário dos processos de tratamento anaeróbios de águas residuárias (McCARTY, P.L., 2001).

3.3 Configurações Típicas dos reatores UASB

Inicialmente desenvolvidos para o tratamento de efluentes industriais, os reatores anaeróbios de manta de lodo dispunham formato cilíndrico ou prismático-retangular, tendo as áreas destinadas para a digestão e decantação a mesma magnitude. Dessa forma, eram caracterizados como de paredes verticais e receberam adaptações visando o tratamento de efluentes de menor concentração, são apresentadas a seguir:

Um diferencial importante é o critério adotado para o seu dimensionamento, que utiliza a carga hidráulica e não a carga orgânica, quando o reator se destina ao tratamento de efluentes de baixa concentração. Para tanto, é primordial que seja garantida a manutenção de baixas velocidades ascensionais (0,5 a 0,7 m/h para $Q_{méd}$) nas áreas destinadas à digestão e decantação, visando a retenção de biomassa e o equilíbrio do sistema. Para que isto aconteça, impõe-se uma redução na altura da unidade de tratamento e o aumento de sua seção transversal.

Com relação aos esgotos domésticos, à exceção de haver uma estação elevatória, o reator fica exposto a toda sorte de variações de vazão e de carga orgânica, que indica um aumento da

seção transversal para garantir, nos picos de vazão, as necessárias e baixas velocidades ascensionais.

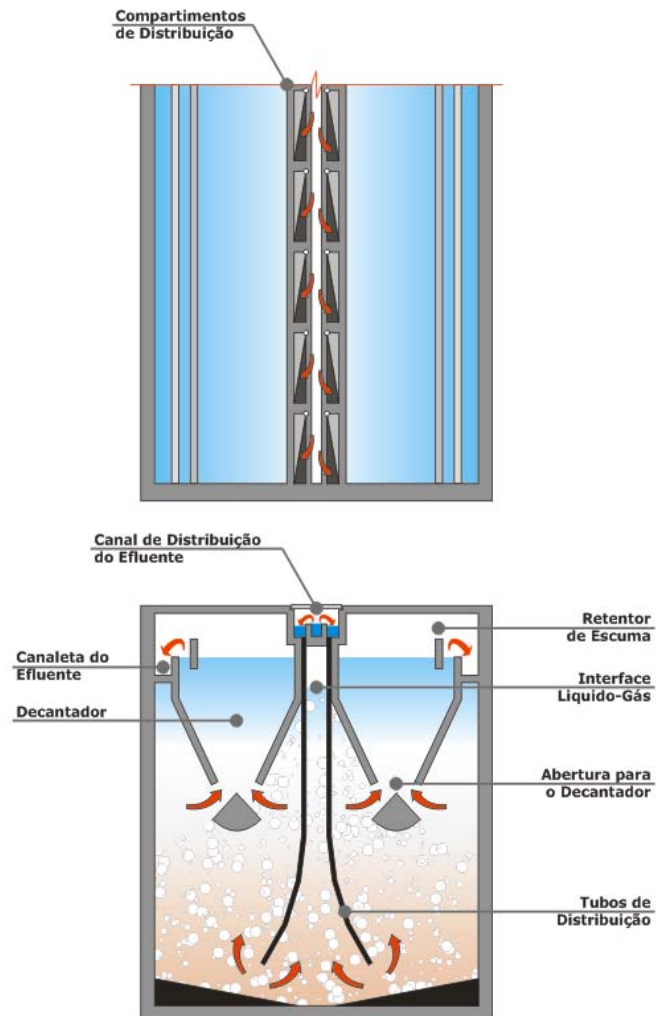


Figura 3.11 - Representação esquemática de um reator UASB retangular

(adaptado de CHERNICHARO, 2008)

Em planta, os reatores podem ter forma circular ou retangular, sendo que os primeiros se apresentam maior economia sob o aspecto estrutural para o atendimento de pequenas vazões, através de uma única unidade. Para vazões maiores, quando há a necessidade de modulação das unidades, tem-se que os reatores retangulares são mais indicados, ocasião em que uma mesma parede pode ter função hidráulica para dois módulos. As figuras a seguir, tipificam os reatores de forma retangular e circular.

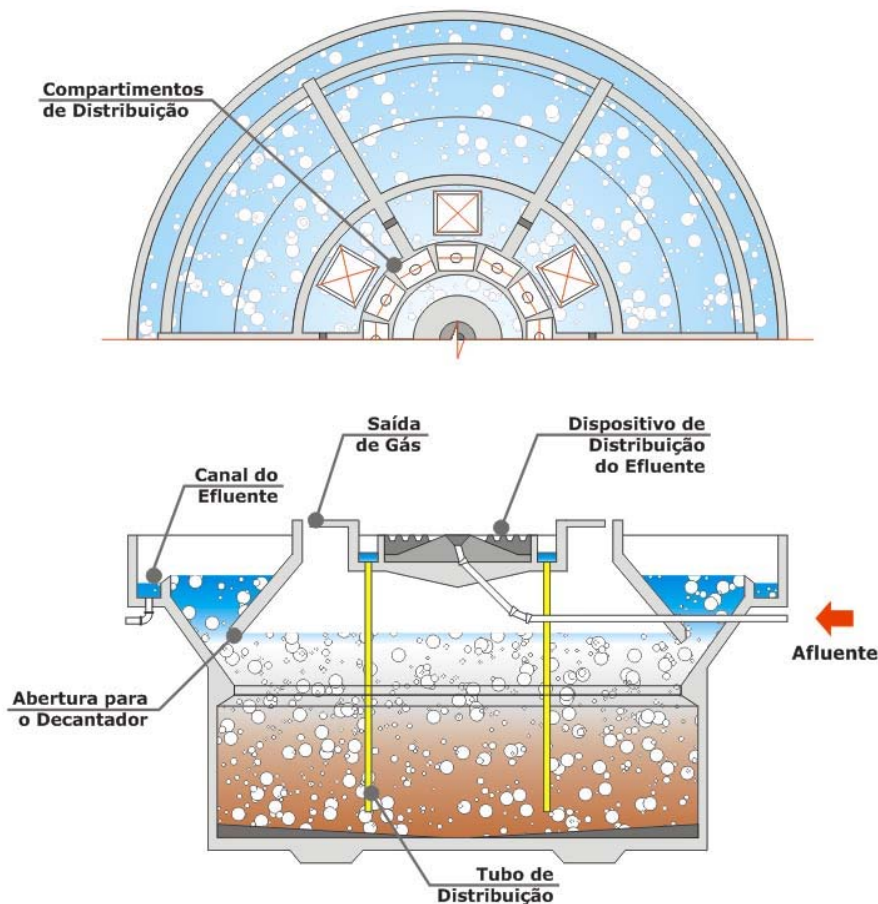


Figura 3.12 - Representação esquemática de um reator UASB circular

(adaptado de CHERNICHARO, 2008)

3.4 Critérios e Parâmetros do Projeto de Reatores UASB

A geração de uma manta de lodo de elevada atividade bem como a manutenção de suas características são questões relevantes para que seja garantida uma excelente sedimentação do lodo gerado. Para tanto, algumas medidas de ordem conceitual e operacional devem ser consideradas.

Nesse sentido, para o tratamento de efluentes de características domésticas, devem ser adotados critérios específicos levando-se em conta a presença de substâncias que apresentem toxicidade, como metais pesados ou substâncias organo-cloradas, além do aspecto quantitativo de toda sorte de sólidos, que podem ser inertes ou biodegradáveis, dentre os tantos existentes.

Como medida operacional, deve-se preceder o Reator UASB com unidades de retirada de areias, remoção de gordura e remoção de sólidos grosseiros.

A remoção eficiente de sólidos inorgânicos sedimentáveis, SIS, (areias, silte, argila) antes da descarga de esgoto em sistemas de tratamento é de vital importância para a estabilidade operacional. Sem a retenção prévia de SIS, estes se acumulariam e em pouco tempo ocupariam grande parte do seu volume (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994).

A necessidade de implantação de unidades de remoção de gordura a montante de Reatores UASB dependerá da quantidade de óleos e graxas do esgoto a ser tratado.

A remoção de sólidos grosseiros deve sempre anteceder os reatores UASB, uma vez que a digestão anaeróbia só é viável após um pré-tratamento para reter sólidos grosseiros como panos, garrafas, fraldas, etc, (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994) a não inserção do pré-tratamento dará condições a entupimentos nas tubulações de distribuição e vertedouros.

3.4.1 Carga orgânica volumétrica

É a quantidade de matéria orgânica (massa) aplicada diariamente ao reator, por unidade de seu volume.

$$COV = \frac{Q \times S}{V} \quad (1)$$

onde:

COV = carga orgânica volumétrica (kgDQO/m³.d);

Q = vazão (m³/d);

S = concentração de substrato afluente (kgDQO/m³);

V = volume total do reator (m³).

Apesar de serem adotadas nos projetos de estações de tratamento tipo UASB cargas orgânicas inferiores a 15 kgDQO/m³.d, cargas mais elevadas, da ordem de 45 kgDQO/m³.d já foram aplicadas com sucesso (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

O volume do reator pode ser calculado com a fórmula a seguir apresentada, desde que se tenha conhecimento dos seguintes parâmetros: vazão, concentração do esgoto afluyente e uma carga orgânica volumétrica admitida.

$$V = \frac{Q \times S}{COV} \quad (2)$$

Para os efluentes sanitários, de baixa concentração, a carga orgânica quase sempre inferior a 2,50 - 3,00 kgDQO/m³ não se apresenta como parâmetro impeditivo, haja vista o volume total do reator e a consideração de que o seu dimensionamento é realizado pela carga hidráulica volumétrica, conforme descrito no item seguinte.

3.4.2 Carga hidráulica volumétrica e tempo de detenção hidráulica

É tida pelo volume de esgotos introduzidos diariamente no reator por unidade de seu volume. Ela equivale ao inverso do tempo de detenção hidráulica na unidade.

$$TDH = \frac{V}{Q} \quad (3)$$

onde:

TDH = tempo de detenção hidráulica (d);

V = volume total do reator (m³)

Q = vazão (m³/d).

$$CHV = \frac{Q}{V} \quad (4)$$

Onde:

CHV = carga hidráulica volumétrica (m³/m³.d).

ou

$$CHV = \frac{1}{TDH} \quad (5)$$

Estudos e análises apontam que a carga hidráulica volumétrica não deve exceder o valor de 5,00 m³/m³.d, correspondendo a um tempo de detenção hidráulica mínimo de 4,80 horas (CAMPOS, J. R., 1999).

Já valores superiores de carga hidráulica ou inferiores em tempo de detenção hidráulica, podem acarretar nos seguintes inconvenientes (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008):

- perda excessiva de biomassa do sistema;
- Redução do tempo de residência celular (idade do lodo) e conseqüente diminuição do grau de estabilização dos sólidos, e
- Possibilidade de falha do sistema, uma vez que o tempo de permanência da biomassa no sistema pode ser inferior ao seu tempo de crescimento.

O tempo de detenção hidráulica é relevante por ter relação direta com a velocidade do processo de digestão anaeróbia, que está conexo com o tamanho da unidade de tratamento. Relacionado a uma temperatura média de 20°C, este parâmetro pode variar de 6 a 16 horas.

Para os efluentes sanitários com uma temperatura em torno de 20°C, adota-se para a vazão média um tempo de detenção em torno de 8 a 10 horas. Para a vazão máxima, deve-se adotar um tempo superior a 4 horas, sendo que para os picos de vazão máxima, o tempo não deve ser excedido de 4 a 6 horas (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

Assim, tendo-se conhecimento da vazão dos esgotos afluentes, o volume do reator poderá ser calculado por meio da equação seguinte, desde que admitido um tempo de detenção hidráulica.

$$V = Q \times TDH \quad (6)$$

3.4.3 Carga Biológica (Relação Alimento/Micro-organismo)

Vários autores na atualidade dos estudos sobre processos anaeróbios (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008; VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994) indicam que a carga de lodo refere-se à quantidade (massa) de matéria orgânica aplicada diariamente ao reator, por unidade de biomassa presente no mesmo. Esta nomenclatura diverge do tradicionalismo em adotar-se a conhecida Relação A/M, utilizada pela grande maioria dos autores de compêndios em Tratamento de Esgotos.

$$CB = \frac{Q \times S}{M} \quad (7)$$

Onde:

CB = carga biológica (kgDQO/kgSVTd):

Q = vazão (m³/d);

S = concentração de substrato afluente (kgDQO/m³):

M = massa de micro-organismos presentes no reator (kgSVT/m³).

As cargas biológicas para início do processo de tratamento, em função das características dos efluentes a serem tratados, são indicadas pela bibliografia especializada como sendo da ordem de 0,05 a 0,15 kgDQO/KgSVT.d. Considerando o desempenho do sistema, estas cargas devem ser elevadas gradativamente. Já durante o regime permanente e dependendo das características do esgoto, a carga biológica poderá alcançar valores em torno de 2,0 kgDQO/kgSVT.d (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

Especificamente neste ponto de avaliação da massa de micro-organismos presentes no reator (kgSVT/m³) surge uma discussão quanto ao valor do volume a ser utilizado para o cálculo da taxa. Diferentemente do processo Aeróbio, onde o volume considerado é o do próprio reator onde ocorre o processo biológico, nos compêndios sobre o processo anaeróbio, os valores de volume utilizados são totais, incluindo a zona de decantação.

Trazendo para a discussão os resultados do trabalho científico de CARVALHO, K. Q. ET AL (2003), no qual foi realizada uma modelagem hidrodinâmica simplificada de um Reator UASB, e sua conclusão onde se verificou que houve queda na eficiência de remoção de matéria orgânica quando o modelo matemático simplificado adotou o reator dividido em cinco compartimentos em série, pois esse parâmetro resultou em aproximadamente 82 %, ou seja, 6 % menor que àquele obtido para o reator dividido em quatro compartimentos em série.

Outra pesquisa científica buscando avaliações quanto à sedimentabilidade do lodo, executou medições de volume da manta e conseqüentemente a massa do lodo foi conhecida por zona dentro do UASB fornecendo indiretamente dados em que se pode avaliar a relação A/M por zona (LEITÃO, RENATO CARRHÁ ET AL, 2005).

Giordano, G. (2008) cita ainda alguns tipos de efluentes industriais em que se aplica o tratamento através de Reatores UASB, como por exemplo Cervejarias e Refrigerantes com DQOs de 2.300 e 2.600 mg/l respectivamente, a indústria de Pescado com valores de DQO de 1.700 mg/l, após a clarificação química e Flotação, as indústrias de Laticínios, Abatedouros e Frigoríficos com DQO variando de 600 a 4.200 mg/l, ou ainda as indústrias de Bebidas Alcoólicas, com DQO da ordem de 11.000 mg/l. Nestes casos, o dimensionamento pela carga orgânica através da relação A/M se torna importante para a definição do volume a ser considerado.

Esta abordagem permite concluir que análises em zonas setoriais no Reator, com um número maior ou menor de setores, redundarão em resultados diferentes para a eficiência, e portanto deve ser aprofundada a pesquisa com relação a aplicação da relação A/M para o dimensionamento do Reator UASB, sendo neste caso, utilizado o volume real do processo em reação na região da manta de lodo do Reator e não considerando todo seu volume.

3.4.4 Velocidade ascensional do fluxo

A velocidade ascensional do fluxo é calculada a partir da relação entre a vazão afluente e a seção transversal do reator, como a seguir.

$$V = \frac{Q}{A} \quad (8)$$

Onde:

v = velocidade ascensional do fluxo ou velocidade ascensional (m/h);

Q = vazão (m³/h)

A = área da seção transversal do reator (m²).

Ou

$$v = \frac{Q \times H}{V} = \frac{H}{TDH} \quad (9)$$

Onde:

H = altura do reator (m)

O tipo de lodo existente e as cargas aplicadas interferem na velocidade ascensional máxima do reator. Para as unidades que têm lodo do tipo floculento e com cargas orgânicas de até 5,0 a 6,0 KgDQO/m³.d, tem-se que as velocidades médias ocorrem na faixa de 0,50 a 0,70 m/h, com tolerância de picos eventuais no período de 2 a 4 horas, com velocidades entre 1,5 a 2,0 m/h. Para lodos do tipo granular, as velocidades ascensionais poderão atingir valores bem superiores, podendo chegar até 10 m/h. No caso de efluentes sanitários, para o tratamento indicam-se as seguintes velocidades ascensionais:

3.4.5 Velocidades Ascensionais

As velocidades ascensionais recomendadas na tabela 3.1, para o projeto de reatores UASB, foram sintetizadas por Campos (CAMPOS, J. R., 1999), conforme o quadro a seguir.

Tabela 3.1 – Velocidades Ascensionais em função da Vazão Afluente

Vazão afluente	Velocidade Ascensional (m/h)
Vazão média	0,5 - 0,7
Vazão máxima	0,9 - 1,1
Picos temporários	< 1,5

Fonte: CAMPOS, J. R., 1999

A equação (9) apresenta uma relação entre a velocidade ascensional do fluxo, a altura do reator e o tempo de detenção hidráulica. Observa-se que as profundidades dos reatores devem estar no intervalo entre 3,00 m e 6,00 m, quando se trata efluentes domésticos com velocidades ascensionais e tempos de detenção hidráulica usuais em projetos, ou seja, velocidade inferior a 1,00 m/h para $Q_{\text{média}}$ e tempo entre 6 e 10 horas para temperaturas variando entre 20 e 26°C.

3.4.6 Avaliação da produção de biogás

O esquema de conversão de DQO total em um reator anaeróbio pode ser simplificado como a seguir:

Tabela 3.2 – Esquema de Conversão da DQO_{total} em um Reator UASB

DQO total		DQO _{CH4} (parcela de DQO convertida em gás metano)
		DQO _{cel} (parcela de DQO utilizada para crescimento celular)
		DQO _{ret} (parcela de DQO não convertida, mantida no lodo do reator)
		DQO _{efl} (parcela de DQO não convertida, perdida no efluente ¹)

Fonte: CHERNICHARO, C. A. de L., 2008

¹ Como sólidos em suspensão e substâncias orgânicas não biodegradáveis

A avaliação da produção de biogás pode ser feita a partir da estimativa da carga de DQO afluente ao reator que é convertida em gás metano (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008), conforme relatado a seguir.

$$DQO_{rem} = Q \times (S_o - S) \quad (10)$$

Onde:

DQO_{rem} = carga de DQO removida no reator (kgDQO/d);

Q = vazão de esgoto afluente (m³/d);

S_o = concentração de DQO afluente (kgDQO/m³);

S = concentração de DQO efluente (kgDQO//m³).

Sabendo que a DQO removida é composta por três outras parcelas.

$$DQO_{rem} = DQO_{CH4} + DQO_{cel} + DQO_{ret} \quad (11)$$

Ou ainda

$$DQO_{CH4} = DQO_{remov} - DQO_{cel} - DQO_{ret} \quad (12)$$

Onde:

DQO_{CH4} = carga de DQO convertida em metano (kgDQO_{CH4}/d);

DQO_{cel} = carga de DQO utilizada para crescimento celular (kgDQO_{cel}/d);

DQO_{ret} = carga de DQO não convertida e mantida no lodo do reator (kgDQO_{ret}/d).

A estimativa das parcelas DQO_{cel} e DQO_{ret} pode se tornar bastante difícil, uma vez que estas dependem de uma série de fatores relativos às características do despejo e ao sistema de tratamento. A partir da abordagem detalhada sobre o balanço de DQO em reatores anaeróbios, podem ser destacados alguns fatores que influenciam de forma marcante as rotas de conversão de DQO no sistema (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008):

- Concentração do despejo em termos de sólidos biodegradáveis;
- Concentração relativa do despejo, em termos de carboidratos, proteínas e lipídeos;
- Concentração relativa do despejo, em termos de DQO particulada e DQO recalcitrante;
- Condições ambientais dentro do reator (pH, alcalinidade, temperatura etc.).

Para o caso particular do tratamento de esgotos domésticos em regiões tropicais se pode estimar a avaliação conjunta das parcelas DQO_{cel} e DQO_{ret} , a partir da produção esperada de sólidos no sistema, segundo as equações 12 a 16 (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008), a seguir apresentadas:

$$P_{lodo} = DQO_{cel} + DQO_{ret} \quad (13)$$

onde:

P_{lodo} = produção de sólidos no sistema (kgDQO_{lodo}/d);

$$P_{lodo} = Y_{obs} + DQO_{apl} \quad (14)$$

onde:

Y_{obs} = coeficiente de produção de sólidos no sistema, em termos de DQO (kgDQO_{lodo}/kgDQO_{apl});

DQO_{apl} = carga de DQO aplicada ao sistema (kgDQO/d).

$$DQO_{CH4} = Q \times (S_o - S) - Y_{obs} \times Q \times S_o \quad (15)$$

$$Q_{CH4} = \frac{DQO_{CH4}}{K(t)} \quad (16)$$

onde:

Q_{CH_4} = produção volumétrica de metano (m^3/d);

$K(t)$ = fator de correção para a temperatura operacional do reator ($kgDQO/m^3$).

$$K(t) = \frac{P \times K}{R \times (273 + t)} \quad (17)$$

onde:

P = pressão atmosférica (1 atm);

K = DQO correspondente a um mol de CH_4 (64gDO/mol);

R = constante dos gases ((0,08206 atm.L/mol.°K);

t = temperatura operacional do reator (°C).

Para o caso do tratamento de esgotos domésticos, os teores de metano no biogás são geralmente da ordem de 70 a 80%. Com o produto da equação (16), ou seja, a produção teórica de metano se pode estimar a produção total de biogás (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

4. ASPECTOS GERAIS DA ENGENHARIA DOS UASBs

4.1 Corrosão, Segurança e Operação - Abordagem

Os processos bioquímicos e o equilíbrio das fases líquida e sólida ocorrentes no interior dos Reatores UASB possuem potencial para dissolução ou precipitação de carbonato de cálcio através da alcalinidade e do pH, o que pode conduzir ao surgimento de produtos de alta agressividade, desta forma o processo corrosivo é acentuado em diversas áreas da estrutura, e portanto especial atenção deve ser dada aos materiais a serem utilizados na construção dos Reatores.

O perigo de dano às estruturas de digestores devido à agressividade do seu conteúdo é real e tem sido observado na prática, como no caso do Reator em Cali – Colômbia em que houve dissolução de 10 mm das paredes do Reator durante os primeiros 4 anos de operação (VAN HAANDEL e LETTINGA, 1994).

A resistência a corrosão pode ser intrínseca ao próprio material (ex. PVC, fibra de vidro) ou pode ser conferida ao mesmo através de aditivos e revestimentos especiais (ex. concreto, aço). Por questões construtivas e de custo, o concreto e o aço tem sido os materiais mais empregados, sendo normalmente feita uma proteção interna à base de epóxi. No caso do emprego do aço como material de construção dos reatores, os cuidados para se evitar a corrosão devem ser ainda maiores, incluindo a utilização de aços especiais (como o SAC 41) e o controle rigoroso dos revestimentos empregados (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

O separador de gás e sólidos, situado na parte superior do reator e, portanto, mais exposto ao processo de corrosão, deve ser confeccionado em material mais resistente ou revestido com maior rigor. O concreto tem sido o material mais utilizado, mas as experiências nem sempre são satisfatórias, devido a problemas de vazamentos de gases, corrosão, além de se constituir em uma estrutura pesada e volumosa. Materiais não corrosivos e menos volumosos, como PVC, plástico, fibra de vidro e cimento amianto, são opções mais atrativas (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

Apesar de inúmeras vantagens operacionais, os Reatores UASB exigem um monitoramento mais atento no que diz respeito às flutuações de cargas orgânica e hidráulica, variações bruscas de pH e toxicidade, sob pena de se tornarem instáveis sob determinadas

circunstâncias. Paralelo a isto, o monitoramento do descarte de lodo de excesso produzido no reator é um fator importante na medida em que o arraste da manta de lodo influencia sobremaneira a qualidade do efluente final no processo. A maior dificuldade atualmente encontrada para o monitoramento de estações de tratamento de águas residuárias diz respeito ao alto custo da instalação *in loco* de laboratórios dotados de equipamentos apropriados para análises físico-químicas, sobretudo em estações localizadas distante de centros urbanos, além do custo de mão de obra especializada (BORGES, RAQUEL MACHADO ET AL, 2005).

4.2 Principais Materiais empregados na Construção do UASB

4.2.1 Concreto

O enxofre pode estar presente em águas residuárias domésticas, principalmente nas formas de sulfatos, sulfetos e gás sulfídrico. Os sulfatos também podem atacar os canais, tubulações e estruturas de concreto, ao se combinarem com parte do alumínio e cálcio do concreto para formar sulfatos de alumínio. Este ataque ocorre através da corrosão por expansão, resultante do aumento de volume provocado por reação química dos compostos cimentantes do concreto (Ayers e Westcot, 1985, citado por LEITE, VALDERI DUARTE, ET AL, 2001).

O gás sulfídrico é formado a partir da ação de microrganismos sobre sulfatos e outros compostos a base de enxofre, que são utilizados como agentes oxidantes (aceptores de elétrons) durante a decomposição de compostos orgânicos em condições anaeróbias. Esse processo, conhecido como “redução dissimilatória de sulfato” é promovido pelas bactérias pertencentes ao gênero *Desulphovibrio*, chamadas de bactérias redutoras de sulfato (BRS) e é o único processo conhecido no tratamento biológico de águas residuárias que produz teores significativos de sulfeto nesses ambientes (Cord-Ruwisch *et al.*, 1987, citado por LEITE, VALDERI DUARTE, ET AL, 2001).

O concreto deve resistir a ações químicas em contato com o esgoto nas variações entre úmida e seca, e exposto ao elementos naturais externamente. Uma dos principais ações é pelo ácido sulfúrico acima da linha da água, quando a água possui uma grande concentração de sulfetos. A resistência do concreto ao ataque do ácido pode ser aumentada cinco vezes especificando concreto com agregados calcáreos ao invés de granito. Os agregados calcáreos deverão ser analisados conforme especificado na norma ASTM C-33, assegurando que não há potencial de reativação alcalina. (WEF, Manual Practice No. 8, 1992).

As indicações para o concreto segundo a WEF, Manual Practice no. 8 (1992), são:

- a) Um tempo de cura de 28 dias no mínimo e uma resistência do concreto mínima de 27.600 kpa (4000 psi).
- b) Cimento de baixa alcalinidade.
- c) Fator “Água/cimento” máximo de 0,45.
- d) Agregados finos e grossos conforme ASTM C-33,
- e) Conteúdo de ar de 6 % +- 1% para agregado grosso.
- f) Slump teste com 2,5 cm no mínimo e 10 cm no máximo.

4.2.2 Aço

Trata este tópico dos reatores UASB construídos em aço, quase sempre de menor porte, contudo nem por isto deve ser construído sem a atenção à agressividade provocada pelo esgoto sanitário, principalmente na região da unidade submetida aos gases emanados do processo biológico. .

Quando essas superfícies são expostas a atmosferas úmidas, a diferença de potencial e a presença do eletrólito, líquido condutor de elétrons, propiciam a migração de íons, criando condições para o surgimento da corrosão (GNECCO, 2001, citado por TRAJANO, ADRIANA S. ALEXANDRIA ET AL, 2003).

O tratamento térmico da laminação, à presença de impurezas, às concentrações diferenciadas de elementos de liga (silício, cromo, magnésio e cobre) e às diferenças pontuais na relação carbono/ferro, podem surgir micro-áreas com diferenças de potenciais nas superfícies metálicas.

Os procedimentos de Ensaios Visual, Não Destrutivos com Líquido Penetrante e Ultra-som, indicados para os Reatores Anaeróbios de Aço, e estão listados na tabela 4.1, a seguir.

Tabela 4.1: Ensaios Visual, Não destrutivos com Líquido Penetrante e Ultra-som.

Ensaios	Procedimentos
<p>a) Ensaio Visual</p> <p>Ensaio no qual se faz uma varredura visual em todas as chapas, bem como em todos os cordões da solda interna e externa do costado, piso e teto.</p>	<p>Identificação de falhas como:</p> <ul style="list-style-type: none">• falha no cordão da solda;• sobreposição de chapas;• empenos e ondulações;• perda de espessura da chapa;• barrigas;• verticalidade da chapa;• circunferência
<p>b) Ensaio não destrutivo LP (líquido penetrante)</p> <p>Deteção de possíveis defeitos superficiais nos cordões da solda da chapa como:</p> <ul style="list-style-type: none">• porosidade;• mordeduras;• poros.	<p>Seqüência da execução do ensaio: limpeza manual com lixadeira; aplicação do solvente; aplicação do líquido penetrante tipo tinner; limpeza manual da superfície com pano; aplicação do revelador úmido aquoso em suspensão; e verificação do resultado após aplicação do revelador.</p>
<p>c) Ensaio com equipamento de medição ultra-som.</p> <p>Ensaio não destrutivo para deteção de defeitos internos, neste caso o ensaio/inspeção foi realizado nas soldas do tanque/reator para verificar se há problema como:</p> <ul style="list-style-type: none">• falta de fusão;• inclusão de escórias e tungstênio;• trincas.	<p>Seqüência da execução do ensaio: calibração do ultra-som; determinação do ponto de ensaio; aplicação do gel (acoplante metil celular); varredura com o cabeçote; e equipamento de medição e ensaio.</p>

Fonte: TRAJANO, ADRIANA S. ALEXANDRIA ET AL, 2003

4.2.3 Materiais Plásticos

Entre os materiais plásticos normalmente utilizados em nosso país, como o PVC, a Fibra de vidro e o PEAD. Cabe aos dois primeiros a ação de coadjuvantes, ou seja, materiais auxiliares no UASB como tubulações ou defletores. Quanto ao último, o PEAD, a realidade de uso na

estrutura do Reator, por sua comprovada inertidade perante os produtos químicos agressivos e sua potencialidade estrutura construtiva.

O polietileno é um polímero, parcialmente cristalino, flexível e cujas propriedades são acentuadamente influenciadas pelas quantidades relativas das fases amorfa e cristalina (BICALHO, J. R. SANTOS, 2007 citando Coutinho et al, 2003). Os polietilenos são inertes à maioria dos produtos químicos comuns, devido a sua natureza parafínica ao seu alto peso molecular e sua estrutura parcialmente cristalina. (BICALHO, J. R. SANTOS, 2007 citando Neves, 1999).

Em condições normais, os polímeros etilênicos não são tóxicos, podendo inclusive ser usado em contato com produtos alimentícios e farmacêuticos.

4.3 Aspectos Operacionais

Para assegurar o bom funcionamento de uma estação e conseqüentemente seu monitoramento, se faz necessário um eficaz controle operacional (MORAIS, JULIANA CARDOSO DE ET AL. 2001).

Os reatores do tipo UASB tem tido uma grande aceitação no país. Prova disso é a larga aplicação do reator nos mais diversos tipos de efluentes, domésticos e industriais. No entanto, freqüentemente muitas estações deixam a desejar quanto ao seu desempenho pelo fato de serem mal operadas. Exemplo disso é a ausência de descartes de lodo de excesso no reator, o que conduz a uma baixa qualidade do efluente final decorrente do arraste de sólidos sedimentáveis do reator (BORGES, RAQUEL MACHADO ET AL, 2005).

A ocorrência de cargas orgânicas de elevado valor poderá provocar o decaimento acentuado do pH, caso o mesmo não seja devidamente monitorado, principalmente nas situações de partida do Reator UASB. Desta forma, a constante medição dos valores de DQO de entrada é uma boa condição operacional de controle do Reator.

A partida do Reator pode ser definida como um período transiente, marcado por instabilidades operacionais. A inoculação prévia favorece a seleção e retenção da massa microbiana, uma vez que sem inoculação o tempo de desenvolvimento é da ordem de 6 meses. O volume de inoculo (lodo de semeadura) para partida do sistema é usualmente determinado em função da

carag biológica inicial aplicada ao sistema de tratamento, usualmente aproximadamente 0,1 kg DQO/kg ST dia (VERSIANI, BETINA MACIEL ET AL, 2005).

CHERNICHARO, C. A. de L. (2008), indica que os valores de carga biológica a serem aplicados durante a partida dependem do tipo do material empregado para inocular o UASB, indicando inclusive que sejam feitos testes de atividade metanogênica específica do lodo, e na sua ausência utilizar cargas na faixa de 0,05 a 0,50 kgDQO/kgSSV.dia e que as cargas iniciais devem ser aumentadas gradativamente. Em regime permanente estas caragas podem atingir valores no entorno de 2,0 kgDQO/kgSSV.dia.

Já o problema da toxicidade foi descrito por VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., (1994) citando a pesquisa de Rinzema (1989), o qual mostrou que a concentração de sulfeto para toxicidade significativa é de 50 a 200 mg/l, muito superior as concentrações encontradas no esgoto sanitário que são de 2 a 20 mg/l, concluindo que a toxicidade normalmente não é um problema no tratamento anaeróbio de esgoto.

A produção de biogás em um reator UASB é uma variável de suma importância para a avaliação do desempenho do processo de digestão anaeróbia e, por conseqüência, da degradação da matéria orgânica presente no esgoto. Além disso, esta variável reflete a condição do processo, podendo fornecer informações qualitativas a respeito da eficiência do mesmo (BORGES, RAQUEL MACHADO ET AL, 2005).

O poder calorífico do biogás, após seco e tratado, é de 5,9 KWh/m³ e, dependendo da composição e vazão, pode ser aproveitado em motores de combustão interna, na distribuição em rede após tratamentos adequados, na alimentação de caldeiras e na geração de energia elétrica (na ETE). Caso seu aproveitamento não se mostre adequado sob os aspectos técnico, econômico e ambiental, este é queimado em flares ou tratado antes de descartado na atmosfera através de biofiltração, adsorção em carvão ativado, absorção química (lavadores) ou oxidação térmica (CAMMAROTA, M. C., 2008).

O aumento da carga orgânica. O aumento nas taxas de aplicação de substrato aumenta a produção de CH₄ até que uma taxa de utilização máxima seja alcançada. Para uma dada carga orgânica, uma concentração maior de substrato e tempo de retenção mais longo produz um volume maior de CH₄ do que em concentração mais baixa de substrato e tempo de retenção mais curto. Entretanto, existe um limite prático para a carga orgânica e a concentração de

substrato para o qual o sistema torna-se sobrecarregado (VIEIRA e SOUZA, 1981 citado por WEBER, M. I., 2006).

O volume de gás produzido é o primeiro indicador do bom ou mau funcionamento do processo de digestão anaeróbia. Quando ocorre um desbalanceamento do processo, o primeiro sinal é a redução do volume de gás, o que ocorre antes mesmo da elevação na concentração dos ácidos voláteis. Isto indica que os problemas do processo em geral refletem-se mais acentuadamente nas bactérias metanogênicas, ocorrendo, portanto, uma redução brusca na produção de gás, e somente após isso, os ácidos voláteis passam a ser acumulados, pois continuam sendo formados sem serem consumidos (VIEIRA e SOUZA, 1981 citado por WEBER, M. I., 2006).

A intensidade do efeito tóxico depende da concentração do material em digestão. As concentrações tóxicas inibem o metabolismo das bactérias metanogênicas provocando, como consequência, um aumento na concentração dos ácidos voláteis.

O desbalanceamento temporário pode ser corrigido através do controle do pH. Na digestão anaeróbia, a faixa de pH ótimo é o resultado das diversas reações que ocorrem no processo, estando esta faixa entre 6,8 e 7,3 ou ainda nos limites entre 6,5 e 7,5 .

Se o processo for levado a efeito, o pH é mantido relativamente neutro, no entanto, se algum fator for alterado e ocorrer uma diminuição no valor do pH isso precisa ser corrigido para evitar a diminuição da atividade biológica do sistema, que apresenta como consequência à diminuição na produção de gás (VIEIRA e SOUZA, 1981). Também deve-se corrigir a causa da diminuição do pH, que pode ser observada através da análise de outros parâmetros como a temperatura, a carga orgânica e a alcalinidade.

Por outro lado, o desbalanceamento permanente não pode ser controlado pelo pH, a não ser que a causa inicial seja removida. Em condições de reprodução anaeróbia rápida, ocorre um grande aumento nos produtos finais, inibindo o metabolismo das bactérias metanogênicas (BRAGA, 1989 citado por WEBER, M. I., 2006)).

5. PROPOSTA DA INVESTIGAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO

5.1 Abordagem

Atuando em projetos de engenharia sanitária ao longo de 35 anos, participante de dezenas de congressos, nacionais e internacionais, seminários e palestras, o autor aglutinou ao longo do tempo informações a respeito dos Reatores UASB, e também boa quantidade de dúvidas de detalhes específicos e a cada visita técnica a um Reator UASB ou cada desenvolvimento de projeto destes mesmos Reatores buscou cercar-se de certezas técnicas de cada um dos detalhes envolvidos na Unidade de Processamento.

Destarte, durante vários anos, o autor promoveu a catalogação de trabalhos técnicos de congressos e seminários, livros específicos e depoimentos pessoais de consultores, projetistas, construtores e operadores de Reatores UASB.

Algumas técnicas de avaliação de desempenho, específicas para ETE's, têm surgido nas últimas décadas, e observa-se que há uma tendência para se avaliar essas unidades num contexto mais amplo, onde se incluem aspectos operacionais, administrativos, segurança, sustentabilidade financeira, controle de unidade, dentre outros (BROSTEF, RAQUEL DE CARVALHO C. ET AL, 2001).

A proposta desta investigação é justamente estabelecer uma contribuição firme aos projetistas, construtores e operadores de Estações de Tratamento de Esgotos providas de Reatores UASB, buscando efetuar com que todas as informações sobre UASBs obtidas ao longo de sua vida técnica sejam aqui colocadas como vetores a indicar os melhores condicionamentos com relação aos aspectos geométricos, materiais de construção e operacionais, de forma a ter-se garantido o sucesso desse excelente processo de tratamento que são os Reatores UASB.

A presente proposta de investigação aborda justamente a análise e discussão de cada um desses tópicos, tendo por base os trabalhos técnicos e estudos científicos arrolados pelo autor ao longo de sua vida profissional, buscando definições de um Protocolo de Projeto de Reatores UASB.

São apresentadas a seguir as figuras 5.1 a 5.4, que mostram as características morfológicas do Reator Anaeróbio UASB.

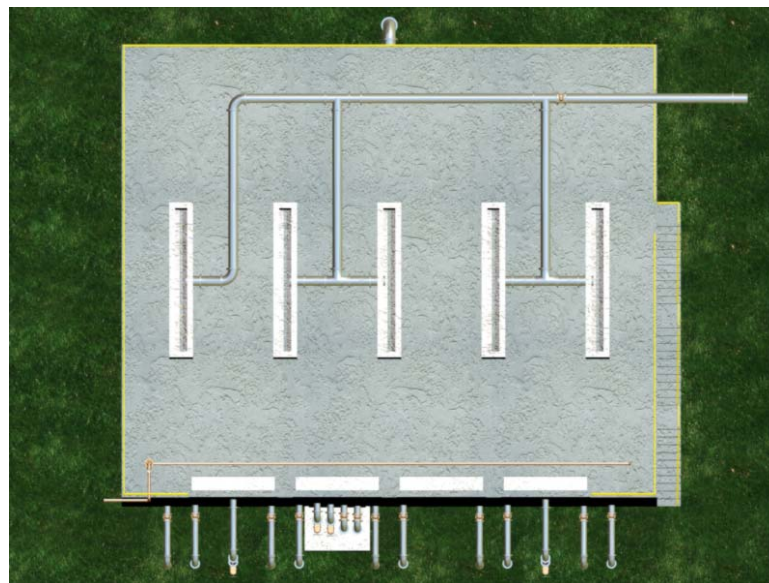


Figura 5.1 - Planta Baixa do UASB

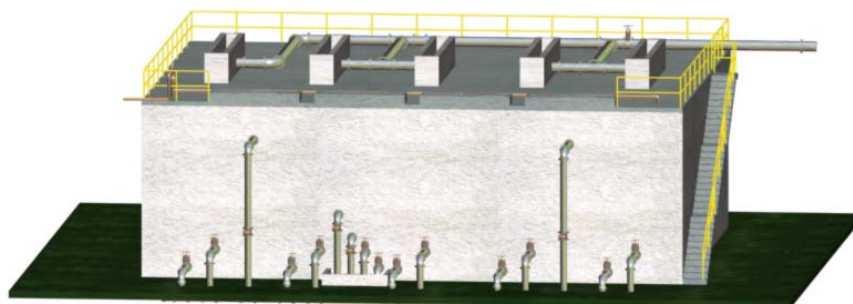


Figura 5.2 - Vista Frontal do UASB

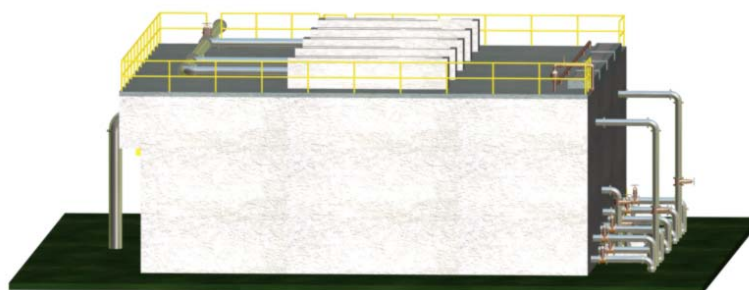


Figura 5.3 - Vista Frontal do UASB

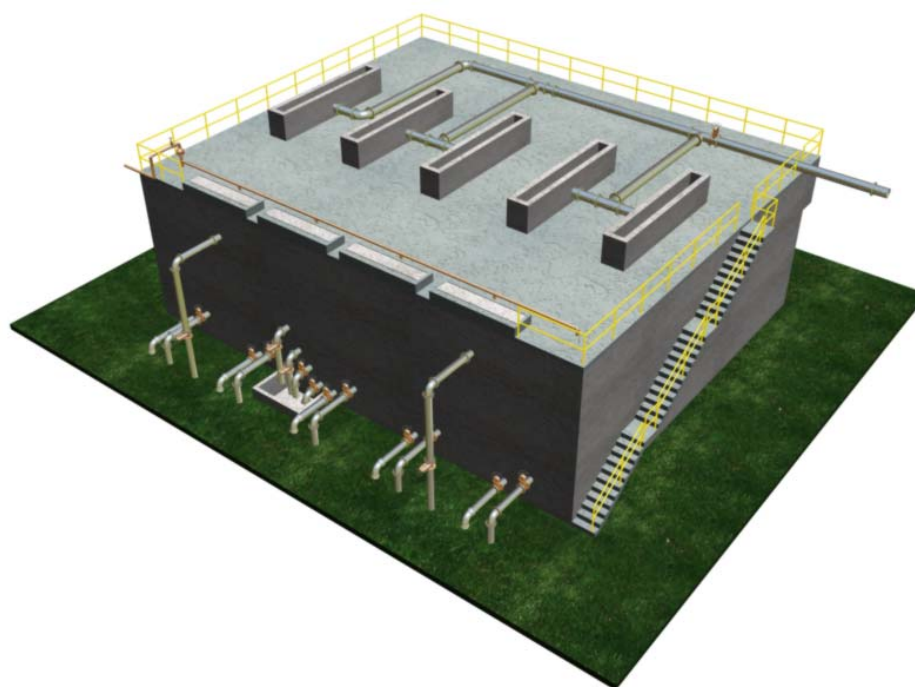


Figura 5.4 - Perspectiva Geral do UASB

5.2 Geometrias e Cinéticas Hidráulicas

As geometrias e as cinéticas hidráulicas a serem observados nos projetos de construção dos Reatores UASB para que os aspectos de eficiência, segurança e operacionalidade sejam garantidos em sua qualidade, foram observados, analisados e discutidos nesta pesquisa e foram divididos segundo os seguintes tópicos principais: Gradeamento e Desarenação, Tempo de Detenção Hidráulica, Profundidade Útil, Distribuição, Velocidades, Decantação, Escuma, Controle de Gases e Descarte de Lodo.

5.2.1 Tratamento Preliminar

Entende-se por tratamento preliminar a adoção de unidades de Gradeamento, Desarenação e Retirada de Gorduras.

Vários autores indicam que o tratamento anaeróbio seja precedido de remoção de sólidos grosseiros e de desarenação (JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005; CHERNICHARO, C. A. de L., 2008; VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994).

A cinética de nitrificação é fortemente influenciada pelo pré-tratamento no reator UASB (COURA, MÔNICA DE AMORIM ET AL, 2003)

A redução do tamanho das partículas é desejada para se acelerar o grau de hidrólise e as taxas de conversões metabólicas no Reator Anaeróbio (TEIXEIRA, A. R. et al, 2005).

Alguns trabalhos científicos pesquisaram o uso de peneiramento forçado (TEIXEIRA, A. R. et al, 2005; SOUZA, C. L. et al, 2007), contudo, se por um lado esta ação confere celeridade as taxas de conversões metabólicas dentro do reator devido às questões cinéticas e de transferência de massa, por outro pode reduzir a capacidade de sedimentação de sólidos e dificultar a formação de agregados de micro-organismos, o que favoreceria o arraste e flotação de lodo anaeróbio para a zona de decantação (SOUZA, C. L. et al, 2007).

Teixeira (2005) pesquisou o material retido com o uso de peneiramento antecedendo o Reator UASB concluindo que o material retido é de difícil biodegradação, indicando o aterro sanitário como candidato natural à destinação final do resíduo (TEIXEIRA, ANA RAQUEL ET AL, 2005).

Uma das estratégias utilizadas nas concepções de várias ETE da SANASA, em Campinas-SP, foi a de maximizar a remoção de sólidos gradeáveis nas unidades de tratamento preliminar. Assim, o espaçamento entre barras foi reduzido de 70 mm para 20 mm e de 10 mm para 3 mm, respectivamente, para os gradeamentos grosseiro e fino. Deste modo, o que se subentende com a opção é que se pretende são diminuições da concentração do afluente, particularmente de sólidos suspensos (SS), e do tamanho dos sólidos particulados que adentram ao reator, esperando, como consequência, uma minimização da formação e acumulação de espuma (SOUZA, C. L. et al, 2007).

A mesma estratégia da Companhia de Campinas – SANASA, foi utilizada em Brasília pela CAESB, também utilizando grades finas com espaçamento de 3 mm.

A investigação das técnicas brasileiras e as pesquisas até então desenvolvidas permitem confirmar a necessidade da adoção de grades grossas de proteção às grades finas em seqüência. Os espaçamentos das grades finas possuem interesse de interferir no processo não somente para não permitir que sólidos diversos como: trapos, fibras, e outros adentrem ao Reator, mas também uma minimização da formação e acumulação de espuma como observado por Souza (2007). Valores mínimos de espaçamento das grades finas de 3 (três) milímetros podem variar até 6 (seis) milímetros, mantendo o pequeno espaçamento necessário a proteção e melhor operacionalidade do UASB. A Figura 5.5 mostra a geometria tradicional do sistema de gradeamento antecedendo a medição de vazão e a caixa de areia.

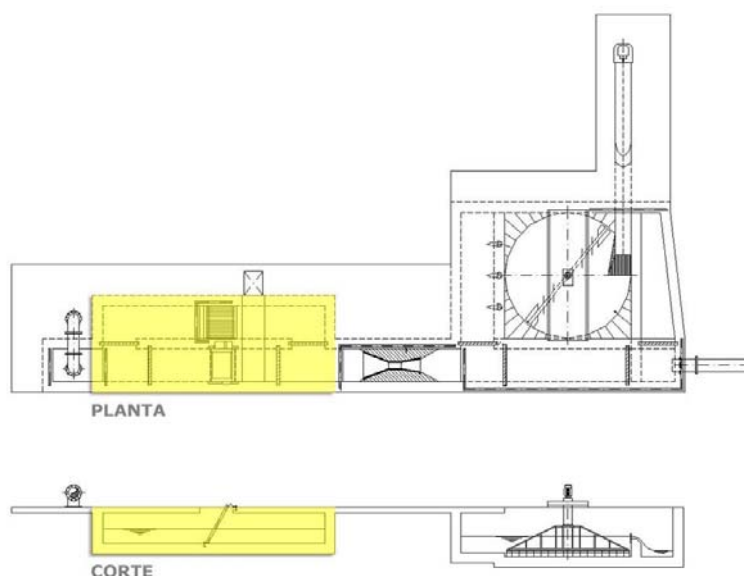


Figura 5.5 – Sistema de Gradeamento

Especificamente em Reatores UASBs a retirada de areias se torna um tema essencial uma vez que o curto tempo de permanência, a vazão de esgoto que passa por ele é muito grande, sendo assim, sem retenção prévia dos sólidos inorgânicos sedimentáveis, estes se acumulariam e em pouco tempo ocupariam grande parte de seu volume.

A Norma Brasileira, ABNT NBR 12.209 indica a remoção mínima de 95 % em massa de partículas com diâmetro menor ou igual a 0,2 mm, o que se consegue com uma taxa de escoamento superficial de 600 a 1.300 m³/m².dia (JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005) e velocidades de escoamento de 0,30 m/s para vazão média e 0,40 m/s para a vazão máxima. É estimada a produção de 75 litros de SIS por 1000 m³ /dia de esgoto afluyente, taxa admitida

como média no Brasil (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994) para sistemas de coleta ainda não implantados, ou seja, aonde ainda não existam medições. A Figura 5.6 mostra o posicionamento tradicional do sistema de desarenação após a medição de vazão e o gradeamento.

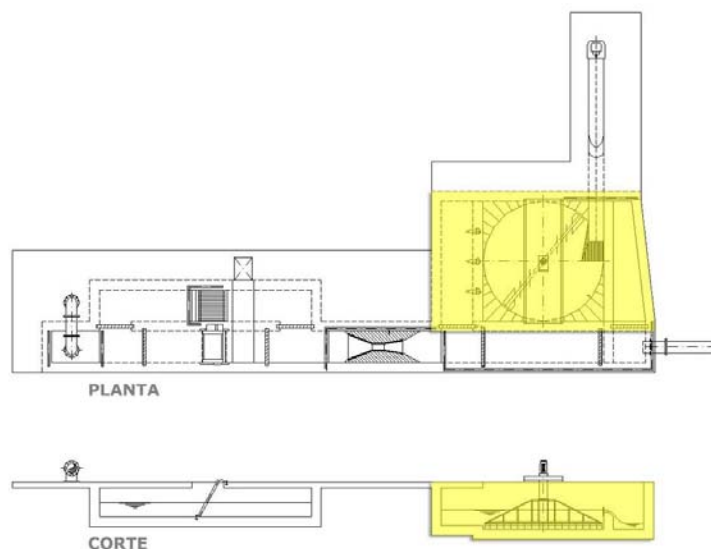


Figura 5.6 - Desarenação

Alguns autores indicam o uso de caixas de gordura precedendo o tratamento anaeróbico, face a contribuições de regiões de comércio e restaurantes de uma cidade.

O processo de separação é um processo físico que ocorre por diferença de densidade, sendo normalmente as frações oleosas mais leves recolhidas na superfície. No caso de óleos ou borras oleosas mais densas que a água, esses são sedimentados e removidos por limpeza de fundo do tanque (GIORDANO, GANDHI, 2008).

Os óleos e gorduras, removidos, em geral, pelas caixas de gordura ou equipamentos de flotação mais sofisticados (que retiram também parte dos óleos emulsionados, aumentando a eficiência de tratamento), devem ter destinação apropriada, sendo encaminhados para reaproveitamento ou para aterro sanitário (BRAILE P. M., 1993)

5.2.2. Tempo de Detenção Hidráulica

O tempo de detenção hidráulico (TDH) está associado diretamente a carga hidráulica aplicada ao sistema, ou seja, os sistemas com carga hidráulica alta terão tempo de detenção reduzidos. Esta situação pode trazer alguns riscos, como citado por Chernicharo (CHERNICHARO, C.

A. de L., 2008): perda de biomassa, redução do tempo de residência celular e ainda o tempo de permanência da biomassa menor que seu tempo de crescimento.

Normalmente, para reatores UASB, acréscimo e decréscimo no valor do TDH são seguidos de diminuição e aumento na velocidade ascensional, respectivamente. Assim, baixo TDH é acompanhado por elevada velocidade ascensional, a qual provoca arraste dos sólidos afluentes e da biomassa ativa (MAHMOUD *et al.*, 2003). Isso, por sua vez, pode intensificar o processo de formação de espuma na superfície do reator (SOUZA, C. L. *et al.*, 2007).

Os Tempos de Detenção Hidráulica curtos podem influenciar na maior ocorrência de escumas, e como alerta Versiani (VERSIANI, B. M. *et al.*, 2005), nesse caso, seria mais provável que o lodo flotasse em virtude da turbulência e da formação de bolhas dentro dos flocos, devido a maior atividade do lodo.

O tempo de detenção hidráulico entre seis e dez horas, carga hidráulica volumétrica inferior a $6,0 \text{ m}^3/\text{m}^3\cdot\text{d}$, carga orgânica volumétrica variando entre 1,0 e $3,0 \text{ kgDQO}/\text{m}^3\cdot\text{d}$ e velocidade ascensional entre 0,5 e 1,1 m/h, são os valores sugeridos na literatura especializada (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

Outro fator que influencia o processo biológico dentro do reator UASB é a temperatura. A digestão anaeróbia é dependente da temperatura, com a taxa de digestão decrescendo cerca de 11% para cada grau de redução da temperatura (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994; COLARES, E. R. C. *et al.*, 2005).

Chernicharo (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008) referenciando Lettinga & Hulshoff Pol (1991) associa Tempos de Detenção Hidráulica às variações de temperatura na condição Mesofílica e as vazões afluentes ao Reator, indicando basicamente um TDH maior que 6,0 horas para temperaturas maiores que 26° C , de 6,0 a 9,0 horas para temperaturas entre 20 e 26° C , e valores de TDH entre 10 e 14 horas para temperaturas variando de 16 a 19° C . Para vazões máximas ocorrendo durante um período de 4 a 6 horas durante o dia são indicados tempos de detenção com valores ao entorno de $2/3$ daqueles valores de TDH para vazões médias diárias.

Para possibilitar cálculos do volume total do Reator em função do TDH, podemos parametrizar o intervalo de 1 hora para o TDH, para a vazão média afluyente, e 75% deste

valor para a vazão máxima, e analisando as fontes anteriormente investigadas, observa-se uma variação da temperatura do Reator em aproximadamente 3°C para cada hora de TDH, e a partir disto podemos organizar um quadro de TDH para a vazão média e máxima, considerando a temperatura média do mês mais frio do ano, podendo-se construir a tabela 5.1, conforme segue.

Tabela 5.1: Valores de TDH para valores diversos de Temperatura no UASB

Temperaturas em °C	Vazão Média	Vazão Máxima
Superior a 25°	6 horas	4 horas
Entre 22° e 25°	7 horas	4,5 horas
Entre 19° e 22°	8 horas	5,5 horas
Entre 16° e 19°	10 horas	7,0 horas

Para o compartimento de decantação a investigação bibliográfica indica valores entre 1,0 e 2,0 horas para o tempo de detenção na câmara (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008). A análise conjunta com outro fator incômodo no UASB como a espuma, a qual para ser combatida através de taxas mais baixas de acumulação necessitaria de uma biodegradação mais efetiva dos materiais no interior do separador trifásico, conseqüentemente com maiores valores de TD e menores velocidades de ascensão do líquido (SOUZA, CLAUDIO LEITE ET AL, 2007), assim o TD igual ou superior a 1,5 horas é o valor indicado para a vazão média afluyente e para a vazão máxima superior a 1h, mantendo-se a correlação de 75% do valor da vazão média.

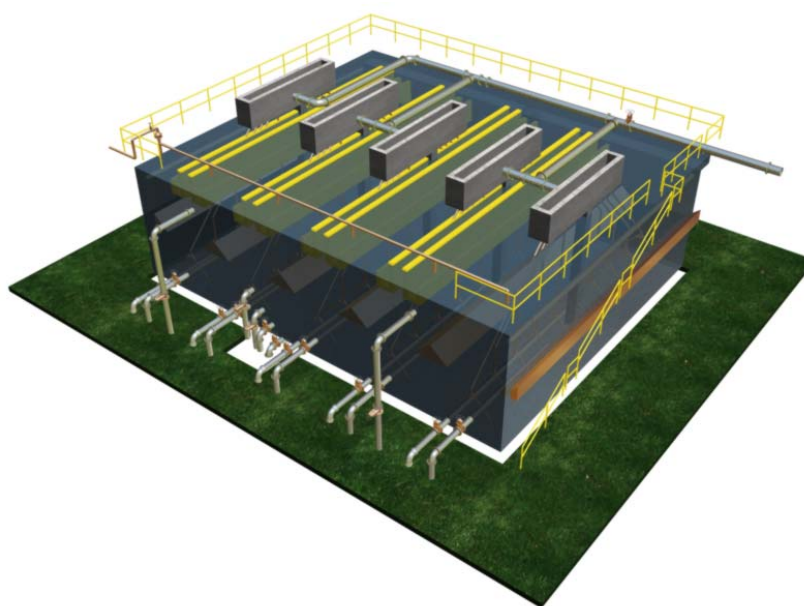


Figura 5.7 – Arquitetura Volumétrica Interna do Reator UASB

5.2.3. Profundidade

“O trabalho de otimização do reator deverá conduzir, possivelmente, ao aumento da profundidade câmara de digestão, a fim de minimizar a ocorrência de arraste de sólidos devido a picos de vazão afluyente” (BRITO, L. H. N. et al. 2001).

As dimensões resultantes da unidade devem ser compatíveis com os parâmetros de velocidade ascensional na câmara de transição, da ordem de $0,70 \text{ m}^3/\text{m}^2 \cdot \text{h}$, e a profundidade do reator, de cerca de 4,5 a 5,5 m (JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005).

A profundidade útil total dos reatores tipo UASB deve estar entre 4,0m e 5,0m, Sendo a profundidade do compartimento de decantação de 1,5 a 2,0 m e a profundidade do compartimento de digestão de 2,5 a 3,5 m (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

Analisando as observações dos diversos autores e as unidades apresentadas nos trabalhos técnicos, se conclui que a profundidade total do UASB, incluindo digestão e decantação, esta na faixa de 4,0 a 6,0 m. Evidentemente, esta dimensão será fruto do projeto de ajuste geométrico do UASB, na organização do compartimento de digestão, de decantação e reunião dos gases através do dispositivo separador trifásico.

5.2.4 Sistema de Distribuição

O sistema de distribuição de esgoto nos reatores deve ser provido de tubos capazes de atender a características dimensionais para descarga unitária de esgoto no fundo do reator com áreas reduzidas, não permitir o carreamento de ar para dentro do Reator, e ainda de permitir identificar possíveis pontos de entupimento.

O diâmetro deve ser grande o suficiente para proporcionar uma velocidade descendente do esgoto inferior a $0,2 \text{ m/s}$, de forma a propiciar que as bolhas de ar eventualmente arrastadas para dentro do tubo possam fazer o percurso ascensional, ou seja, contrário ao do esgoto. Para o caso de tratamento de esgotos de baixa concentração, este requisito de velocidade é usualmente atendido quando os tubos possuem diâmetro da ordem de 75 mm (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

A introdução de bolhas de ar no reator deve ser evitada pelas seguintes razões (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994):

- a) podem provocar uma aeração do lodo anaeróbio, prejudicando a metanogênese;
- b) podem causar uma mistura potencialmente explosiva com o biogás acumulado junto ao separador trifásico.

A área de distribuição de cada tubo vertical é fruto da carga orgânica a ser aplicada, e ainda da temperatura do Reator. Como o TDH (Tempo de Detenção Hidráulico) foi definido a partir destes condicionamentos, este é o parâmetro indicativo ideal para fixar valores de projeto. Cada ponto de descarga de esgoto no reator deve estar restrito a uma área de 2 a 3 m² para TDH iguais a 8 hs ou maior na vazão média e 3 a 4 m² para TDH iguais a 7 hs ou inferiores;

A descarga do esgoto no fundo do reator deve manter uma distância mínima que proporcione a divisão do fluxo em jorro hidráulico para equilíbrio divisorio do fluxo, o que é conseguido normalmente com uma distância do dobro do diâmetro, portanto deve estar a uma distância de 0,10 a 0,20 m do fundo;

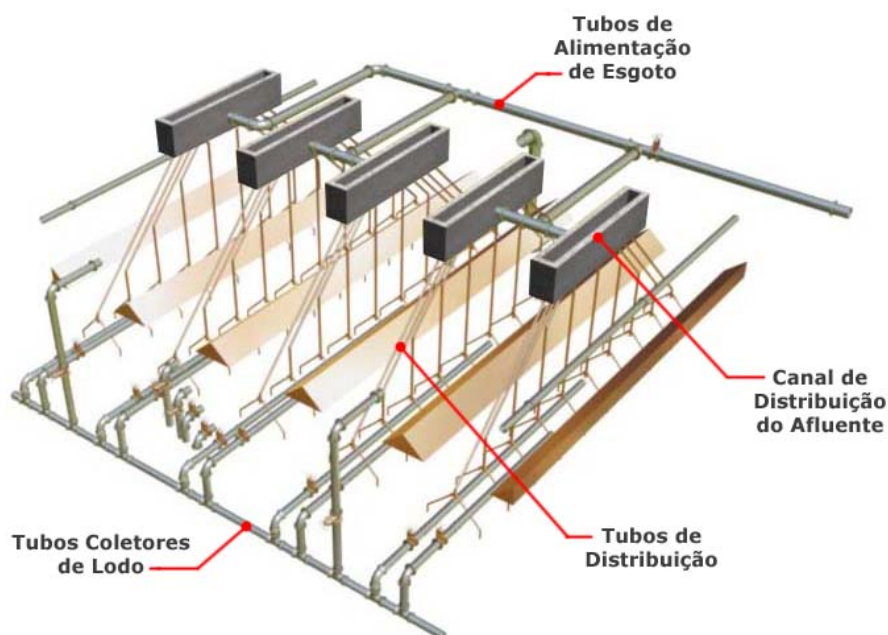


Figura 5.8 – Sistema de Distribuição de Esgoto Afluente ao UASB

5.2.5 Velocidades

A velocidade ascensional é um importante fator interveniente no desempenho do processo (MAHMOUD, N.; ZEEMAN, G.; GIJZEN, H. ET AL, 2003).

Velocidades mais elevadas promovem o aumento da colisão entre os sólidos suspensos afluentes e a manta de lodo, permitindo a adsorção e a captura destes, além de facilitar a separação das bolhas de gases formadas na superfície da biomassa. Inversamente, velocidades mais elevadas tendem a aumentar a força hidráulica de cisalhamento, possibilitar a desagregação dos sólidos capturados, e conseqüentemente, reduzir a sua capacidade de sedimentação e de permanência na manta de lodo (MAHMOUD, N.; ZEEMAN, G.; GIJZEN, H. ET AL, 2003).

A velocidade ascensional na câmara de transição do reator deve estar na ordem de $0,7 \text{ m}^3/\text{m}^2 \cdot \text{h}$ ou $0,7 \text{ m/h}$ para a vazão média (JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005).

Um dos fatores que se observa quando da queda de eficiência de um reator esta associada a ocorrência da alta concentração de sólidos suspensos no efluente, e este processo é provavelmente proveniente da ocorrência de flotação dos grânulos. Este condicionamento cinético é proveniente de alterações de velocidades no interior do Reator.

Carvalho, K.Q. et al (2003), criaram um Modelo Matemático de comparação da resposta dinâmica de reatores UASB submetidos a vazão cíclica diária: “O modelo matemático, apesar de bastante simplificado, apresenta resultados que corroboram as observações experimentais de trabalhos anteriores, ou seja, o reator UASB é capaz de amortecer as flutuações cíclicas impostas à vazão afluente. Para os casos simulados nesse trabalho foi possível verificar que a introdução da vazão senoidal não causa efeitos significativos sobre a eficiência média de remoção de matéria orgânica e de sólidos suspensos voláteis” (CARVALHO, KARINA QUERNE DE ET AL, 2003).

Mesmo com aplicação de carga cíclica variável o sistema apresentou capacidade de tamponamento, com valores de alcalinidade total e alcalinidade a bicarbonato para o efluente superiores àqueles obtidos para o afluente (CARVALHO, KARINA QUERNE DE ET AL, 2005).

Assim as condicionantes de projeto permitem a engenharia de controle necessária para definir a cinética de movimento no interior do UASB.

Questão fundamental de controle e conseqüentemente imperativa a ser definida no projeto é a velocidade ascensional no compartimento de digestão, assim como as velocidades de passagem do compartimento de digestão para o de decantação.

De posse dessas observações se pode concluir que a adoção da velocidade ascensional na câmara de transição do reator na ordem de $0,7 \text{ m}^3/\text{m}^2 \cdot \text{h}$ ou $0,7 \text{ m/h}$ para a vazão média .

5.2.6 Defletores

A instalação de defletores, localizados imediatamente abaixo das aberturas para o decantador, de forma a permitir a separação do biogás e propiciar apenas o líquido e os sólidos adentrarem ao compartimento de sedimentação, deverá ter um transpasse mínimo de 10 a 15 cm em relação à abertura para o decantador (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

O projeto da abertura dos decantadores deve ser tal, que permita uma adequada superposição dos defletores de gases, de forma que a separação dos gases ocorra antes que os esgotos tenham acesso ao decantador, favorecendo a sedimentação dos sólidos no interior da decantação. Em caso contrário, estas partículas sofreriam o carreamento para a parte superior do compartimento de decantação, perdendo-se matéria sólida para o efluente e reduzindo a eficiência do Reator UASB. O transpasse indicado por Chernicharo (2008), é fundamental para a consecução deste objetivo, e por geometria seu valor deverá estar no mínimo com 15 cm do limite da abertura para ocorrer a garantia de separação dos gases, impedindo sua entrada na decantação.

5.2.7 Decantação

Chernicharo indica que a velocidade de passagem do compartimento de digestão para o de decantação deve ser inferior que a faixa de $2,0$ a $2,3 \text{ m/h}$, para a vazão média e a $4,0$ a $4,2 \text{ m/h}$ para a vazão máxima (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

A velocidade na zona de decantação pode estar compreendida na faixa $4,0$ a $1,0 \text{ m}^3/\text{m}^2 \cdot \text{h}$, respectivamente na entrada e no nível superior da câmara de decantação para a vazão máxima (JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005).

Brito et al (2001), em seu trabalho apresentado no Congresso da ABES em 2001 declaram: A fundamentação conceitual desse novo reator baseia-se no fato de que as grandes variações de vazão afluentes aos reatores convencionais, sejam devidas a hidrogramas típicos horários ou a sistemas de bombeamento a montante das estações, levam à ocorrência de velocidades ascensionais bastante elevadas no interior dos reatores, particularmente nas aberturas (passagens) para os compartimentos de decantação. Tais velocidades provocam o arraste indevido de lodo do sistema, com a conseqüente perda de eficiência devido à presença de material particulado no efluente (BRITO, LEONARDO H. NOVY DE C. ET AL. 2001).

A bibliografia existente sobre o UASB é unânime em afirmar que as velocidades de entrada e de escoamento no compartimento de decantação não podem permitir o arraste de lodo para que não ocorra uma diminuição na eficiência do Reator UASB, inclusive as indicações para os valores destas velocidades praticamente coincidem nas fontes pesquisadas (JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005; CHERNICHARO, C. A. de L., 2008) desta forma as taxas de fluxo indicadas são $4,0 \text{ m}^3/\text{m}^2.\text{h}$ na entrada para a decantação e de $1,0 \text{ m}^3/\text{m}^2.\text{h}$ no escoamento superficial do vertedouro de saída.

A profundidade do compartimento de decantação deve ser de 1,5 a 2,0 m (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

Uma das abordagens que não é encontrada na bibliografia existente sobre projetos de Reatores UASB, refere-se a inclinação das paredes do decantador para não permitir zonas de acúmulo, desta forma deve-se adotar as recomendações técnicas utilizadas em tanques de lodo em Estações de Tratamento de Esgoto aeróbios, que é de 60° de inclinação nas paredes, devendo voltar a ser vertical na proximidade dos vertedouros.

5.2.8 Escuma

A caracterização da escuma torna-se cada vez mais necessária, pois se configura no maior problema dos reatores UASB e é preciso dar uma destinação adequada para esse resíduo que pode conter graxa, óleos vegetais e minerais, gordura animal, sabões, resíduos de comida, cascas de vegetais e frutas, cabelo, papel, algodão, ponta de cigarro e materiais similares. Os parâmetros que fazem parte dessa caracterização são o teor de óleos e graxas, a concentração de sólidos totais e voláteis, a DQO, a quantidade de surfactantes e também uma análise visual (VERSIANI, BETINA MACIEL ET AL, 2005).

Como foi visto no item 5.2.1 desta dissertação, a empresa SANASA em Campinas, SP, reduziu o espaçamento de suas grades finas que antecedem o Reator UASB e pretende com isto a diminuição da concentração do afluente, particularmente de sólidos suspensos (SS), e do tamanho dos sólidos particulados que adentram ao reator, esperando, como consequência, uma minimização da formação e acumulação de espuma (SOUZA, C. L. et al, 2007).

A espuma deve ser retirada (JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005; CHERNICHARO, C. A. de L., 2008). Os reatores UASB deverão possuir dispositivo de retirada de espuma.

Um dos problemas técnicos a ser observado é a forma de retirada de espuma acumulativa na zona de gás, no divisor trifásico. Poderão ser utilizados tubos de sucção para retirada eventual desta espuma, ou utilizar-se vertedouro alteado, com a elevação do nível do líquido no setor de gás através da diminuição ou aumento da pressão diferencial do gás (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

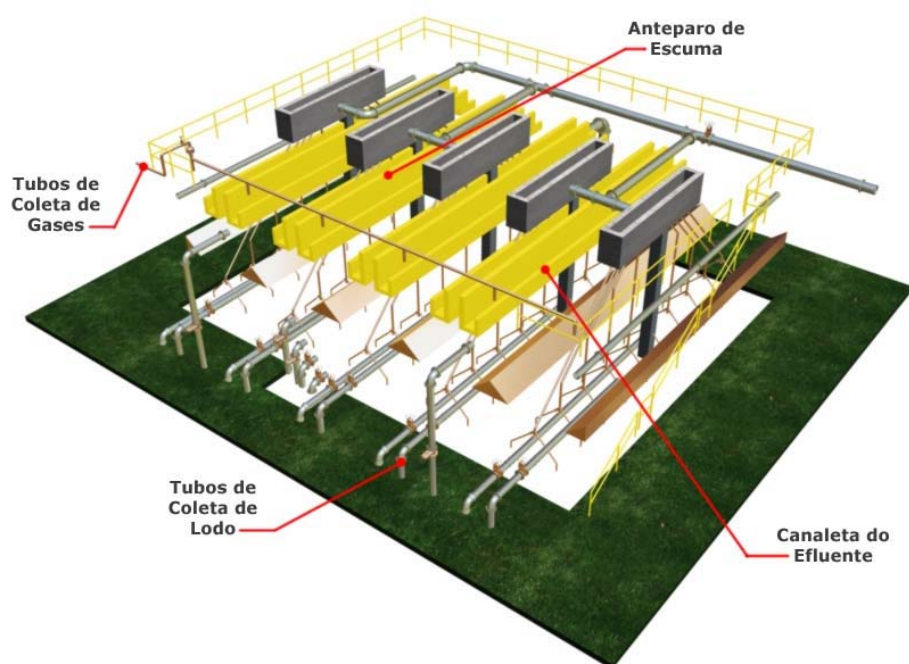


Figura 5.9 – Calhas de Efluente e Anteparo de Espuma

5.2.9 Gás

O Biogás de um digestor de esgoto sempre tem um alto teor de metano e invariavelmente é inflamável. Tipicamente, o Biogás de esgoto se compõe de 70 a 80 % de metano, sendo que o restante é uma mistura de dióxido de carbono, nitrogênio, vapor de água e uma pequena

fração de gás sulfídrico e traços de outros gases, como amônia, hidrogênio e monóxido de carbono (VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994).

As equações (10) a (17) apresentadas no item 3.4.6 – “Avaliação da Produção de Biogás”, desta dissertação, permitem avaliar a produção volumétrica teórica de metano Q_{CH_4} (m^3/d), a partir da conversão de DQO total em um reator anaeróbio, a qual reduz-se a soma da DQO no efluente e da DQO removida pelo Reator UASB.

Sabendo que a DQO removida é composta por três outras parcelas:

$$DQO_{rem} = DQO_{CH_4} + DQO_{cel} + DQO_{ret}$$

A DQO convertida a metano é: $DQO_{CH_4} = Q \times (S_o - S) - Y_{obs} \times Q \times S_o$

A produção teórica de metano é de 350 litros CH_4 por kg de DQO removida (CNTP). Na prática, são encontrados valores menores. O poder calorífico do biogás, após seco e tratado, é de $5,9 \text{ KWh}/m^3$ e, dependendo da composição e vazão, pode ser aproveitado em motores de combustão interna, na distribuição em rede após tratamento adequado, na alimentação de caldeiras e na geração de energia elétrica na ETE. Caso seu aproveitamento não se mostre adequado sob os aspectos técnico, econômico e ambiental, este é queimado em “flares” (queimadores) ou tratado antes de descartado na atmosfera através de biofiltração, adsorção em carvão ativado, absorção química (lavadores) ou oxidação térmica (CAMMAROTA, M. C., 2008).

Nos casos em que o biogás não é aproveitado, o reservatório (tanque pulmão) é substituído por uma válvula corta chama e um queimador de gases, preferencialmente localizados a uma distancia segura do reator. O medidor de biogás constitui-se em um dispositivo importante para o monitoramento da quantidade de gás produzida no sistema, essencial para a avaliação da eficiência do processo. A fim de evitar danos aos medidores, provocados pelo arraste de líquidos condensados ao longo das tubulações coletoras, a velocidade média de escoamento do biogás não deve ultrapassar a $3,5 \text{ m/s}$ (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

Na aplicação de queima dos gases, deverá ser sempre garantida uma pressão mínima positiva no interior da câmara de gás do reator, de modo a não permitir o retorno da chama para dentro do Reator UASB.

Além do confinamento dos gases e da exigência de dotar as instalações elétricas à prova de explosão, torna-se necessária também a instalação de outros dispositivos de segurança, válvulas de controle de pressão e vácuo, e queimadores de excesso de gás (JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005).

Por último, deve ser observado que o efluente final ainda carrega gás metano e outros incorporados ao meio, os quais irão ser liberados ao meio posteriormente, assim algumas precauções devem ser tomadas no lançamento final de modo a não permitir uma hidráulica com turbulência no lançamento do efluente.

5.2.10 Lodo

Uma das rotas de conversão da matéria orgânica em um sistema anaeróbio é a do crescimento bacteriano. Devido às baixas taxas de crescimento das bactérias anaeróbias tem-se uma baixa produção de sólidos biológicos no sistema de tratamento, que vem a constituir-se no lodo que deve ser descartado periodicamente. Essa baixa produção de lodo (da ordem de 0,10 a 0,20 kgSST/kgDQO_{apl}) afigura-se como uma das principais vantagens dos processos anaeróbios em relação aos aeróbios (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

A fim de possibilitar a retirada e a caracterização da biomassa nos diferentes níveis do compartimento de digestão, foram previstos nos reatores UASB da ETE Onça pontos de amostragem a 30, 80, 130, 180 e 230 cm do fundo do reator. A partir do monitoramento destes pontos obtêm-se o perfil de sólidos e a biomassa presente no sistema, facilitando a programação dos descartes de lodo (LOBATO, LIVIA CRISTINA DA SILVA ET AL, 2005).

Devem ser previstas descargas de lodo junto ao fundo, que servirão também para esgotamento do reator.

A fim de possibilitar a retirada e a caracterização da biomassa nos diferentes níveis do compartimento de digestão, deverão ser instalados registros de esfera em tubulações de 50 mm de diâmetro, espaçadas verticalmente de 50 cm (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

O diâmetro mínimo das tubulações de descarga de lodo deve ser de 150mm, para evitar entupimentos.

O descarte do lodo dos reatores UASB é bem estabilizado (JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005) e deve ser direcionado à secagem ou desidratação .

A figura 5.10, a seguir apresenta o Sistema de Tubulações de Amostragem e Descarte de Lodo, sendo o primeiro conjunto ao centro descarregando para uma caixa de inspeção e os de descarte de lodo em dois conjuntos, sendo um de cada lado do eixo do UASB.

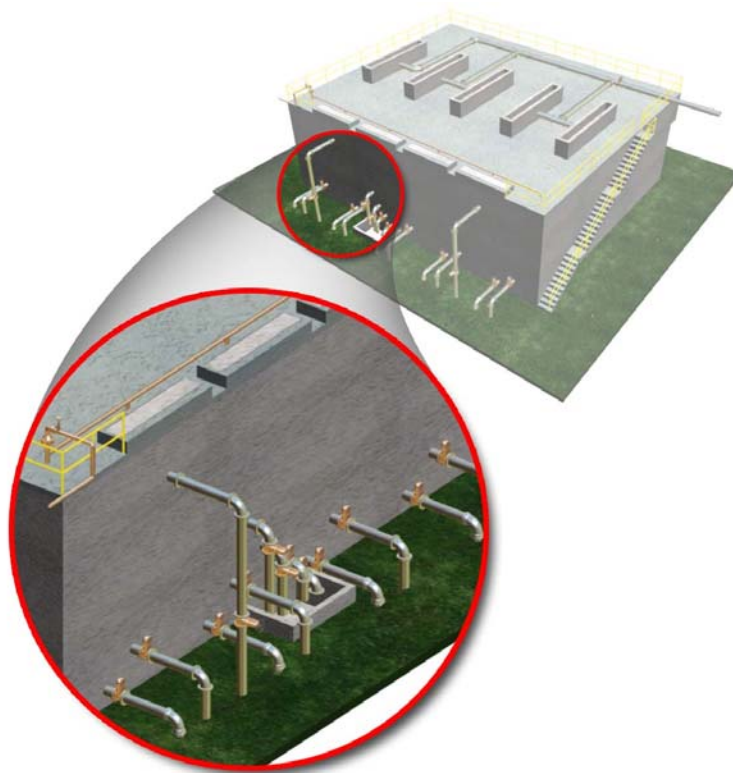


Figura 5.10 – Sistema de Tubulações de Amostragem e Descarte de Lodo

5.3 Materiais de Construção

Os Requisitos Gerais de Qualidade da Estrutura citados no capítulo 5 da NBR 6118/2003 – “Projeto de Estruturas de Concreto”, da ABNT, associados às Diretrizes para Durabilidade das Estruturas de Concreto, no capítulo 6 da mesma norma, inferem a necessidade de se definir nos “Critérios de Projeto” dos Reatores UASB, as características intrínsecas do concreto para esta estrutura, ou seja, a forma de tornar o concreto impermeabilizado, em face a sua classificação IV, na classe de agressividade ambiental, com o risco elevado de deterioração da estrutura.

Tais condições definem claramente a Relação água/cimento em massa como inferior a 0,45 e a Classe do Concreto (ABNT NBR 8953) maior que C40.

Esta ação poderá fazer parte da própria massa do concreto através do uso da microsíllica adicionada na mistura do concreto, atingindo uma impermeabilidade na própria estrutura. Esta condição cada vez mais vem sendo aplicada em estruturas hidráulicas de águas agressivas ou não, de forma a garantir a estanqueidade hidráulica e não permitir ações químicas sobre a armadura através de micro-fissuras por ventura existentes.

A forma mais usual do tratamento de impermeabilização se faz pelo Método de Cristalização, aplicando-se o produto cristalizante através de pintura convencional com trincha ou brocha, ou por espargimento, como um “spray”, ou ainda, por aplicação de argamassa de impermeabilização com espátula e desempenadeira mecânica.

Define-se o Método de Cristalização como sendo o processo que visa preencher os espaços vazios, característicos da estrutura de concreto, através da formação de cristais não solúveis e não tóxicos, pela aplicação de um produto que não altere suas características de funcionalidade. Os vazios da estrutura deverão ser preenchidos pelos cristais, eliminando-se totalmente os poros, capilaridades e microfissuras do concreto, de modo a não permitir a penetração de água sob pressão hidrostática, tanto negativas como positivas ou por capilaridade. Consequentemente a reação química que se dará no interior dos poros do concreto deverá contar com os produtos químicos existentes no concreto (THOMAS, EDUARDO, PROF., 2008).

O Tratamento de Impermeabilizações deverá ser previsto para as seguintes localizações para garantir a perfeita estanqueidade (THOMAS, EDUARDO, PROF., 2008):

- Paredes internas da estrutura de concreto que estarão em contato com os líquidos ou vapores do tratamento;
- lajes de fundo e de cobertura de estruturas de concreto que estarão em contato com os líquidos ou vapores do tratamento;
- paredes internas das estruturas de concreto submetidas à pressão hidrostática do lençol freático: subsolos de edificações, paredes de estruturas de concreto enterradas ou semi-enterradas;
- pisos sujeito à percolação da umidade do solo;
- juntas de concretagem em todo o comprimento da junta, essa operação será concomitantemente com o lançamento do concreto da etapa seguinte;

- juntas de dilatação de estruturas de concreto. Neste caso devem ser utilizados conjuntamente com matérias flexíveis, que absorvam os deslocamentos compatíveis com a movimentação da estrutura de concreto;

5.4 Aspectos Operacionais

Um fator importante a ser considerado é que o bom desempenho operacional de qualquer sistema de tratamento, seja ele isolado ou combinado com outros sistemas, só poderá ser alcançado se o projeto da estação de tratamento for bem concebido, bem implantado e, também, que a referida estação seja corretamente operada. Para isto, é de fundamental importância que o funcionamento de um determinado sistema de tratamento seja acompanhado por um programa de monitoramento que inclua os aspectos importantes à operação do mesmo. Sendo assim, além de atividades necessárias para assegurar o bom funcionamento das unidades de pré – tratamento, são necessárias atividades de monitoramento da eficiência e da estabilidade do processo biológico, bem como da quantidade e da qualidade do lodo do sistema (CRUZ, E. P. et al, 2005).

Uma das condições fundamentais, em cima das quais se assenta a capacidade do reator UASB de acomodar altas cargas é a sua característica de alta retenção de lodo, desde que haja suficiente contato entre a biomassa e o esgoto. No entanto a capacidade de armazenamento de lodo no interior do reator se esgota gradativamente, podendo levar a uma descarga involuntária de lodo no efluente. Este fato deve ser evitado, pois configura a deterioração da qualidade do efluente, com o aumento da concentração de sólidos suspensos totais e da DQO particulada (ROCHA, N.E.P; VON SPERLING, M.; CHERNICHARO, C. *AT AL.*, 2003).

Dessa forma, as descargas de lodo devem ser programadas de modo a evitar que a massa atinja o valor máximo que o reator pode armazenar. Uma das ferramentas rotineiras no monitoramento do reator UASB é a determinação do perfil de sólidos, que permite obter a configuração do leito e da manta de lodo e, junto à determinação da atividade metanogênica específica da biomassa, pode-se estabelecer uma frequência regular de descarte, de modo a não comprometer o desempenho do sistema (ROCHA, N.E.P; VON SPERLING, M.; CHERNICHARO, C. *AT AL.*, 2003).

A rotina de descarte de lodo no reator deve ser acompanhada pelos seguintes parâmetros: Massa mínima ($M_{mín}$) , Massa máxima ($M_{máx}$) e Massa crítica ($M_{crít}$) (PONTES, P.P.; CHERNICHARO, C. A . L.; FRADE, E.C. e LOBATO, L.C.S., 2003)

Comparando-se os valores das massas totais com as respectivas concentrações de sólidos totais voláteis, poder-se-ia inferir acerca do valor de $M_{crít}$, isto é, massa acima da qual se verifica a perda de sólidos no efluente e a partir desta, definir um intervalo mais preciso de descarte de lodo (ROCHA, N.E.P; VON SPERLING, M.; CHERNICHARO, C. *AT AL.*, 2003).

O teste de atividade metanogênica específica (AME) deve ser levado a cabo no sentido de se agregar a avaliação da biomassa em atividade no reator. A partir de um valor medido da AME, poderia ser determinada a massa mínima de lodo para se manter um bom desempenho do reator. (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

6. PROPOSTA DE PROTOCOLO

6.1 Tratamento Preliminar

De acordo com a abordagem e discussão no item 5.2.1 - Tratamento Preliminar, desta dissertação, os Reatores UASBs devem ser precedido de remoção de sólidos grosseiros através de Gradeamento Fino, de Desarenação e onde necessário de Caixa de Gordura. e areia.

Deverão existir gradeamentos finos com espaçamento entre barras variando de um máximo de 6 mm a um mínimo de 3 mm.

O desarenador deve ser projetado para remoção mínima de 95% em massa das partículas com diâmetro equivalente igual ou superior a 0,2 mm.

6.2 Tempo de Detenção Hidráulica

Para fixação do tempo de detenção hidráulica, o projetista deve sempre considerar a temperatura como fator primordial para sua avaliação, e sempre o valor da temperatura média do mês mais frio.

Para a vazão média, o TDH deve ser igual ou superior a:

- a) 6h para temperatura do esgoto superior a 25 °C
- b) 7h para temperatura do esgoto entre 22 °C e 25 °C
- c) 8h para temperatura do esgoto entre 19 °C e 22 °C
- d) 10h para temperatura do esgoto entre 16 °C e 19 °C

Para a vazão máxima, o TDH deve ser igual ou superior a:

- a) 4h para temperatura do esgoto superior a 25 °C
- b) 4,5h para temperatura do esgoto entre 22 °C e 25 °C

c) 5,5h para temperatura do esgoto entre 19 °C e 22 °C

d) 7h para temperatura do esgoto entre 15 °C e 19 °C

6.3 Profundidade Útil

Tendo como referência a abordagem do item 5.2.3, desta dissertação, a profundidade útil total dos reatores tipo UASB deve estar entre 4,0m e 6,0m, incluindo aí a profundidade da zona de reação e da câmara de decantação.

A profundidade mínima do compartimento de digestão (do fundo do reator à entrada do compartimento de decantação) deve ser de 2,5m.

6.4 O Sistema de Distribuição

O sistema de distribuição de esgoto nos reatores deve atender a:

- a) Permitir a identificação dos locais de obstrução;
- b) Não permitir o arraste de ar para dentro do reator;
- c) O diâmetro interno mínimo dos tubos de distribuição deve ser de 75mm;
- d) Cada ponto de descarga de esgoto no reator deve estar restrito a uma área de 2 a 3 m² para TDH iguais a 8 hs ou maior na vazão média e 3 a 4 m² para TDH iguais a 7 hs ou inferiores;
- e) A descarga do esgoto no reator deve estar a uma distância de 0,10 a 0,20 m do fundo.

6.5 Velocidades

Conforme as observações do item 5.2.5 desta dissertação, a velocidade ascensional na câmara de transição do reator na ordem de 0,7 m³/m².h ou 0,7 m/h para a vazão média.

6.6 Defletores

Os defletores para separação dos gases devem exceder em pelo menos 15 cm a abertura de passagem para o compartimento de decantação.

6.7 Decantação

A profundidade útil mínima do compartimento de decantação deve ser de 1,5m..

As paredes inclinadas do compartimento de decantação devem ter inclinação de 60°.

A velocidade do fluxo na entrada do compartimento de decantação deve ser igual ou inferior a $4,0 \text{ m}^3/\text{m}^2 \cdot \text{h}$ para a vazão máxima.

A taxa de escoamento superficial no compartimento de decantação deve ser igual ou inferior a $1,0 \text{ m}^3/\text{m}^2 \cdot \text{h}$ para a vazão máxima.

As paredes do compartimento de decantação deverão ser inclinadas em 60° para não permitir o acúmulo de lodo. Junto ao vertedouro a face deverá ser vertical.

6.8 Escuma

Os reatores UASB deverão possuir dispositivo de bloqueio (anteparo) e retirada de escuma, conforme item 5.2.8, desta dissertação.

6.9 Gás

Na avaliação do aproveitamento do Biogás deverá ser executado estudo sob os aspectos técnico, econômico e ambiental, com base nos volumes de CH_4 obtidos a partir da DQO removida e de seu poder calorífero, estimado em $5,9 \text{ KWh}/\text{m}^3$ após seco e tratado.

Nos casos em que o biogás não é aproveitado energeticamente, deverá haver um queimador de gases (“flare”) e neste caso, deverá ser sempre garantida uma pressão mínima positiva no interior da câmara de gás do reator, de modo a não permitir o retorno da chama, assim como dispositivos de corta-chamas, válvulas de alívio e purgadores.

O medidor de biogás constitui-se em um dispositivo importante para o monitoramento da quantidade de gás produzida no sistema, essencial para a avaliação da eficiência do processo.

Para preservar os medidores, a velocidade média de escoamento do biogás nas tubulações não deve ultrapassar a 3,5 m/s, em face aos líquidos condensados ao longo das tubulações coletoras.

No movimento líquido no interior do Reator UASB devem ser evitadas situações de condicionamento hidráulico que permitam turbulência de modo a mitigar a liberação de gases no processo de tratamento.

6.10 Lodo

De conformidade com o item 5.2.10 desta dissertação, são as seguintes as determinações para o sistema de controle e descarte de lodos:

Devem ser previstas descargas de lodo junto ao fundo, que servirão também para esgotamento do reator.

A fim de possibilitar a retirada e a caracterização da biomassa nos diferentes níveis do compartimento de digestão, deverão ser instalados registros de esfera em tubulações de 50 mm de diâmetro, espaçadas verticalmente de 50 cm (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

O diâmetro mínimo das tubulações de descarga de lodo deve ser de 150mm, para evitar entupimentos.

O descarte do lodo dos reatores UASB é bem estabilizado (JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005) e deve ser direcionado à secagem ou desidratação .

6.11 Materiais de Construção

6.11.1 Concreto

De conformidade com o exposto no item 5.3.2 desta dissertação, os Requisitos Gerais de Qualidade da Estrutura citados no capítulo 5 da NBR 6118/2003 – “Projeto de Estruturas de Concreto”, da ABNT, associados às Diretrizes para Durabilidade das Estruturas de Concreto, no capítulo 6 da mesma norma, inferem a necessidade de se definir nos “Critérios de Projeto” dos Reatores UASB, as características intrínsecas do concreto para esta estrutura, ou seja, a

forma de tornar o concreto impermeabilizado, em face a sua classificação IV, na classe de agressividade ambiental, com o risco elevado de deterioração da estrutura.

6.11.2 Aço

A constituição da estrutura do UASB em material metálico, conforme apresentado no item 5.3.3 desta dissertação, as superfícies metálicas são expostas a atmosferas úmidas, a diferença de potencial e a presença do eletrólito, líquido condutor de elétrons, propiciam a migração de íons, criando condições para o surgimento da corrosão (GNECCO, 2001, citado por TRAJANO, ADRIANA S. ALEXANDRIA ET AL, 2003), desta forma deverão ser providos revestimentos flexíveis ao longo de toda esta área.

6.11.3 Materiais Plásticos

Entre os materiais plásticos o PEAD é na realidade de uso na estrutura do Reator, por ser inerte perante os produtos químicos agressivos e sua potencialidade estrutura construtiva, conforme abordado no item 5.3.3 desta dissertação.

Na aplicação de queima dos gases, deverá ser sempre garantida uma pressão mínima positiva no interior da câmara de gás do reator.

6.12 Procedimentos Operacionais

As descargas de lodo devem ser programadas de modo a evitar que a massa atinja o valor máximo que o reator pode armazenar. Uma das ferramentas rotineiras no monitoramento do reator UASB é a determinação do perfil de sólidos, que permite obter a configuração do leito e da manta de lodo e, junto à determinação da atividade metanogênica específica da biomassa, pode-se estabelecer uma frequência regular de descarte, de modo a não comprometer o desempenho do sistema.

A rotina de descarte de lodo no reator deve ser acompanhada pelos seguintes parâmetros: Massa mínima ($M_{mín}$), Massa máxima ($M_{máx}$) e Massa crítica ($M_{crít}$).

Realização do teste de atividade metanogênica específica (AME), para complementar a avaliação da atividade da biomassa no reator. A partir de um valor da AME, poderia ser

determinada a massa mínima de lodo para se manter um bom desempenho do reator. Um valor teórico de AME, da ordem de 0,8 kg DQOCH₄. kg SVT-1, pode ser utilizado para uma inferência (CHERNICHARO, C. A. de L., 2008).

7. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Conclusões

A Investigação elaborada sobre projetos, construção e operação de Reatores UASB, permitiu obter as conclusões específicas como a seguir se descreve.

Quanto ao Gradeamento, ficou patente a necessidade da inserção de gradeamento fino antecedendo o processo como uma obrigatoriedade para um bom processo de tratamento, tanto para a eficiência quanto para sua operação. Deverão existir gradeamentos finos com espaçamento entre barras variando de um máximo de 6 mm a um mínimo de 3 mm. A redução do tamanho das partículas é desejada para se acelerar o grau de hidrólise e as taxas de conversões metabólicas no Reator Anaeróbio, bem como uma minimização da formação e acumulação de espuma.

Quanto a Desarenação nos UASBs é um tema essencial já que os volumes são reduzidos em relação a outros tipos de tratamento e sem retenção prévia dos sólidos inorgânicos sedimentáveis, estes se acumulariam e em pouco tempo ocupariam grande parte de seu volume. É indicada a remoção mínima de 95 % em massa de partículas com diâmetro menor ou igual a 0,2 mm.

Quanto as Caixas de Gordura, sua utilização estará condicionada ao tipo de esgoto afluyente ao Reator UASB, como contribuições de regiões de comércio e restaurantes de uma cidade, neste caso, deverá ser inserida a Caixa de Gordura antecedendo o Reator, sendo indicado o processo físico de separação que ocorre por diferença de densidade.

Quanto ao Tempo de Detenção Hidráulica, é patente sua associação à temperatura média do mês mais frio do ano. O Brasil possui imensas regiões com temperaturas tropicais, na faixa mesofílica e por isto o desenvolvimento dos processos de tratamento anaeróbio é tão intenso no país. Contudo grandes variações da temperatura podem ocasionar um desequilíbrio entre as bactérias acidogênicas e as bactérias metanogênicas, afetando conseqüentemente todo o processo de desenvolvimento anaeróbio. Para temperaturas inferiores a 30° C a taxa de digestão decresce cerca de 11% para cada grau de redução da temperatura. Variações de 10° C a menor representam quase o dobro do tempo de detenção e da mesma forma o volume do Reator.

Durante as pesquisas e discussões sobre o cálculo da Carga Biológica, ou relação A/M, foram detectadas novas situações conceituais com respeito ao volume a ser considerado nas avaliações de cálculo do Reator UASB. Foram observadas abordagens em trabalhos científicos que permitem concluir que ao se analisar setorialmente zonas volumétricas dentro do Reator resultados diferentes para a eficiência são obtidos, conseqüentemente, deve ser aprofundada a pesquisa com relação à aplicação da relação A/M (Alimento/Massa) para o dimensionamento do Reator UASB, sendo neste caso, utilizado o volume real do processo em reação na região da manta de lodo do Reator e não considerando todo o volume do UASB.

Quanto a Profundidade Útil dos Reatores observaram-se valores mínimos intrínsecamente necessários a eficiência do processo do Reator UASB, tanto na fase de Digestão, quanto na fase de Decantação. As dimensões resultantes da unidade devem ser compatíveis com os parâmetros de velocidade ascensional na câmara de transição, da ordem de $0,70 \text{ m}^3/\text{m}^2 \cdot \text{h}$, e a profundidade do reator, de cerca de 4,0 a 6,0 m.

Quanto as Velocidades dentro do Reator UASB, seja a ascensional ou de passagem entre compartimentos, já que as mesmas condicionam novamente a eficiência do processo no controle dos sólidos suspensos. Velocidades mais elevadas tendem a aumentar a força hidráulica de cisalhamento, possibilitar a desagregação dos sólidos capturados, e conseqüentemente, reduzir a sua capacidade de sedimentação e de permanência na manta de lodo

Quanto a fase de Decantação, controlando o arraste de sólidos nos picos de vazão. A ocorrência de velocidades ascensionais elevadas no interior dos reatores provoca o arraste indevido de lodo do sistema, com a conseqüente perda de eficiência devido à presença de material particulado no efluente.

Quanto ao Sistema de Distribuição de esgoto nos Reatores UASB, para que sua uniformidade de distribuição não seja prejudicada perante a necessidade do processo de movimento de fluxo dentro do Reator. Os diâmetros devem ser suficientes para proporcionar uma velocidade descendente do esgoto inferior a $0,2 \text{ m/s}$, de forma a propiciar que as bolhas de ar eventualmente arrastadas para dentro do tubo possam fazer o percurso ascensional, ou seja, contrário ao do esgoto. A introdução de bolhas de ar no reator deve ser evitada pois podem provocar uma aeração do lodo anaeróbio, prejudicando a metanogênese ou ainda podem

causar uma mistura potencialmente explosiva com o biogás acumulado junto ao separador trifásico. O diâmetro mínimo deve ser de 75 mm.

Quanto a grande vilã, a espuma, tem parâmetros de caracterização através de óleos e graxas, a concentração de sólidos totais e voláteis, a DQO, a quantidade de surfactantes e também uma análise visual. Desta forma adoção do tratamento preliminar com o uso de grades finas e de caixa de gordura minimizam sua ocorrência dentro do Reator. Contudo os reatores UASB deverão possuir dispositivo de retirada de espuma. Definindo-se por sua retirada do Reator através de dispositivo de anteparo que impeça sua passagem para as canaletas de coleta do esgoto tratado e a limpeza da espuma será feita através de acesso pela laje superior do UASB.

O poder calorífico do biogás, após seco e tratado, é de 5,9 KWh/m³ e, dependendo da composição e vazão, pode ser aproveitado em motores de combustão interna, na distribuição em rede após tratamento adequado, na alimentação de caldeiras e na geração de energia elétrica na ETE. Caso seu aproveitamento não se mostre adequado sob os aspectos técnico, econômico e ambiental, este é queimado em “flares” (queimadores).

Quanto a Engenharia de Materiais abordou-se com profundidade as características do concreto na construção dos UASBs.

Quanto a determinação de procedimentos operacionais do processo de tratamento biológico, foram indicadas ações de controle e acompanhamento do processo do Reator UASB.

Recomendações

Na abordagem e discussão sobre o cálculo da Carga Biológica, ou relação A/M, foram detectados situações conceituais que suscitam maiores pesquisas com referência ao cálculo do volume a ser considerado nas avaliações daquele parâmetro, se o volume total ou volume parcial na região da manta de lodo. É recomendável que futuras pesquisas específicas do parâmetro, sejam desenvolvidas.

Devido a importância e a difusão dos Reatores Anaeróbios de Fluxo Ascendente e Manta de Lodo no Brasil, é recomendável a inclusão nas Normas Técnicas Brasileiras das indicações geométricas e configurações cinéticas nos projeto dos Reatores, assim como a indicação dos materiais de construção e forma de operação mínima.

É recomendável também que as empresas que venham a construir unidades UASB promovam seus projetos de conformidade com as indicações do Protocolo aqui apresentado, de maneira a otimizar o processo de tratamento, tanto por sua eficiência, quanto pelo controle de situações negativas que possam existir pela emissão de odores ou pela perda de gases gerados para a atmosfera.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, ÉRIKA FERREIRA DE ET AL, 2007, “Diversidade Microbiana Metanogênica em Reatores UASB Tratando Esgoto Sanitário e Submetidos a Diferentes Condições Operacionais” In: *Anais 24º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- AYERS, R. S., WESTCOT, D. W., 1985, “Water Quality for Agriculture”. Food and Agriculture Organization of the United Nations, Rome, Irrigation and Drainage. Paper Number 29.
- BICALHO, J. R. SANTOS, 2007, “Modelagem Computacional de um Reator Anaeróbico Fabricado em Polietileno de Alta Densidade Rotomoldado”. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto Politécnico, RJ, Brasil.
- BORGES, RAQUEL MACHADO ET AL, 2005, “Desenvolvimento de Modelos Identificados para Diagnósticos Operacionais em Reatores UASB” In: *Anais 23º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Campo Grande, MS, Brasil.
- BORGES, RAQUEL MACHADO ET AL, 2005, “Alternativas de Monitoramento e Diagnóstico Operacional sem Intervenção Humana em Reatores UASB Tratando Esgoto Sanitário” In: *Anais 23º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Campo Grande, MS, Brasil.
- BRAILE P. M., 1993, “Manual de Tratamento de Águas Residuárias Industriais”, CETESB, São Paulo, SP.
- BRITO, LEONARDO H. NOVY DE C. ET AL. 2001, “Otimização de um Reator UASB compartimentado aplicado ao tratamento de Esgotos Tipicamente Domésticos” In: *Anais do 21º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- BRANCO, S. M., 1986, “Hidrobiologia Aplicada à Engenharia Sanitária”, 3 ed., CETESB, São Paulo, SP.
- BROSTEF, RAQUEL DE CARVALHO C. ET AL, 2001, “Análise Comparativa do Desempenho de Estações de Tratamento de Esgotos do Distrito Federal” In: *Anais do 21º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- CAMMAROTA, M. C., 2008, “Tratamento de Efluentes Líquidos – Notas de Aula”. EQB-482 Engenharia de Meio Ambiente. Escola de Química/ UFRJ
- CAMPOS, J. R., 1999, *Tratamento de Esgotos Sanitários por Processo Anaeróbico e Disposição Controlada no Solo*, 1^a ed, Rio de Janeiro, Brasil, ABES, Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental – ABES, Projeto PROSAB
- CARVALHO, KARINA QUERNE DE ET AL, 2003 “Comparação entre resposta dinâmica de diferentes Configurações de Reatores UASB submetidos a vazão Cíclica Diária: Modelo Matemático Simplificado” In: *Anais do 22º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária Ambiental*, Joinville, SC, Brasil.
- CARVALHO, KARINA QUERNE ET AL, 2005, “Influência da Variação Cíclica de Carga Hidráulica no Comportamento do reator UASB” In: *Anais 23º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Campo Grande, MS, Brasil.
- CHERNICHARO, C. A. de L., 2008 – “Princípios do Tratamento Biológico de Águas Residuárias – Reatores Anaeróbios – Vol. 5.”
- COLARES, EVANDRO RICARDO DA COSTA ET AL, 2005, “Influência da Temperatura dos Esgotos Domésticos na Remoção de Matéria Orgânica e Sólidos Suspensos em Reator de Manta de Lodo – ETE Esmeralda” In: *Anais 23º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Campo Grande, MS, Brasil.

- CORD-RUWISH, R., KLEINITZ, W. and WIDDEL, 1987, "F. Sulfate - reducing bacteria and their activities in oil Production". *Journal of Petroleum Technology*, pp. 97-106.
- COSTA, D.F., 2006, "Geração de energia elétrica a partir do biogás do tratamento de esgoto". Dissertação de Mestrado. Programa Interunidades de Pós-Graduação em Energia (PIPGE) da Universidade de São Paulo. 194 p. São Paulo.
- COURA, MÔNICA DE AMORIM ET AL, 2003, "Comportamento do Sistema Anaeróbio – Aeróbio com o Reator Anaeróbio de Fluxo Ascendente e Manta de Lodo e o Sistema de Lodo ativado no Tratamento de Esgoto Doméstico em Região Tropical" In: *Anais do 22º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Joinville, Santa Catarina.
- CRUZ, ELAINE PEREIRA ET AL, 2005, "Estabilidade e Eficiência Operacional do Sistema Combinado de Reatores UASB/Filtro Anaeróbio, Tratando Águas Residuárias Domésticas" In: *Anais 24º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Belo Horizonte – MG.
- GIORDANO, GANDHI, 2008, "Tratamento e Controle de Efluentes Industriais - Notas de Aula", UERJ, RJ
- GOMES, CELSO SAVELLI ET AL, 2007, "Escumas como Pesadelos dos Tratamentos Ralf e UASB, para Esgotos Sanitários" In: *Anais 24º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- JORDÃO, E. P., PESSÔA, C. A., 2005, "*Tratamento de Esgotos Domésticos*". 4^a ed., Rio de Janeiro, Editora SEGRAC, 906 p.
- LEITÃO, RENATO CARRHÁ ET AL, 2005, "Sedimentabilidade do Lodo de Reatores UASB" In: *Anais 23º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Campo Grande, MS, Brasil.
- LEITE, VALDERI DUARTE, ET AL, 2001, "Estimativa do Potencial de Corrosão e Toxicidade e Ocorrência de Odores Desagradáveis devido às Espécies de Enxofre Presentes em Águas Residuárias" In: *Anais 21º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- LOBATO, LIVIA CRISTINA DA SILVA ET AL, 2005, "Avaliação de Desempenho da Pré-Operação dos Reatores UASB da ETE Onça: Capacidade Instalada 2,05 m³/s" In: *Anais 24º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Belo Horizonte – MG.
- MAHMOUD, N.; ZEEMAN, G.; GIJZEN, H. ET AL, 2003, "Solids Removal in Upflow Anaerobic Reactors, a Review", *Bioresource Technology*, No. 90, pp. 1-9.
- MCCARTY, P.L., 2001, "The Development of Anaerobic Treatment and its future". *Wat. Sei. Tech*, v.23, n. 3, p. 665-685.
- METCALF & EDDY, 1991, *Wastewater engineering: treatment disposal reuse*. 3 ed. USA, McGraw-Hill Book Company, 1265pp.
- METCALF & EDDY, 2003, *Wastewater engineering: treatment and reuse*. 4 ed. USA, McGraw-Hill Book Company, 1771pp.
- MORAIS, JULIANA CARDOSO DE ET AL. 2001, "Avaliação de um Sistema UASB para Tratamento de Esgotos Domésticos em Jaboatão dos Guararapes, Pernambuco" In: *Anais do 21º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Rio de Janeiro, Brasil.
- MORAIS, JULIANA CARDOSO DE ET AL. 2003, "Efeito da Temperatura em Reatores UASB Termofílicos Redutores de Sulfato, utilizando Metanol como doador de Elétron" In: *Anais do 22º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Joinville, Brasil.
- NUNES, CAMILA FERNANDES ET AL, 2007, "Concepção, Construção e Partida de um Reator Anaeróbio do Tipo Manta de Lodo Convencional em Escala de Laboratório" In: *Anais 24º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- PENNA, J.A. - Estudo da metodologia do teste de atividade metanogênica específica. Tese de doutorado. Escola de Engenharia de São Carlos – USP, 1994.

- PONTES, P.P.; CHERNICHARO, C. A . L.; FRADE, E.C. e LOBATO, L.C.S., 2003, “Tratamento combinado de esgoto sanitário e lodo aeróbio de retorno em um reator UASB com otimização do sistema de descarte de lodo” In: *Anais 22º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Joinville, SC, Brasil.
- ROCHA, N.E.P; VON SPERLING, M.; CHERNICHARO, C. *ET AL.*, 2003, “Avaliação de Desempenho e Determinação do Perfil de Sólidos de um Reator UASB em Escala Real”. In: *22o Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Joinville, Santa Catarina, Brasil.
- SILVA, Ana Lycia Barreira da, 2003, “Avaliação do Comportamento da Biomassa Metanogênica do Lodo Proveniente de UASB Digerindo Lodo Aeróbio de Descarte, Através do Teste de Atividade Metanogênica Específica”, In: *22o Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Joinville, Santa Catarina, Brasil.
- SOUBES M, 1994, “Microbiologia de La Digestion Anaerobia”, In: *Anais III Taller y Seminario Latinoamericano: Tratamiento Anaeróbio de Águas Residuales*. Montevideo, Uruguay, 15-28.
- SOUZA, CLAUDIO LEITE ET AL, 2007, “Ocorrência de Escuma em Reatores UASB Tratando Esgotos Tipicamente Domésticos: Caracterização Quantitativa e Qualitativa” In: *Anais 24º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- SOUZA, CLAUDIO LEITE ET AL, 2007, “Escuma do Decantador de um Reator UASB Tratando Esgotos Tipicamente Domésticos: Caracterização em período Prolongado de Acumulação” In: *Anais 24º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- TEIXEIRA, ANA RAQUEL ET AL, 2005, “Influência do Peneiramento Forçado do esgoto Bruto no Desempenho de Reator UASB Tratando Esgoto Doméstico” In: *Anais 23º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Campo Grande, MS.
- TEIXEIRA, ANA RAQUEL ET AL, 2005, “Caracterização e Avaliação de Tratabilidade do Material Retido em Unidade de Peneiramento Forçado de Esgoto Bruto” In *Anais 23º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Campo Grande, MS.
- THOMAS, EDUARDO, PROF., 2008, Notas de Aula “Patologia Estrutural – Fissuração”, Instituto Militar de Engenharia, IME, RJ, Brasil.
- TRAJANO, ADRIANA S. ALEXANDRIA ET AL, 2003, “Tratamento Anticorrosivo Essencial para a Durabilidade de Reatores de Aço” In *Anais 22º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental*, Joinville, SC.
- VAN HAANDEL, A. C.; LETTINGA, G., 1994, *Tratamento anaeróbio de esgoto. Um manual para regiões de clima quente*, Universidade Federal da Paraíba, Campina Grande, PB, Brasil.
- VERSIANI, BETINA MACIEL ET AL, 2005, “Fatores Intervenientes no Desempenho de um Reator UASB Submetido a Diferentes Condições Operacionais” In: *Anais do 23º Congresso Brasileiro de Engenharia Sanitária Ambiental*, Campo Grande, MS.
- VIEIRA, S.M.M.& SOUZA, M.E, 1981. Métodos analíticos para o acompanhamento da digestão anaeróbica. *Engenharia: Fontes Alternativas*, 3 (15): 26-36.
- VON SPERLING, M., 1996, *Introdução à Qualidade das Águas e ao Tratamento de Esgotos – Princípios do Tratamento Biológico de Águas Residuárias v. 1.* 2^a ed., Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
- VON SPERLING, M., 1998, *Princípio do Tratamento de Esgotos – Princípios do Tratamento Biológico de Águas Residuárias v. 2.* 1^a ed., Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

WEBER, M. I., 2006, “Avaliação da Eficiência de um reator Anaeróbio de Leito Fluidizado para o Tratamento de Resíduos Líquidos da Indústria de Refrigerantes”, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.

WEF, Manual Practice No. 8, 1992, “*Design of Municipal Wastewater Treatment Plants – Volume II. American Society of Civil Engineers. New York, NY.*”

YSPEERT P. VEREIJKEN T. VELLINGA S. & DE VEGT A., 1995, “The IC Reactor for Anaerobic Treatment of Industrial Wastewater. In: *International course on Anaerobic Treatment.* Wageningen Agricultural University/ IHE Delft. Wageningen.